

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR

SILVIA CARLA SÉRGIO

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA:
UMA ANÁLISE DA OBRA *FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS*, DE
RAIMUNDO LÚLIO (1232- 1316).

SILVIA CARLA SÉRGIO

PARANAVAÍ
2020

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA:
UMA ANÁLISE DA OBRA *FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS*, DE
RAIMUNDO LÚLIO (1232- 1316).**

SILVIA CARLA SÉRGIO

**PARANAVAÍ
2020**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA:
UMA ANÁLISE DA OBRA *FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS*, DE
RAIMUNDO LÚLIO (1232- 1316).**

Dissertação apresentada por SILVIA CARLA SÉRGIO, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN.

PARANAÍ
2020

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranavaí
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

S484c Sérgio, Silvia Carla
Contribuições da literatura para a formação humana: uma análise da obra
Félix: o livro das maravilhas, de Raimundo Lúlio (1232-1316) / Silvia Carla
Sérgio. – Paranavaí: Unespar, 2020.
xi, 127 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de
Paranavaí, Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente
Interdisciplinar - PPIFOR; área de concentração: Formação Docente
Interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin;
Banca examinadora: Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva, Profa. Dra.
Terezinha Oliveira.

Bibliografia

1. Educação. 2. Literatura Medieval. 3. Ensino I. Título. II. Lúlio, Raimundo.
III. Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente
Interdisciplinar.

CDD 20. ed. 807

SILVIA CARLA SÉRGIO

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA:
UMA ANÁLISE DA OBRA *FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS*, DE
RAIMUNDO LÚLIO (1232- 1316).**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Conceição Solange Bution Perin (Orientadora) –
UNESPAR.

Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva – UNESPAR - Paranavaí.

Prof.^a Dr.^a Terezinha Oliveira – UEM.

Data de Aprovação:

28/02/2020

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo àqueles que acreditaram em mim, me apoiaram e me fortaleceram durante esta jornada de estudos. Ao meu esposo e amigo, Igor, que dedicou muito do seu tempo e paciência me incentivando e colaborando com meus estudos. À minha filha Yasmin, pelos momentos de carinho dedicados e no acompanhamento das leituras, quando acariciava minhas mãos. Aos meus pais, Maria Aparecida e Antonio Sérgio, por toda a dedicação e todo o comprometimento ofertados a mim durante toda a minha trajetória acadêmica. À minha querida orientadora, Conceição Solange, pelo exemplo de sabedoria que levarei durante toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Penso que ao concluirmos uma etapa em nossas vidas nunca o fazemos sozinhos, pois contamos com o apoio das pessoas que nos amam e colaboram para nosso sucesso. Dessa forma, agradeço...

À Professora Terezinha Oliveira e ao Professor Ricardo Tadeu Caires Silva, pelas considerações durante o processo de qualificação e pelo carinho ao enviar o trabalho com anotações e sugestões.

À minha orientadora, Conceição Solange Bution Perin, que, com toda a dedicação de mestre, me conduziu neste processo, permitindo experiências que educaram para muito além da vida acadêmica. Sua passagem pela minha vida será eternamente lembrada.

À minha família, meus pais, Antonio Sérgio e Maria Aparecida Minelli Sérgio, por toda a dedicação para que eu pudesse continuar meus estudos e tornar-me uma profissional da educação. Ao meu querido esposo, Igor de Alcântara Ayres, pelos momentos de dedicação e por acompanhar-me durante o processo de estudos, tanto para conseguir o ingresso no programa quanto nas minhas viagens e estudos. Agradeço à minha filha, Yasmin Sérgio Ayres, que, apesar de tão pouca idade, possui uma grande capacidade de compreender a importância dos estudos para minha vida e me acompanha em todos os momentos.

O bom estudante deve ser humilde e manso, inteiramente alheio aos cuidados do mundo e às tentações dos prazeres, e solícito em aprender de boa vontade de todos. Nunca presuma de sua ciência; não queira parecer douto, mas sê-lo; busque os ditos dos sábios, e procure ardentemente ter sempre os seus vultos diante dos olhos da mente, como um espelho. (Hugo de São Vitor. Opúsculo sobre o modo de meditar).

SÉRGIO, Silvia Carla. **Contribuições da literatura para a formação humana: uma análise da obra *Félix - o livro das maravilhas*, de Raimundo Lúlio (1232-1316).** 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Conceição Solange Bution Peri. Paranavaí, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa foi uma análise da obra *Félix - o livro das maravilhas*, escrita por Raimundo Lúlio, e a contribuição por sua intencionalidade educativa referente ao homem medieval. O objetivo principal foi o de compreender a educação intelectual e moral, tratada por Lúlio, em busca de uma formação que preparasse o homem para a vida em comunidade e para o seu bem comum. Para desenvolver este trabalho, foi utilizada a História Social sugerida por Marc Bloch (1886-1944), como base para compreender as relações sociais, culturais e filosóficas, que permeavam as reflexões do autor Raimundo Lúlio. A literatura expressa e registra como pensavam e agiam os homens em diferentes períodos históricos, e a História oferece registros e investigações sobre fatos que os comprovem. Nesta análise, dialogou-se com autores como: Jacques Le Goff (1924-2004), Franco Junior, Terezinha Oliveira, entre outros, que se dedicaram ao estudo das diferentes produções do final do século XIII e início do XIV e discutiram a produção intelectual do homem, pensamento e sociedade medieval, na busca de considerar a sua relevância para a compreensão da sociedade retratada nas obras. A partir da pesquisa dedicamos um capítulo para apresentar a importância da literatura para o ensino.

Palavras-chave: Educação. Literatura Medieval. Raimundo Lúlio. Ensino.

SÉRGIO, Silvia Carla. **Contributions from literature to human education: an analysis of the work *Felix - the book of wonders, from Raimundo Lúlio (1232-1316)***. 127 p. Thesis (Master's in Teaching) – State University of Paraná - Campus Paranavaí. Supervisor: Conceição Solange Bution Peri. Paranavaí, 2020.

ABSTRACT

This research was an analysis of the book *Felix - the book of wonders*, written by Ramon Llull, and its contribution for the educational intentionality regarding the medieval man. The main objective was to understand the intellectual and moral education, treated by Lúlio in search of a formation that prepared man for life in community and for his common good. In order to develop this work, we used the Social History suggested by Marc Bloch (1886-1944), as a basis for understanding the social, cultural and philosophical relations that permeated Ramon Llull's reflections. Literature expresses and records how men thought and acted in different historical periods, and history offers records and investigations into facts that prove them. In this analysis, we had a dialog with authors such as Jacques Le Goff (1924-2004), Franco Júnior, Terezinha Oliveira, among others, who dedicated themselves to the study of the different productions of the late 13th and early 14th centuries, and discussed the intellectual production of man, thinking and medieval society, seeking to consider their relevance to the understanding of the society portrayed in the works. Based on the research, we dedicated a chapter to present the importance of literature for teaching.

Keywords: Education. Medieval Literature. Ramon Llull. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da península Ibérica 1270-1492.....	21
Figura 2 - Cristandade em 1212.....	24
Figura 3 - A Cristandade em 1346	25
Figura 4 - Da Arte breve de Ramon Llull	91
Figura 5 - Fábula <i>A Tartaruga e a Lebre</i>	112
Figura 6 – Fábula <i>O Leão e a Lebre</i>	113
Figura 7 – Fábula <i>A Garça e o Caranguejo</i>	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A cultura literária medieval: uma introdução	44
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERSPECTIVA HISTÓRICA E LITERÁRIA DE LÚLIO	17
2.1 A ESCOLÁSTICA	33
2.2 A INFLUÊNCIA DAS ORDENS MENDICANTES	39
2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA MEDIEVAL	42
2.4 A LITERATURA EXEMPLARISTA LULIANA	45
3 VALORES EDUCACIONAIS DESTACADOS POR LÚLIO EM SUAS OBRAS ...	51
3.1 OBJETIVOS EDUCACIONAIS DE LÚLIO EM FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS	52
3.2 REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE MEDIEVAL	68
3.3 AS REPRESENTAÇÕES DE VIRTUDE PARA LÚLIO.....	74
3.4 A ARTE LULIANA	85
4 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA	94
4.1 A FÁBULA E SEU CARÁTER EDUCADOR.....	100
4.2 A FÁBULA MEDIEVAL: O LIVRO DAS BESTAS	103
4.3 UM REFERENCIAL PARA TRABALHAR AS FÁBULAS ENCONTRADAS NO LIVRO DOS ANIMAIS	111
5 CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	122

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a obra *Félix - o livro das maravilhas*, escrita por Raimundo Lúlio (1232-1316). Analisamos algumas contribuições de sua literatura para a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem do período entre o final do século XIII e início do XIV, com o objetivo de observamos como a literatura expressa e registra as mudanças na forma de pensar e agir dos homens.

No ano de 2003, concluí minha graduação em Licenciatura Plena em Letras, pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Paranaíba, que, atualmente, é Campus da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Desde então, durante a minha vida profissional como professora de Língua Portuguesa, sempre tive o interesse em compreender um pouco mais sobre educação.

Com o início de minha atuação junto ao Núcleo Regional de Educação (NRE), onde atuo desde 2009 como docente em cursos de formação continuada para professores da rede pública de educação, tenho dedicado meus estudos e pesquisas a temas relacionados ao ensino e à atuação docente no desenvolvimento educacional. Assim, ao iniciar no Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) da UNESPAR tive a oportunidade de estudar e pesquisar sobre o ensino em algumas obras clássicas literárias do período medieval escritas por Raimundo Lúlio, especificamente dos séculos XIII e XIV.

Pensamos na relevância de estudar esse autor, pois Lúlio retratava a necessidade de formação do homem por meio de preceitos religiosos, éticos e morais, afirmando que a criança deveria conhecer os bons exemplos, desenvolver as virtudes e evitar os vícios em busca de uma vida social virtuosa.

Para desenvolver este trabalho nos fundamentamos na História social, pois o nosso objetivo é analisarmos por meio das obras de Lúlio e de outras fontes históricas que nos permitem entender o homem, as questões educacionais que envolvem a sociedade do contexto estudado.

A História Social estuda a vida do homem no tempo, investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram como sociedade. Dessa forma, no nosso entendimento, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem como ser que constrói e desenvolve sua história. Marc Bloch (1886-1944) ressalta a relevância literária e reconhece a literatura como aquela que exprime os sentimentos dos homens e da sociedade, possibilitando sua melhor compreensão:

Decerto, fora nestes poemas, antes de mais nada, que o grande político aprendera a refletir sobre a história. A bem dizer, a concepção de vida que as gestas exprimiam, sob muitos pontos de vista, mais não fazia do que refletir a do seu público: em toda a literatura, uma sociedade contempla sempre a sua própria imagem. (BLOCH, 1987, p. 119).

Segundo Bloch, a literatura reflete a imagem de determinada sociedade, seus aspectos culturais e o modo como seus membros agiam e pensavam. Isso possibilita ao leitor compreender as características de determinada sociedade e seu período histórico. A literatura luliana, a qual destacamos neste estudo, contribui para nos remetermos à sociedade medieval e sua organização, em busca da apreensão do contexto histórico do período, sobretudo no que tange aos aspectos culturais.

Considerando a importância de estudar os clássicos literários em busca de conhecimentos necessários ao entendimento do homem e sua constituição social, reportamo-nos à autora Hannah Arendt (1906-1975), em sua obra *Entre o Passado e o Futuro*. Nela a autora destaca a necessidade de a escola trabalhar a visão dos alunos em relação ao conhecimento do passado, de suas tradições e memórias, que são parte do conhecimento sobre o mundo. Para Arendt, a escola e o professor atuam com autoridade quando apresentam a criança ao mundo adulto, para que possa conhecer e valorizar sua história e memória. Segundo Arendt (2011, p. 146), a “[...] função da escola é ensinar às crianças como o mundo é [...]”; isso significa não apenas reconhecer o momento presente, mas também as contribuições e inferências históricas. “Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas (as crianças), a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente [...]”.

Acreditamos que a literatura pode oferecer a oportunidade de o aluno compreender melhor algumas questões do presente pelo estudo do passado, sem descontextualizá-los historicamente. A literatura possibilita ao leitor observar as diferentes experiências vividas pelo homem e compreender que elas estavam diretamente ligadas às crenças e às tradições de seu momento histórico. Desta forma, a possibilidade de estudar o passado sem um olhar de julgamento sobre as concepções do presente.

Por intermédio da literatura, temos a possibilidade de acessar conhecimentos que nos trazem a compreensão não só do passado, mas também das características contemporâneas, já que estas são reflexos do desenvolvimento humano. Podemos aprimorar nossos horizontes tendo em vista que “[...] o passado é, por definição, um

dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa [...]” (BLOCH, 2001, p. 75).

Nessa perspectiva, estudamos uma obra clássica¹ escrita no século XIII, *Félix - o livro das maravilhas*, para analisar e compreender o ensino e comportamentos do período. Segundo Bloch, é este o objeto da história que é feita por ele e para ele, “[...] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar [...]” (BLOCH, 2001, p. 54). Acreditamos ser importante o acesso aos conhecimentos históricos e de diferentes áreas do desenvolvimento humano, que fomentam suas ações e o funcionamento da sociedade, não sendo possível dissociar e compreender a sociedade e o homem atual sem relacioná-los à sua historicidade.

Percebemos que a obra *Félix - o livro das maravilhas* é um tratado sobre os estudos que integram a sabedoria de Deus, o mundo e o ser humano. Lúlio apresenta-nos a busca por saberes secular e divino, para a retomada de valores que considerava perdidos pela sociedade e que só poderiam ser trabalhados sobre um forte alicerce espiritual.

O que Lúlio considerava como virtude estava intimamente ligada à religião, com forte preocupação para uma educação voltada ao bem agir. Para Lúlio, o que solucionaria as adversidades humanas era o conhecimento de Deus, tendo como único meio para isso a aquisição da virtude.

Entendemos que o pensamento de Lúlio possui base Aristotélica, uma vez que Lúlio defende a virtude e o vício diretamente ligados ao desenvolvimento de hábitos². Para Aristóteles, ninguém nasce virtuoso ou vicioso, mas desenvolve esses predicativos de acordo com suas ações. Desse modo, somente ao praticar ações virtuosas é que o homem se torna virtuoso.

As coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as – por exemplo, os homens se tornam construtores

¹ Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e, atrás de si, os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Além de representarem as memórias individuais ou coletivas do período em que foram escritas, colaboram para a compreensão das transformações históricas, sociopolíticas, educacionais e toda a organização social que caracterizaram cada período (CALVINO, 2007).

² Entendemos por hábito os comportamentos que os homens praticam no seu agir.

construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e corajosos agindo corajosamente. (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, II, 1103 b)³.

Para Aristóteles, é pelas diferentes experiências que o homem desenvolve o senso de bem e de mal, do certo e do errado. “[...] na prática de atos que temos de engajar-nos justos ou injustos [...]” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, II, 1153 b). Assim, quando praticamos atos bons, tornamo-nos virtuosos e, ao praticarmos atos maus, tornamo-nos viciosos. Com essa base de pensamento, Lúlio propunha que os sujeitos pudessem ser desenvolvidos na religião, no conhecimento de Deus e na conversão dos infiéis, com um diálogo aberto, usando a razão, para que pudessem desenvolver-se virtuosamente.

A obra *Félix - o livro das maravilhas* trata de valores importantes para a sociedade medieval. Os temas são desenvolvidos em 10 livros, a saber: I. Deus, II. Anjos, III. Céu, IV. Elementos, V. Plantas, VI. Metais, VII. Bestas (animais), VIII. Homem, IX. Paraíso e X. Inferno. Nessas passagens, é possível verificar a intenção do autor em demonstrar a gigantesca obra criada por Deus, conhecer e servir a Ele e assim ter sua alma salva. Sua principal preocupação, nessa obra, é o homem, que, segundo Lúlio, é a união da natureza e do espírito criado por Deus. Conhecer a essência do homem e o mundo que o rodeia pode ajudar a compreender honrar e amar a Deus. Para Lúlio, o homem é o centro de toda a criação. Segundo Domínguez Reboiras (1997), no homem, há a união da realidade espiritual com a natureza corporal e, por isso, ele é o vínculo que sustenta toda a criação.

Observamos a preocupação de Lúlio em desenvolver uma obra literária que auxiliaria na educação do homem medieval. Algo que podemos relacionar com a formação do homem, independentemente do tempo histórico e do contexto social em que esteja inserido. A leitura dessa obra é o ponto de partida para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico em que se desenvolveu a Arte Luliana.

Dessa forma, para organizar os pontos principais da pesquisa, dividimos o trabalho em três seções. Na primeira, desenvolvemos um estudo sobre algumas características da literatura medieval, mais especificamente do final do século XIII e

³ Neste trabalho, as fontes das citações de obras clássicas (até o século XVIII), como no caso das obras de Aristóteles e Raimundo Lúlio, seguirão as normas próprias consagradas pela tradição conforme consta nas normas sugeridas nas apresentações de trabalho acadêmico proposta pela Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <https://gtseam.wixsite.com/xviiiieam/info-inscricao>. Acesso em: 10 out. 2019.

início do XIV, tecendo considerações sobre o contexto histórico em que viveu Raimundo Lúlio. Na segunda seção, analisamos a obra *Félix - o livro das maravilhas* e sua contribuição para a formação humana. Observamos, nessa perspectiva, a presença e a influência das ideias e das concepções religiosas para a formação cultural e educacional do homem do século XIII-XIV.

Na terceira seção, analisamos a importância da obra, como a oportunidade de observarmos os ensinamentos de Lúlio, utilizando as narrativas, mais especificamente as fábulas. Também propomos uma sugestão de sequência de atividades, para que professores possam utilizar o trabalho com as fábulas em suas aulas.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA E LITERÁRIA DE LÚLIO

Nesta seção, fazemos algumas considerações acerca do contexto histórico em que a produção luliana está inserida, bem como algumas correntes de pensamento que influenciaram sua escrita e sua maneira de ver e retratar o mundo. Essas considerações sobre o contexto de produção das fontes oferecem ao nosso estudo os instrumentos necessários para a análise e maior clareza sobre nosso objeto de pesquisa.

Para compreendermos o contexto em que viveu Lúlio, entre os anos finais do século XIII até a primeira metade do século XIV, é necessário buscar na historiografia, as bases de uma civilização constituída sob o comando de teólogos e nobres e as constantes disputas por território e poder entre povos do Oriente e do Ocidente. Como nos apresenta Le Goff (2005), a nobreza exercia forte influência sobre territórios cristãos, onde se assentaram as bases educacionais e as diferentes produções literárias. Um dos oponentes a essa hegemonia era a representação de outras religiões, como, no caso, o Islã, povo muçulmano que se estabelecia por meio da conquista de territórios da Península Ibérica. Para a instituição cristã, esses povos islâmicos representavam uma ameaça numérica, pois conquistavam cada vez mais novos territórios. Para os cristãos, os islâmicos representavam motivo de desconforto, inclusive na terra natal de Lúlio (Palma de Maiorca), onde a ocupação e a convivência entre ambas as religiões eram motivo de tensões culturais.

Os homens do século XIII pensavam uma formação que exigia novas necessidades de comunicação, socialização, valores sociais e na produção de saber nas escolas e nas universidades. Nesse sentido, para que os diferentes conhecimentos pudessem ser disseminados e explorados, a memória tornou-se fundamental para a educação. Podemos destacar, aqui, duas maneiras pelas quais ela era disseminada no medievo: em primeiro lugar, pela escrita, por meio de clérigos e mestres universitários, por exemplo, que dominavam o processo da escrita e relatavam os hábitos e os costumes da vida cotidiana dos homens; em segundo, pela oralidade que desempenhava um papel fundamental na sociedade medieval. Muitos homens não dominavam o processo da escrita e utilizavam-se da oralidade para manterem vivas suas memórias. “Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continua ao lado da escrita e a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval [...]” (LE GOFF, 1984, p. 29). Segundo o historiador, o uso da

oralidade e da escrita contribuiu para que os homens comuns preservassem sua história por meio dos fatos memorizados.

A obra literária de Lúlio reflete grande preocupação com o ato de lembrar e entender os princípios cristãos de conduta e fé na busca da salvação. Lúlio, em *Doutrina para crianças (2010)*, afirmou que “[...] amável é a minha alma relembrar que te engendrei e ter esperança de que serás salvo, e será odioso se te vir pecador e teus pecados me significarem que estarás danado [...]” (LÚLIO, *Doutrina para crianças*, XII,15). Por meio de preceitos presentes em sua produção, há a possibilidade de desenvolver no homem uma formação virtuosa, baseada nos valores morais cristãos.

As relevantes informações deixadas por Lúlio, em sua obra *Vida Coetânea (1311)*, possibilitam-nos compreender sua vida e sua obra. O autor vinha de uma família enobrecida pelo direito de conquista, pois seu pai lutou pela reconquista da ilha Palma de Maiorca das mãos dos muçulmanos e como recompensa recebeu terras da coroa. Passou sua infância entre a corte real e teve uma educação característica da nobreza do século XIII. Uma educação cavaleiresca, que o ensinou a arte das armas e de trovar, mas que não priorizava a arte das letras. Iniciou com uma produção literária trovadoresca, pois, quando jovem, escrevia poesias com o intuito de conquistar e cortejar as jovens da nobreza, período que considerava, após sua conversão, como uma vida mundana e pecaminosa. Foi senescal (oficial da nobreza) do Rei Jaime II de Maiorca e escrevia versos e cantigas amorosas.

Por volta dos 40 anos de idade, Lúlio mudou radicalmente sua intencionalidade literária, passando a produzir de acordo com algumas metas: sofrer o martírio a serviço de Cristo, escrever o “melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis” e fundar uma escola de idiomas para formar missionários capazes de levar a palavra de Cristo a povos de diferentes línguas.

Lúlio baseava sua obra não só na interpretação da Bíblia para defender a existência de Deus, pois, segundo ele, ela não trazia sozinha as contribuições necessárias para o trabalho entre diferentes religiões. Em sua obra, podemos perceber que era adepto ao fato de que cada religião não deveria proclamar pelo silêncio e pela passividade, mas, sim, pela verdadeira exposição de suas crenças e suas convicções, compreendendo e expondo os pontos de divergência e de convergência das diferentes crenças. Ele propôs os debates entre os diferentes credos e a necessidade de que, para isso, deveria haver conhecimento não só da

linguagem e da religião do locutor, mas também sobre a do seu interlocutor. Ele mesmo procurou estudos que o levassem a conhecer melhor a religião professada pelo outro.

Lúlio buscou uma perspectiva de trabalho missionário⁴ que incluía o estudo da filosofia e da língua árabe. Sua produção literária, além de contemplar o latim, também usou o catalão e o árabe, valorizando as diferentes realidades linguísticas do público para o qual desejava disseminar sua escrita. Para levar sua mensagem ao povo, ele utilizou, antes do latim, a língua vernácula da sua região, no caso o catalão.

O historiador Anthony Bonner (1989) em sua *Obres Selectes de Raimundo Lúlio* (1232-1316), procurou dividir a vida literária de Lúlio, composta por mais de duzentas obras, em fases. Assim buscou facilitar o entendimento das características mais marcantes em cada uma delas.

1. *Fase pré-artística* (1271-1274, fim da época de estudo até sua visão no monte Randa), antes de decidir dedicar sua vida como missionário Cristão.
2. *Fase quaternária* (1274-1289), subdividida em dois “ciclos” (Ciclo da *Ars compendiosa inveniendi veritatem* [1274-1283] e Ciclo da *Art demonstrativa* [1283-1289]).
3. *Terceira fase* ou *Fase ternária* (1290-1308), período caracterizado por uma tentativa de facilitar a compreensão de sua *Arte* - *Arte Breve*.
4. *Fase pós-artística* (1308-1315) - já com mais de 70 anos, Lúlio passou a se preocupar com problemas concretos, filosóficos [campanha anti-averroísta] além de livros polemistas.

Nascido na Ilha de Maiorca, em 1232, Lúlio viveu em uma época de grandes transformações sociais, culturais e religiosas, que influenciaram sua vida e sua obra. Durante os séculos X a XIV, a região que hoje é conhecida como Europa não possuía essa denominação nem a mesma determinação geográfica. Esta região estava as voltas com um grande movimento de expansão da fé cristã. A Espanha, por exemplo, pela descoberta dos restos mortais de São Tiago em Compostela,

⁴ Destacamos em nosso estudo a palavra missionário e não mendicante para designar o trabalho de Lúlio por observar que os estudiosos citados em nossa pesquisa bem como o próprio Lúlio não se definia como mendicante, nem seguia nenhuma ordem. Porém seguia alguns preceitos do trabalho missionário em levar a palavra e conhecimento sobre Deus aos homens.

passou a receber peregrinos de várias regiões, fato que a tornou uma espécie de Terra Santa para os Cristãos (COSTA, 1998).

A Ilha de Maiorca, na Península Ibérica, que até então estava sob controle dos Muçulmanos, com ajuda do exército liderado por Jaime I, em 1229, passou novamente às mãos dos cristãos. Os povos não cristãos, que pertenciam a essas regiões reconquistadas, permaneceram no território.

Os judeus foram incentivados política e economicamente a permanecerem na ilha, mantendo sua identidade religiosa, seus locais de culto e de ensino, seus espaços de trabalho e uma boa relação com os comerciantes genoveses em Maiorca. Já os muçulmanos enfrentaram forte hostilidade. Muitos foram escravizados e perderam a liberdade para professar a fé, por serem considerados infiéis ao cristianismo. A convivência entre essas religiões e os cristãos gerava conflitos de crenças e de comportamentos, que precisava ser um ponto de preocupação da coroa. Em nome das necessidades econômicas mais urgentes, a população precisava desenvolver uma maior tolerância religiosa e defender a manutenção de suas crenças.

A Ilha de Maiorca estava situada em uma estratégica posição comercial do Mediterrâneo, o que lhe possibilitava uma grande movimentação de comerciantes e contatos, que lhe dava um *status* importante entre as regiões da península. Além da forte participação comercial, possuía uma vasta e rica cultura, principalmente por possuir povos de diferentes nações.

Figura 1 – Mapa da península Ibérica 1270-1492



Fonte: <https://historiativanet.files.wordpress.com/2010/08/imagen2.jpg>

Boa parte do território da ilha era ocupada por muçulmanos (livres e escravos), por islâmicos e por judeus, que atuavam em diferentes atividades econômicas, culturais e diplomáticas. Esses povos foram fundamentais para a organização econômica e política, pois, além de serem conhecedores das línguas e da cultura de cristãos e de muçulmanos, atuavam ativamente nas atividades comerciais, principalmente no comércio de ouro (BONNER, 1989).

Lúlio relata, em sua *Vida Coetânea*, que em sua juventude, mesmo casado com Blanca Picany, com quem teve dois filhos, mantinha uma vida desregrada. Aos cerca de quase 40 anos de idade, sua vida teve uma total transformação, pois, após uma série de visões sobrenaturais, nas quais repetidamente lhe apareceu Jesus crucificado, passou a refletir sobre seus significados e sobre o que a divindade esperava dele.

Segundo o professor Miguel Batllori (2016), na apresentação da tradução da obra *Félix - o livro das maravilhas* para o espanhol, a iluminação no monte Randa tornou Lúlio conhecido entre seus admiradores como Doutor Iluminado. No entanto, Lúlio ofereceu ricas pistas de que essa iluminação era fruto natural de seus estudos

filosóficos e teológicos sobre as religiões cristã e muçulmana, em busca de um método de evangelização dirigido aos muçulmanos.

Mesmo se considerando indigno de servir a Cristo e propagar sua existência e fé, ele questionava o porquê daquelas visões e se realmente não havia ali um propósito maior: o de mudar sua vida, até então digna de piedade e de consternação, para uma vida de louvor e de servidão a Cristo e sua causa maior (BONNER, 1989). O trecho a seguir traz a descrição de Lúlio sobre sua visão e reflexão para uma possível mudança de comportamento de vida:

E com, d'altra part, argüís en si mateix ésser indigne de servi-lo, atesa la vida que fins en aquell dia havia tinguda, estec molt acongoixat tota aquella nit, pregant nostro Senyor que l'illuminàs, e, remirant en si mateix la granmansuetud, paciència e misericòrdia la qual nostro Senyor ha envers lospecadors, confortà's e hac verdadera confiança ab nostro Senyor que, no obstant la vida que fins en aquell jorn havia tinguda, voluntat era de nostro Senyor que ell totalment se donàs en sa servitud.⁵ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 4).

Essa reflexão levou-o a uma determinação: abandonar os bens materiais, sua vida e sua família para seguir uma missão: a conversão dos infiéis, os não católicos.

En una ciudad vivía un noble burgués que tenía esposa e hijos y grandes riquezas. Aquel burgués deseaba intensamente ser servidor de Dios y no quería otro amor en su interior sino el amor de Dios. Sin embargo la mujer, los hijos, las honras y riquezas que tenía le impedían dedicarse a amar a Dios como él deseaba amarlo. El burgués se separó de su mujer, que no se opuso, dándoles a ella y a sus hijos todo cuanto tenía excepto un cobertizo y una viña, que retuvo para la necesidad de su cuerpo. Fue entonces, mucho mejor que antes, cuando aquel burgués pudo dedicarse a la contemplación de Dios; aunque a veces el cobertizo y la viña que poseía le impedían pensar en Dios. Por amor a Dios se desprendió el burgués de cobertizo y de la viña que poseía, y así pudo pensar más en Dios que antes.⁶ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 60).

⁵ “E como se repreendesse por ser indigno de servi-Lo, dada a vida que teve até aquele dia, estive muito angustiado toda aquela noite, rogando ao Nosso Senhor que lhe iluminasse, e, observando em si a grande mansidão, paciência e misericórdia, a qual Nosso Senhor tem com os pecadores, confortou-se e teve verdadeira confiança em Nosso Senhor que, apesar da vida que teve até aquele dia, era vontade de Nosso Senhor que ele se entregasse totalmente a Seu serviço.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 4, tradução nossa).

⁶ “Em uma cidade, vivia um nobre burguês que tinha esposa e filhos e grande riqueza. Aquele burguês desejava intensamente ser um servo de Deus e não queria outro amor em seu interior, senão o amor de Deus. No entanto, a esposa, filhos, honra e riquezas que ele tinha o impediam de se dedicar a amar a Deus como ele queria amá-lo. O burguês separou-se de sua esposa, que não se opôs, dando a ela e seus filhos tudo o que ela tinha, exceto um cobertor e uma vinha, que ele reteve para a necessidade de seu corpo. Foi, então, muito melhor do que antes, quando aquele burguês pôde dedicar-se à contemplação de Deus; embora, às vezes, o cobertor e a vinha que possuía o impedissem de pensar em Deus. Por amor a Deus, o burguês se desapegou do cobertor e a vinha

Não é incomum encontrarmos trechos autobiográficos da vida do autor em sua literatura. Na obra *Félix - o livro das maravilhas*, Lúlio fez relatos de sua própria vida, que colocou a serviço de Deus para disseminar seu nome e sua salvação aos que desejassem a conversão.

A vida e a obra de Lúlio foram influenciadas por circunstâncias geopolíticas do Mediterrâneo. Isso significa que seu pensamento surgiu em um espaço do cristianismo fora dos reconhecidos centros de tradição filosófica e acadêmica medieval. Além da situação política nessa região com diferentes contextos culturais e econômicos e, principalmente, com os embates religiosos. Especialmente importante era a presença da cultura árabe e a religião muçulmana nas regiões dominadas pela casa de Aragão, cujas condições de vida implicavam uma situação de fronteira e não correspondiam plenamente com o modelo social do resto do cristianismo (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998; MISCH, 1967).

No território onde se encontra hoje a Europa, desde o século VIII, já ocorria uma guerra contra os invasores muçulmanos, cuja luta contra os inimigos da cristandade estava sacramentada, uma vez que ocorria um processo de retirada dos infiéis de alguns territórios, baseados em uma motivação religiosa.

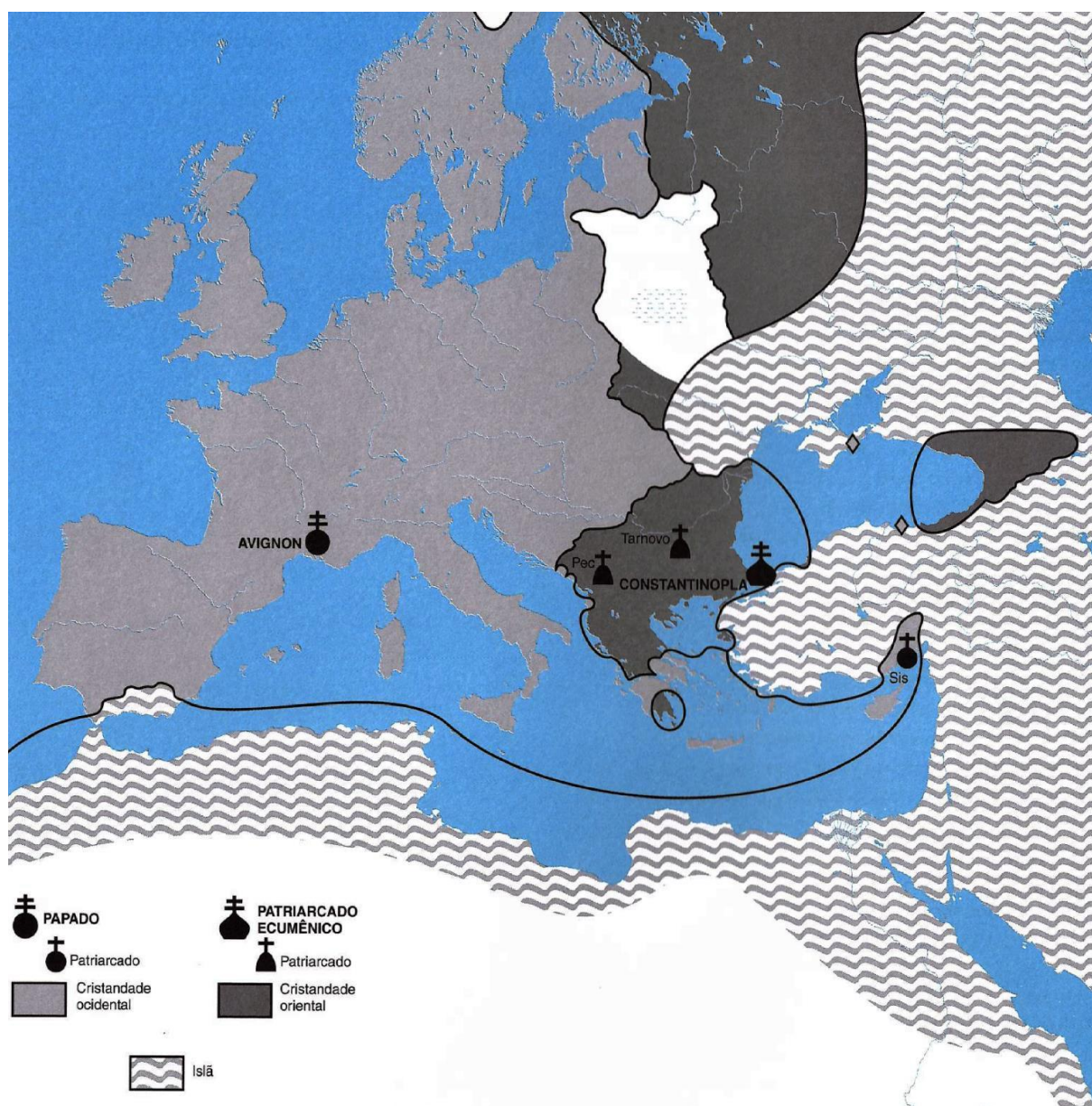
Le Goff relata-nos que o povo islâmico, depois de uma grande conquista de territórios até meados do século X, passou por uma fase de estagnação de suas lutas de conquista. Nesse sentido, houve espaço para a contraofensiva cristã, que, na Espanha islamizada, a partir do século VIII, se manifestou na chamada Reconquista. Nesse movimento de Reconquista, participaram reis, papas, cristãos, cavaleiros e muitas pessoas. É no arcabouço dessas disputas territoriais que se situou o discurso de levar a fé cristã aos sarracenos.

Le Goff (2005) discorre sobre os movimentos de cristianização das regiões norte e leste da Europa, o processo de reconquista espanhola e as Cruzadas. Muitas ações que buscavam a reconquista de territórios das mãos de muçulmanos ocorreram pelo controle dos reis de Castela, Aragão e Navarra, que buscaram romper a defesa mulçumana e permitir o avanço das tropas e dos povos cristãos. A ilha de Maiorca, onde Lúlio viveu a maior parte de sua vida, foi conquistada em 1229, fato que influenciou toda a sua produção e intenção de vida.

que possuía, e, assim, ele podia pensar mais em Deus do que antes.” (LÚLIO, *Félix - o livro das maravilhas*, I, 60, tradução nossa).

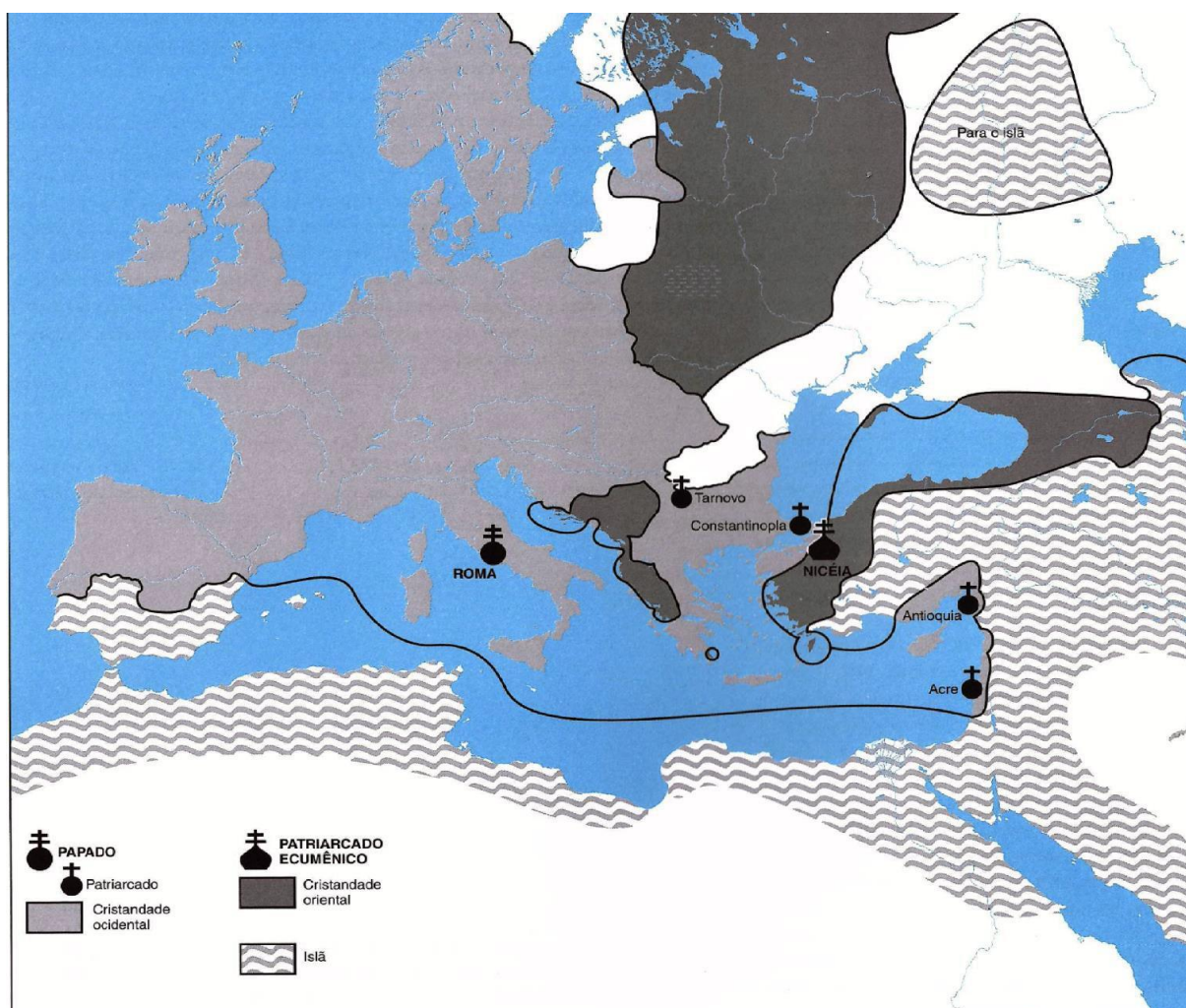
Colin McEvedy (2007) no *Atlas de história medieval* apresenta um mapa do território ocupado por cristãos e muçulmanos. O autor utiliza as legendas: cinza claro = cristandade ocidental; cinza escuro = cristandade oriental cinza e branco = religião islâmica. Utilizamos, aqui, dois mapas que estabelecem a relação de ambas as religiões contempladas por Lúlio em seu projeto missionário, compreendendo, assim, como ocorreu a expansão territorial, que corresponde ao período anterior e posterior em que viveu. Europa em 1212 e 1346 (Figuras 1 e 2).

Figura 2 - Cristandade em 1212



Fonte: McEvedy (2007) *Atlas de história medieval*.

Figura 3 - A Cristandade em 1346



Fonte: McEvedy (2007) *Atlas de história medieval*.

Para Le Goff (2005), a reconquista espanhola foi uma espécie de prelúdio das Cruzadas, movimento organizado da cristandade que se caracterizou, principalmente, pela tentativa de conquistar Jerusalém. Essa é uma das questões históricas que interfere sobremaneira na produção de Lúlio, as Cruzadas. A cidade sagrada de Jerusalém, local de grande peregrinação⁷, estava sob domínio dos povos muçulmanos, o que não agradava o poder católico, que chamava a população para a retomada deste e outros territórios considerados importantes para os cristãos.

A ocupação da cidade e das regiões próximas que compunham a chamada Terra Santa foi motivo de muitos conflitos entre essas religiões na Idade Média e uma das causas da instabilidade no Oriente.

⁷ **Peregrinação:** viagem feita com objetivos religiosos, tendo como meta um santuário cheio de relíquias* que transmitem parte de sua sacralidade ao viajante. Era, assim, para o homem medieval, um importante instrumento de penitência e de salvação. Os principais centros peregrinatórios foram Roma, na Alta Idade Média; Jerusalém, nos séculos XI-XII; Compostela, nos séculos XI-XIII. (FRANCO JR., 2001).

Le Goff ainda destaca que o movimento das cruzadas gerou não somente o espírito de luta armada, mas também de embates pela defesa de ideias e pontos de vista, que necessitava uma preparação para uma ação ou discurso de convencimento do outro. "A guerra contra os inimigos da Fé, ou seja, os não cristãos era considerada justa e ganhou o qualificativo de ser justa, tornando-se convidativa e justificando a prática guerreira fora da cristandade [...]" (DUBY, 1993, p. 179-180).

Além de convencer os cristãos a lutarem contra os hereges, viam as batalhas como forma da remissão dos pecados e faltas terrenas, com a promessa de alcançar o céu depois da morte e o descanso eterno. Segundo Le Goff (1989), pensavam sua luta como um serviço prestado ao Altíssimo e à Virgem Maria, a dama celestial.

Não somente o interesse religioso levou homens a lutarem contra os não cristãos, mas também o interesse mercantil e o financeiro aguçavam a ganância de comerciantes que procuravam expandir seus territórios comerciais e levar seus produtos a outras terras, somando riquezas. Outros com o interesse em se apossar das riquezas e das terras dos derrotados e aumentar seu patrimônio. Essas batalhas não eram apenas de cunho ideológico, mas também possuíam interesse econômico.

Esses potentados só sobreviveram graças a dois fatores: o prático, pois vários grupos (nobres e comerciantes) se aproveitaram com o estabelecimento destes domínios cristãos no Oriente; bem como o fator religioso, que continuou a levar homens a marcharem para a Terra Santa, reforçando-os militarmente (FRANCO JR., 1984, p. 105-106).

O grande motivo das batalhas era a preservação de uma só religião, a que realmente levaria o homem a sua salvação, para garantia da ordem terrena por meio da crença em Cristo e em um único Deus pela fé católica, que, para os cristãos, seria única e verdadeira. Assim, essas batalhas foram chamadas de Guerra Santa.

O ideário da Guerra Santa colocou a figura do cavaleiro cristão como um ministro que agia em nome de Deus, ao defender o bem contra o mal. Defender Cristo, longe de ser um crime, era antes de tudo uma glória ao homem; a morte em batalha glorificava o homem que seria recebido com glória no céu. O que levava os homens a entrar em uma guerra santa estava muito relacionado à visão religiosa, e não apenas de cavaleiros organizados em seus exércitos.

Conflitos que, além de serem exacerbados pelas disputas territoriais, lideradas pela igreja, sofreram ainda a influência das ações desenvolvidas em 1215

durante o IV Concílio de Latrão⁸, que, entre algumas determinações, garantia o perdão dos pecados, desde que sinceramente confessos e arrependidos, àqueles que, pondo em risco a própria vida, lutassem em defesa da fé católica.

Lúlio acreditava na luta espiritual, cuja conversão e disputa entre as ideias pudessem ser realizadas de maneira pacífica. Por outro lado, via na luta armada ou no gládio (luta) material, o meio pelo qual pudesse ser ouvido pelos não cristãos. São Bernardo de Claraval (1090-1153), em 1152, lançou a teoria dos dois gládios: O gládio espiritual (a pregação) e o gládio material (a luta armada, física) pertenciam, um e outro, à Igreja. O Gládio Espiritual deveria ser colocado em prática pela Igreja; enquanto o material, a favor dos interesses da Igreja.

Outros papas conseguiram levar a Igreja ao seu apogeu por muitos anos, mas vários outros fatores contribuíram para o seu declínio no poder, devido às transformações sociais e culturais. Um exemplo foram as lutas armadas, as chamadas cruzadas, que tinham o apoio da Igreja (FRANCO JR., 2001, p. 75-76).

Para Lúlio, as batalhas cruzalísticas estavam diretamente ligadas à sua concepção das relações de poder exercidas na sociedade política e social pela Igreja Católica. Nela havia a divisão entre a sociedade temporal e a eclesiástica, espiritual, sendo esta considerada como a representação do poder de Deus sobre a Terra. Para Lúlio, o poder espiritual estaria acima de qualquer poder temporal; por isso, em sua obra, ele deixa muito claro a exaltação ao poder da figura Papal na disseminação e no controle das ações de ordem temporal, em busca da exortação do pontífice como o mantenedor do poder espiritual.

Em toda a filosofia luliana, especialmente em sua filosofia social, havia a preocupação com a ética que objetivava ajustar a conduta humana, tanto coletiva como individual, a ordenação divina, eterna, poderosa e imutável. Por isso, sua dedicação constante em busca de uma vida virtuosa, com bons costumes, seguindo as leis de Deus.

O poder das autoridades eclesiásticas, assim como o dos reis, de acordo com suas respectivas competências, servia a um mesmo fim: o de conduzir o povo à salvação, à prática das virtudes cristãs. Em *Félix*, Lúlio nos relata que esses

⁸ Desde o início do império cristão, até o início do século XIV, Latrão foi a residência principal do Papa e ao local onde eram realizados concílios religiosos com o objetivo de efetuar uma reforma unificadora da igreja em torno do Ocidente. Uma das determinações durante o IV Concílio foi o perdão dos pecados àqueles que lutassem na Guerra Santa para defender os ideais católicos (LOYN, 1997).

poderes, tão responsáveis pela formação religiosa, passavam por intensos contrastes religiosos e morais, pois não conseguiam demonstrar por suas ações preceitos que pregavam como essenciais a um bom cristão.

O desinteresse dos clérigos e reis em relação à real evangelização de seu povo foi motivo de preocupação de Lúlio, que propôs que o poder espiritual, exercido pela igreja, e o poder temporal, exercido pelo rei, fossem moralmente constituídos, pois deles dependia ensinar o povo o caminho da virtude.

Lúlio acreditava que a indiferença missionária da cristandade, principalmente dos poderes espirituais, era passível de condenação, uma vez que, pela vontade e pela perseverança, eles poderiam ajudar na evangelização dos muçulmanos.

Quando Felix se hubo maravillado largamente de la gran pena de Mohama, el se maravilló mucho de lós cristianos que tienen tan poco cuidado em covertir a los infieles; y sostuvo la opinión que, como tienen tan poco cuidado, les seguiria pena en la pena que lós infieles sostengan en el infierno. Estando en esta opinión Félix se acordo de san Benito, san Agustín, san Bernardo, san Francisco y santo Domingo y muchos otros santos que sin, por gracia de Dios, ocasión de que tantos hombres se salven y huyan del infierno; y por eso se maravilló de que no sean muchos lós hombres que comiencen cosas nuevas de las que siempre se siga utilidad por la que se multiplique su gloria.⁹ (LÚLIO, Felix - o livro das maravilhas, X, 555).

Segundo o autor, o erro e a ignorância da fé cristã pelos seguidores da lei de Maomé seriam culpa da omissão dos poderes cristãos, sobre a evangelização dos povos islâmicos.

Percebemos, nessa citação, que Lúlio não foi um dos desbravadores em relação à evangelização dos muçulmanos, nem mesmo na proposta missionária, pois ele já conhecia o trabalho das ordens mendicantes. Contudo, ele reconhecia que ainda eram poucas as efetivas ações para levar o conhecimento sobre a fé cristã, e que essas faltas nas ações missionárias poderiam ser obra

⁹ “Quando Félix se maravilhou por muito tempo com a grande pena de Maomé, se maravilhou muito de os cristãos terem tão pouco cuidado de converter os infiéis, e teve a opinião de que, como se preocupavam tão pouco, teriam a mesma pena que os infiéis suportam nos Infernos. Enquanto pensava isso, Félix se lembrou de São Bento, de Santo Agostinho, de São Francisco, de São Domingo, e de muitos outros santos que estão na graça de Deus, por terem proporcionado a muitos homens serem salvos e fugirem dos Infernos. Por isso, maravilhou-se de como não existem muitos homens que iniciam coisas novas que sejam úteis por todos os tempos, pelas quais multiplicariam sua glória.” (LÚLIO, Felix - o livro das maravilhas, X, 555, tradução nossa).

da desvalorização da espiritualidade e maior valorização dos prazeres materiais, como festas e riquezas, por parte dos poderes eclesiásticos constituídos.

Nesse sentido, as produções de Lúlio revelam-nos seu pensamento sobre o poder espiritual e temporal, mesmo observando o grande valor dos reis. Estes seriam a força, o poder temporal, o qual deveria estar sempre submetido ao poder espiritual, que só poderia ser exercido pela representação de Deus na terra, o Papa. A este poder espiritual estava incluída a função de exercer um domínio sobre o poder temporal, como função de iluminar as ações políticas e sociais dos reis e dos governantes, para buscar a conversão e a evangelização dos homens.

O Papa tinha a função de executar todas as ações necessárias para que todos professassem a mesma fé. Para tanto, seria santa e divina a utilização da força contra os infiéis, para tornar possível a pregação. Nesse contexto, é possível compreender que o pensamento luliano entre o que ele chama de *cruzada material* (a guerra) e *cruzada espiritual* (a conversão por meio do debate) podem ser complementares quando necessário. Um exemplo disso está no *Livro da Contemplação* (2, c. 1271-1273), em uma passagem em que Lúlio compara as duas cruzadas (a *material* e a *espiritual*):

Com lo sant sepulcre, Sènyer, e la sancta terra d'outramar par que.s deja conquerre per predicació mills que per força d'armes, ¡faer-se a avant, Sènyer, los sants cavallers religioses e guarnesquen-se del senyal de la creu, e umplense de la gràcia del sant Espirit, e vagen preïcar veritat de la vostra passió als infeels e escampen per la vostra amor totes les aigües de lurs ulls e tota la sang de lurs cors, així com vós feés per amor d'ells!¹⁰ (LÚLIO, 1957, p. 340).

Apesar de procurar desenvolver uma missão defendendo um trabalho sem o uso das batalhas sangrentas, Lúlio não descartava a cruzada material, ou seja, a batalha corporal para conseguir a audiência dos infiéis.

O excerto anterior, encontrado no *Livro da contemplação*, relata que Cristo precisou derramar seu sangue para conseguir levar sua palavra aos homens. Assim, nosso autor leva-nos a refletir sua crença de que, em caso de apenas a batalha espiritual, da pregação, das disputas e o uso da palavra não fossem suficientes para

¹⁰ “Senhor, como parece que o Santo Sepulcro e a Terra Santa de Ultramar deixar-se-ão melhor conquistar pela pregação que pela força das armas, que avancem os santos cavaleiros religiosos, Senhor, e se protejam com o sinal da cruz e se encham com a graça do Espírito Santo para irem pregar a verdade de Vossa Paixão aos infiéis e derramem, pelo Vosso amor, todas as águas de seus olhos, e todo o sangue de seus corações, assim como Vós fizestes por amor a eles!” (LÚLIO, 1957, p. 340, tradução nossa).

levar a palavra de Cristo a todos os lugares; assim, o uso da força deveria ser utilizado, por seu caráter santo, objetivando a conversão.

Segundo Hillgarth (1998), Lúlio defendia dois caminhos para a conversão: diálogo e batalha. Batalhas materiais e espirituais, ambas aplicadas quando necessárias, sendo elas não contraditórias, mas, sim, complementares. Segundo ele, a função do rei seria unificar os esforços da cristandade para o trabalho cruzalístico e missionário, em busca da unificação dos povos em uma só fé. Para tanto, precisava estar orientado pela força motriz de Deus na Terra, o Papa.

No entanto, analisando as diferentes produções do autor, podemos inferir que, apesar de acreditar na colaboração da luta armada para a busca da conversão, sua primeira e mais importante colaboração era o diálogo, a batalha espiritual, pois, para Lúlio, o homem deveria conhecer Deus e compreender suas virtudes para amá-lo espontaneamente, sem o uso da força, pois sob pena da luta material a conversão poderia não ser verdadeira.

A conversão deveria ser um ato voluntário, um ato de liberdade. Por isso, a conquista das almas seria feita com armas espirituais, as mesmas armas que há centenas de anos foram utilizadas por Cristo e pelos apóstolos, e que converteram milhares de pessoas pela persuasão. (VENTORIM, 2008, p. 119).

Segundo a autora, a conversão dos muçulmanos era um dos maiores propósitos do projeto missionário de Lúlio, que pretendia convertê-los pelo diálogo e não pela força.

Lúlio observou que o povo Islâmico baseava suas ações nas palavras de seu livro sagrado, o Corão, que, em relação à defesa de sua fé, propunha uma guerra santa, o *Jihad*, cujo objetivo era submeter todas as paixões da alma do fiel a Deus. Combater fisicamente em nome de Alá e da fé islâmica, visto que seu livro sagrado lhes ordenava até a matarem ou serem mortos, conforme registra Mata (2006, p. 21). Encontramos no Corão Sagrado, no verso 111 da sua 9ª Surata, que Alá faz sua promessa de salvação àqueles que combatem para defesa de sua fé, matando ou morrendo por ela.

Deus cobrará dos crentes o sacrifício de suas pessoas e seus bens em troca do Paraíso. Combaterão pela causa de Deus, matarão e serão mortos. É uma promessa infalível, que está registrada na Tora, no Evangelho e no Alcorão. E quem é mais fiel à sua promessa do que Deus? Regozijai-vos, pois, da troca

que haveis feito com Ele. Tal será a bem-aventurança. (ALCORÃO SAGRADO, 1975, p. 142).

Acreditamos ainda que esta é uma das bases para conflitos religiosos que, até hoje, no século XXI, são motivos de guerras e tensões no Oriente. Lúlio reportou-se à figura do cristão como aquele que deveria usar os ensinamentos de Cristo, o qual pregava uma evangelização pacífica, por meio do amor aos irmãos. No entanto, o caminho mais usado em seu tempo estava justamente nos ensinamentos da luta santa do sarraceno, baseado na promessa de conquista, da salvação pela defesa da fé, pela guerra santa.

Em uma das passagens de Félix, percebemos essa reflexão do autor quando um sarraceno escreve aos reis cristãos questionando a luta armada dos cristãos tentando reconquistar a terra santa e sua profissão de fé. Isso iria, segundo ele, na contramão do trabalho dos apóstolos e de Cristo, usando, assim, o caminho orientado por Maomé:

Um sarraceno que era sultán y señor de aquella tierra, escribió al papa y a lós reys de lós cristianos una carta em la que expressaba ló mucho que se maravillaba el de que lós cristianos pensasen conquistar aquella tierra por la fuerza de las armas corporales, sin aquellas armas espirituales similares a las que habían utilizado los apostoles, predicando y sufriendo la muerte, com las que conquistaron todas aquellas tierras de ultramar, aquellas que luego fueron a perder los cristianos por la fuerza de las armas materiales, según la usanza de Mahoma, cuyos fanáticos seguidores conquiataron aquella tierra, la que aún poseen, por la fuerza de las armas.¹¹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, 77).

Desse modo, Lúlio defendia uma pregação e uma evangelização seguindo a proposta do Cristo, para que homens que pretendiam disputar com os povos Islâmicos usassem, antes de todas as armas, a argumentação. Abaixo citamos exemplo desse trabalho em busca da evangelização. Nesta passagem, o autor demonstra seu propósito de vida.

Eu fui um homem ligado pelo matrimônio, tive filhos; era discretamente rico, lascivo e mundano. Deixei tudo de bom grado

¹¹ “Um sarraceno, que era sultão e senhor daquelas terras, escreveu ao papa e aos reis cristãos uma carta na qual dizia como ele se maravilhava muito fortemente com o fato de os cristãos tentarem conquistar aquela terra pela força das armas corporais sem armas espirituais semelhantes às dos apóstolos que, pregando e sofrendo a morte, converteram toda aquela terra de Ultramar, aquelas que logo foram perdidas pelos cristãos pelas armas materiais, segundo o ensinamento de Maomé, cujos seguidores fanáticos conquistaram aquela terra pela força das armas. (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, 77, tradução nossa).

para poder me dedicar a fomentar a honra de Deus, o bem público e exaltar a santa fé. Aprendi árabe e fui muitas vezes pregar entre os sarracenos; por causa da fé fui preso, encarcerado e surrado. Trabalhei quarenta e cinco anos tentando mover a Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, agora sou pobre, mas ainda tenho o mesmo propósito e o terei até a morte, se Deus quiser. Assim, vos parece que tudo isso é uma fantasia ou não? (LÚLIO, 1991, p. 12).

Lúlio sempre dedicou sua vida e obra a levar o conhecimento de Deus aos povos. Porém, ao chegar à velhice, lamentou a indiferença por parte de reis e de clérigos, dos quais não recebia apoio ao trabalho. Em sua obra *Desconsolo*, encontramos relatos de seu desapontamento em não conseguir realizar totalmente seu desejo.

Sua literatura, a nosso ver, tem caráter pedagógico, buscando valores educacionais que considerava importantes para a formação do homem medieval virtuoso. Defendia os preceitos morais baseados na doutrina cristã e a necessidade de o homem desenvolver o uso da razão para ser o mais parecido possível com Deus, na medida em que sedimentavam alguns comportamentos da sociedade medieval. Sua produção literária nos apresenta a preocupação em que todas as pessoas deveriam desenvolver uma conduta virtuosa. Apresenta a necessidade de que clérigos e reis fossem homens formados em virtudes, pois deles emanava determinado poder sobre as ações sociais e conseqüentemente a vida da população. Assim exerceriam seu poder virtuosamente pensando no bem comum de todos.

Acreditava que sua pregação colaborava com a formação virtuosa do homem, por isso se propôs a percorrer territórios e levar suas ideias. A expedição pensada por Lúlio não propunha a eliminação física do infiel. Ela visava garantir uma audiência cativa para a pregação. Ela completava a ação apologética com o uso da força quando necessário, pois, sem isso, a resistência emocional dos sarracenos, para se deixar converter, superaria os esforços missionários.

Observamos, por meio de seus textos, que o combate físico não era, em Lúlio, um fim em si mesmo e nem um aspecto central de suas proposições, mas uma via usada quando necessária para conseguir o objetivo da conversão. Sua obra estava, por um lado, subordinada aos objetivos espirituais e, do outro, compunha a estratégia luliana para fazer com que suas ideias pudessem ser ouvidas.

Um dos objetivos de seu trabalho era a conversão dos sarracenos, fator que podemos encontrar em seu discurso.

Señor, sucedió em um lejano país que um fraile Cristiano tanto dispuoto com um rey sarraceno , que lo llegó a convencer de que la fé de los sarracenos es falsa;el dicho rey se dio cuenta, por las razones necesárias que el religioso le habia expuesto, que le estaba em estado de condenación. Aquel rogo al fraile que le demostrase por razones necesárias que la fé de los cristianos era la verdadera y el se converteria al cristianismo y se batizaria y sometería su reino a las leyes de la santa iglesia. El fraile le contestó que no podia demostrar por razones necesárias ser la verdadera. Mucho se molesto el sarraceno por lo que el fraile le habia dicho, al que le echó em cara haber obrado mal pues después de quitarle la fé islâmica, em la que hasta ahora había creído, no era capaz de demostrarle por razones necesárias la fé romana. Y dijo que grave ne gócio era dejar su fe por outra fe; pero rechazar su falsa fe por uma verdadeira que puede ser demonstrada racionalmente es buena y muy conveniente, pues significa dejar creencia por inteligência.¹² (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I , 48).

O diálogo luliano propunha demonstrar, por meio de discussões, contrapondo diferentes ideias, os conhecimentos necesários sobre a fé cristã. O método utilizado por Lúlio em suas pregações também foi muito utilizado nas universidades e nas escolas medievais, chamado de *Disputatio*.

Nesse sentido, acreditamos ser importante conhecermos um pouco mais sobre este método ligado à Escolástica, que influenciou a forma de agir e de pensar, também nos séculos XIII e XIV.

2.1 A ESCOLÁSTICA

Segundo Oliveira (2008), desde o século XI e ao longo do XII e do XIII, os homens passaram a desenvolver diferentes relações sociais no ambiente citadino, novas necessidades de convivência entre as diversidades de pessoas de diferentes culturas e ofícios.

¹² “Senhor, aconteceu em um país distante que um monge cristão disputou com um rei sarraceno, que veio convencer que a fé dos sarracenos é falsa, o referido rei percebeu, por razões necesárias, que a religiosa o tinha exposto que ele estava em um estado de condenação. Ele pediu ao frade que demonstrasse razões necesárias para mostrar que a fé dos cristãos era a verdadeira e assim se converteria ao cristianismo e se batizaria e submeteria seu reino às leis da Santa Igreja. O frade respondeu que não podia provar por razões necesárias ser a verdade. Muito se molestou o saraceno com o que o padre lhe disse que ele jogou em enfrentar delito porque, após tirar-lhe da fé islâmica, em que tinha acreditado até então, não era capaz de demonstrar-lhe por razões necesárias a fé romana. E ele disse que foi um erro grave deixar sua fé por outra fé; mas rejeitar sua fé falsa por uma verdadeira que podem ser racionalmente demonstrada é bom e muito conveniente, porque isso significa abandonar o crer pelo entender.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 48, tradução nossa).

Algumas transformações sociais estabeleceram modelos econômicos, sociais e culturais do período. Um deles foi a maior fixação populacional em determinados lugares onde estabeleceram suas moradias. Assim, houve o surgimento das cidades e a aproximação de pessoas, além de práticas sociais que tornassem a convivência no coletivo mais agradável e humana a todos os cidadãos.

A vida em sociedade impôs aos cidadãos a necessidade de pensar e agir em busca de ações que permitissem uma vida de respeito ao espaço do outro, e, com isso, estabelecia vínculos sociais duradouros e de confiança. A cultura cidadina precisava que fossem estabelecidos valores educacionais, sociais, culturais, econômicos e até mesmo arquitetônicos, que ultrapassassem a mera convivência dentro da delimitação física das muralhas da cidade, o que dava uma relativa sensação de segurança (LE GOFF, 1989, p. 101).

Uma das primeiras características necessárias a essa relação foi a necessidade de subsistência, com produtos de alimentação e vestuário, por exemplo, que trouxe um aumento das trocas comerciais, proporcionando um intenso desenvolvimento comercial e urbano. Dessa demanda social, surgiu o desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, que permitiram o aumento da produção de alimentos. Assim, a leitura e a escrita tornaram-se essenciais para o amadurecimento e a continuidade dessas relações.

Dentre as preocupações centrais desta sociedade uma era em relação às questões educacionais que possibilitassem formar um homem capaz de conviver de maneira mais civilizada possível, em meio a uma sociedade tão plural. Um dos aspectos mais profícuos dessas mudanças e diversidades foi a preocupação com o ensino (OLIVEIRA, 2008). As novas relações, fruto do desenvolvimento do comércio e das ideias, por exemplo, criou, nessa sociedade, um maior espírito de liberdade e de conviver em comunidade. Segundo Le Goff (2007, p. 144): “É aí que acontecerão as principais misturas de população, que se afirmarão novas instituições, que aparecerão novos centros econômicos e intelectuais [...]”.

No final do século XIII, o embate entre a fé e a razão teve um fortalecimento na Universidade de Paris. Tomás de Aquino (1225-1274), fundamentado na filosofia de Aristóteles, gerou grandes discussões na universidade parisiense [...] para o mestre, esta ambiência é a cidadina; para o filósofo trata-se de pensar nos homens que comporão e governarão a sociedade no futuro [...] (OLIVEIRA, 2009, p.80). Sua

preocupação era formar pessoas capazes de desenvolverem conscientemente seus papéis na sociedade.

Segundo Oliveira, 2009, um dos aspectos importantes em Tomás de Aquino está no fato de considerar o homem como um ser capaz de ensinar e aprender, pela via do intelecto, pois possui capacidade de pensar e agir de forma diferente dos demais animais da criação.

É do intelecto, portanto, que deriva o Ser humano e toda sua sabedoria. O mestre Dominicano continua a conceber o homem do mesmo modo que os religiosos de seu tempo, ou seja, como um ser criado por Deus, assim como os demais seres da natureza. Todavia, inaugura uma concepção nova de homem. Não apenas a mencionada por nós, que corpo e alma formam um ser uno, mas algo fundamental é apresentado no seio da sociedade cristã ocidental do século XIII: a ideia de que o homem possui intelecto e, por isso, tem livre-arbítrio (OLIVEIRA, 2009, p.80).

A autora discorre sobre o pensamento de que o homem, possuindo capacidades intelectivas, poderia não só desenvolver o aprendizado como também ensinar o outro. Este pensamento de Tomás de Aquino influenciou os homens do século XIII, a reconsiderarem a sabedoria como um dom oferecido por Deus, pois o autor afirmava que o intelecto, criado por Deus, deveria ser desenvolvido pelo conhecimento (razão) para alcançar a sabedoria. Tomás de Aquino ainda asseverava que nem todos chegariam a sabedoria, haja vista que, para o ser humano apreender era necessária uma certa disposição intelectual.

Nesse sentido, surgiu a necessidade de um pensamento em que a razão atuava na elaboração do pensamento teológico, e a filosofia foi ferramenta a que Tomás de Aquino utilizou para compreender os diferentes contextos humanos. Surgiram, assim, as bases para o pensamento Escolástico, que seria por muito tempo desenvolvido dentro das instituições Universitárias Medievais. Segundo Nunes:

A escolástica foi um método de pensamento e de ensino que surgiu e se formou nas escolas medievais e se plasmou de modo inextinguível nas universidades do século XIII, máxime através do magistério e das obras de Santo Tomás de Aquino. O termo escolástica, porém, significa ainda o conjunto das doutrinas literárias, filosóficas, jurídicas, médicas e teológicas, e mais outras científicas, que se elaboraram e corporificaram no ensino das escolas universitárias do século XII ao século XV [...]. (NUNES, 1979, p. 244).

De acordo com o autor, a Escolástica era para o homem medieval mais do que apenas um método de aprendizagem estabelecido dentro dos centros de ensino, pois norteava práticas e comportamentos que se baseavam no agir e pensar, estabelecendo seus vínculos e suas relações em sociedade.

A Escolástica estava baseada em uma concepção filosófica da vida terrena em que a revelação de Cristo a necessidade de desenvolver virtudes assegurava que a vida continuaria além da morte. Um destino feliz ou infeliz posto de acordo com a vida que desenvolveu em sua passagem terrestre. Filosofia baseada na visão metafísica do ser humano e a fé cristã.

Nos séculos XII e XIII, “[...] o sistema espacial do Além racionalizou-se e transformou-se em um sistema de lugares como: o Inferno, o Paraíso e, entre eles, um “Além-intermédio”, em que os mortos que foram manchados apenas por pecados veniais ou que se encontravam em estados de penitência ainda não cumprida ficavam um tempo: o Purgatório [...]” (LE GOFF, 1989, p. 26).

Nunes, em seus estudos sobre a educação no medievo, faz várias considerações sobre a Escolástica:

Quando se considera o conjunto de doutrinas que o termo escolástica abrange e quando se observa que é a filosofia, a disciplina que exprime os seus aspectos mais salientes, pode afirmar-se com Grabmann que a escolástica é um modo de pensar e um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem e para o nosso desenvolvimento pessoal e em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo da sua existência terrena, uma vez que o homem tem um fim supraterrano e eterno e o destino de uma vida interminável, sobre poder crescer ainda neste mundo na vida sobrenatural que ele obtém através do batismo. Portanto, num primeiro momento, casam-se na escolástica a concepção filosófica da vida terrena, da sua transcendência às limitações deste mundo e a mundivivência cristã em que a revelação de Cristo assegura que a vida continua além da morte, que um destino feliz ou infeliz aguarda o homem conforme o seu modo de viver na terra, e que neste mundo já se é possível ao homem nascer para a vida sobrenatural e nela crescer até que possa, após a morte, fixar num estado definitivo de completa beatitude ou de felicidade eterna. (NUNES, 1979, p. 244-245).

O desenvolvimento do método escolástico estava basicamente em torno da *Auctoritas* e a *Ratio*. A *Auctoritas* estava baseada nos ensinamentos presentes nas Sagradas Escrituras, pensamentos sob as bases filosóficas de Aristóteles, os livros de Boécio a de Santo Agostinho, entre outras importantes autoridades e, também,

sobre o aspecto do direito e da medicina, por exemplo. A *Ratio* estava no uso da razão, a busca de uma linguagem argumentativa para expressar-se durante as discussões. A defesa de um ponto de vista baseado no pensamento racional, que propõe a chegada às conclusões por meio de um processo reflexivo.

A escolástica pode ser concebida como um trabalho racional com os textos e as autoridades daqueles que o escreveram, mas de maneira a realizar um exame maduro sobre os escritos e suas ponderações. Segundo Le Goff (2006), a Escolástica baseia-se no estudo de textos precedentes, do pensamento antigo fundamentado na Bíblia, em Platão e Aristóteles, entre outros, que não trazem a verdade absoluta única e definitiva, mas que oferecem bases sólidas para orientarem o pensamento racional. “Os que escreveram antes para nós não são senhores, mas guias. A verdade está aberta a todos, ainda não possuída por inteiro [...]” (LE GOFF, 2006, p. 119).

Segundo Le Goff (2006), a escolástica uniu as leis da razão ao desenvolver um convite a conhecer a autoridade da escritura que incitava o crente a explicar a base de sua fé. “[...] até Santo Tomás que fará da ciência teológica a exposição mais segura, os escolásticos recorreram à razão iluminada pela fé (*ratio fide illustrata*)” (LE GOFF, 2006, p. 119). Percebemos uma filosofia que inspira uma fé embasada na razão, na inteligência, usando uma linguagem argumentativa na tentativa de levar o conhecimento ao leitor ou ao ouvinte, não apenas no uso da palavra por si só, mas elaborando um raciocínio lógico, um pensamento eficaz.

Lúlio baseava o desenvolvimento de suas disputas ou de seus debates orais nos fundamentos no método desenvolvido dentro das universidades medievais, para o debate sobre diferentes conhecimentos: a *Disputatio*. A *questio disputata*, que era desenvolvida pelos mestres universitários, após se ter conhecido os textos das autoridades, possuía a estrutura de debate, iniciando a discussão por uma hipótese, sobre as quais eram criadas objeções, contra-objeções, conclusão e resposta às objeções.

A *disputatio* universitária ‘ordinária’, na qual, desde a fundação das Universidades, culmina a técnica da *quaestio*, é ao mesmo tempo um exercício de aprendizagem e ou método de ensino, caracterizado por uma estrutura formal (alternância das objeções, das exposições e das refutações) e pela multiplicidade dos participantes (bacharéis e mestres) que ela põe em confronto. O texto das disputas é na maioria das vezes ‘reportado’ por um bacharel: essa *reportatio* corresponde a uma tomada de notas, cuja confiabilidade é maior ou

menor. Em certos casos, o texto é revisto pelo próprio mestre, que o 'redige' (redactio, ordinatio) antes de 'dá-lo a copiar' a um 'estacionário', que, eventualmente, providenciará sua multiplicação pelo sistema das peciae. A distinção entre reportatio e redactione se refere unicamente às disputas: ela se estende a todo ato escolar, quer se trate de lições ou de sermões (atividades às quais o mestre é obrigado a dedicar-se). Muitos dos comentários sobre as Sentenças editados em nossos dias são simples 'reportações'. (LIBERA, 1990, p. 28).

De acordo com Libera, a *disputatio* universitária era um método utilizado pelos mestres para desenvolver e exercitar a aprendizagem. Consistia no diálogo entre o mestre e os alunos acerca de determinada tese ou assunto. Em contraposição, a *lectio* que possuía uma atitude mais passiva em relação ao tema discutido. A discussão dos temas de *disputatio* fazia-se por pro, contra e *solutio*, isto é, pela exposição da argumentação afirmativa, pela da negativa, ou contrária, terminando pela resolução.

Segundo Libera (1990, p. 28), alguns debates propostos sobre temas mais abertos e de determinada importância social “[...] também eram propostos pelos mestres em regime extraordinários, chamados *quaestio quodlibet*, geralmente em datas especiais e com temas que eram escolhidos no início do debate [...]”.

Por meio de argumentos bem organizados e usando fortemente a arte do discurso, Lúlio propôs o desenvolvimento de um trabalho que possibilitava utilizar argumentos válidos, ou as chamadas razões necessárias, para ilustrar, por meio de sua produção, os princípios de seu pensamento. Lúlio apresenta-nos, em sua obra, a preocupação em conhecer a língua árabe, no intuito de aprender mais sobre os textos considerados como autoridades para os muçulmanos e assim ter os conhecimentos necessários para poder disputar com suas autoridades.

Esse trabalho de evangelização junto aos povos de religiões não cristãs foi desenvolvido em Lúlio por sua estreita relação de afinidade com o trabalho desenvolvido pelas ordens mendicantes. Nesse contexto, um personagem que influenciou sua vida e seu trabalho foi a figura de Francisco de Assis. Le Goff (2001), em sua obra intitulada *São Francisco de Assis*, revela um pouco da vida e obra desse homem considerado um exemplo de santidade do século XIII e afirma que, Lúlio ao conhecer uma das pregações de São Francisco, “[...] teve a oportunidade de conhecer o trabalho de Francisco e procurar seguir seus passos de uma vida de doação e de igualdade, anulando, muitas vezes, traços de sua existência em prol do sacrifício ao outro [...]” (LE GOFF, 2001, p.58-69).

Para compreendermos melhor esse contexto que influenciou Lúlio, torna-se relevante uma breve reflexão sobre o trabalho das ordens mendicantes no século XIII.

2.2 A INFLUÊNCIA DAS ORDENS MENDICANTES.

Mesmo não se caracterizando como parte de nenhuma das ordens mendicantes estabelecidas, Lúlio revelou nas passagens da obra *Vida Coetânea*, que deixou suas riquezas e família para dedicar sua vida a propagar os conhecimentos de Deus. Ele possuía forte afinidade com este trabalho, inclusive uma de suas propostas de vida foi disseminar a ideia de criação de escolas para preparação de novos missionários.

Segundo Le Goff (2008), as ordens mendicantes estavam basicamente estabelecidas nas grandes cidades cristãs com os dominicanos, fundada em 1216, por Domingos de Calaruega (1170-1221), que adotaram a Regra de Santo Agostinho. A Ordem fundada por Francisco de Assis, em 1221, os franciscanos ou frades menores, estabeleciam-se nas cidades menores. Fosse em maiores ou menores cidades, as ordens sempre se estabeleciam em regiões povoadas e de circulação comercial.

Essas ordens, segundo Le Goff (2008), surgiram com as novas necessidades de socialização entre os homens, suas respectivas religiosidades e a maneira pela qual compreendiam e se relacionavam com a divindade e sua criação. De acordo com Santin (2018):

As Ordens mendicantes, das quais figuram a Ordem dos Pregadores e a Ordem dos Frades Menores como as principais, nascem justamente da necessidade de dar resposta às novas formas de sociabilidade que a cidade trazia. Não se tratava de resolver os problemas da sociedade do século XIII, mas sim da relação entre as novas demandas sociais e a necessidade de uma 'nova' religiosidade que desse conta de compreender o movimento dos homens no tempo e no espaço – no caso, o tempo e o espaço das cidades, polos emergentes das novas maneiras de os homens se relacionarem com a natureza, com a divindade e entre si. (SANTIN, 2018, p. 60).

O autor ainda relata que os frades mendicantes, homens de vida simples e despojada de bens materiais desnecessários, dedicavam suas vidas a difundir os ensinamentos do cristianismo. Eles utilizavam a vida cotidiana da população para buscar bases para seus ensinamentos, procurando relacionar os ensinamentos

sobre Deus com as atividades vividas diariamente pelas pessoas e os diferentes ofícios.

Costa (2009c) comenta que o período vivido por Lúlio viu surgir dois movimentos que se fundiram na educação. Por um lado, o trabalho institucionalizado em mosteiros e escolas, por monges e clérigos ligados à igreja católica, que buscavam uma tradição em educar por meio das sete artes liberais. Por outro, a iniciativa secular, percebida mais facilmente com o fim do feudalismo, principalmente a partir do fim do Império Carolíngio e a difusão das cortes principescas (COSTA, 2009c).

A vida de Lúlio teve grande influência das duas ordens, tanto de dominicanos, quanto de franciscanos. Ele procurou retirar de ambas o que acreditava que possuíam de bom, tanto nos ensinamentos quanto no trabalho missionário. Em contato com a *Ordem dos Pregadores*, com os dominicanos, Lúlio sentiu a necessidade de estudar para adquirir um melhor domínio doutrinário. Do contato com a Ordem dos Frades Menores, os franciscanos, Lúlio embasou-se no desenvolvimento de uma vida simples, desprovida de bens materiais como testemunho vivo de uma vida semelhante à de Cristo (MATA, 2006).

Lúlio se dedicou a aprender a língua árabe, por exemplo, para poder conhecer um pouco mais sobre os textos sagrados para os muçulmanos e, assim, poder ter os meios necessários para suas discussões e seus embates filosóficos. Ele defendia que a formação dos frades também deveria prepará-los para o conhecimento da língua e textos sagrados muçulmanos, o que os embasaria para a pregação junto a esses povos.

Torna-se importante ponderarmos que Lúlio não é precursor do estudo do árabe. Le Goff 2006 nos apresenta que o acesso a obras científicas e filosóficas chegaram ao Ocidente por meio de escritos árabes. Foi por meio do intercâmbio comercial e bélico entre Ocidente e Oriente que os mestres do século XII conheceram textos filosóficos importantes, como os de Aristóteles, por exemplo.

A língua científica é o latim. Originais árabes, versões árabes dos textos gregos, originais gregos são então traduzidos, seja por uma pessoa isolada, seja, é o caso mais frequente, por equipes. Os cristãos do Ocidente utilizam-se de assistentes espanhóis que viveram sob o domínio muçulmano. Assim reúnem-se todas as competências. Uma das equipes é célebre: aquela formada pelo ilustre abade de Cluny, Pedro, o Venerável, para a tradução do

Alcorão. Viajando pela Espanha, num roteiro de inspeção dos mosteiros clunistas, nascidos na esteira da Reconquista, Pedro, o Venerável, é o primeiro a conceber a ideia de combater os muçulmanos não no terreno militar, mas no terreno intelectual. Para refutar-lhes a doutrina, é preciso conhecê-la – essa reflexão, que nos parece de simples evidência, é uma audácia nesse tempo de Cruzada (LE GOFF, 2006, p. 38-39).

Lúlio corrobora com o pensamento surgido antes com outros pensadores anteriores a ele que acreditavam que para levar o conhecimento do cristo em busca de refutar o conhecimento dos muçulmanos, precisava antes de tudo conhecer a doutrina e pensamento de seu oponente.

Santin 2018, comenta que era preciso conhecer o modo de pensar de povos que refletiam de maneira diferente da cristandade. Conhecer sua filosofia e cultura era uma forma de ter informações relevantes para combatê-los no campo intelectual.

Lúlio desenvolve a preocupação em compreender os textos das autoridades muçulmanos para se fazer entender pelos povos muçulmanos durante suas disputas.

Nesse sentido, havia grande preocupação em preparar missionários, desenvolvendo neles a capacidade linguística em conhecer a língua compreendida pelo povo ao qual pretendia desenvolver seu trabalho. Geralmente as escolas cristãs, fundadas por ordens religiosas como a dos dominicanos e dos franciscanos, procuravam trabalhar as línguas de judeus e islâmicos para levar a eles disputas orais capazes de comprovar a fé cristã (FALBEL, 1983). Lúlio também foi defensor da ideia de construção de escolas para esse trabalho tendo para tal fundado a escola de Miramar¹³.

Os dominicanos e franciscanos restauraram o projeto de evangelização pela pregação em público. No entanto, mesmo com a fervorosa mobilização para o contato intercultural e religioso entre cristãos e muçulmanos, esses missionários sofriam de certa maneira, pois nem sempre houve uma preparação prévia ao contato com outros povos, sua cultura e principalmente sua língua. Desse modo, Lúlio propunha uma formação que lhes oferecesse conhecimentos sobre as autoridades e as línguas muçulmanas para que pudessem ser bem compreendidos e sucedidos em suas missões. Buscava entre os governantes, reis e papas apoio para a criação das escolas preparatórias de homens, para

¹³ Raimundo Lúlio fundou, em 1276, o colégio de Miramar, para formação de missionários que aprenderiam a língua árabe para pregar ideias do cristianismo entre os muçulmanos.

desenvolver uma mentalidade de evangelização da fé cristã, em busca de torná-la inteligível ao seu interlocutor.

A disseminação do trabalho de ordens como o dos franciscanos e dos dominicanos levava um maior debate entre diferentes concepções religiosas, como judeus e muçulmanos, buscando a catequese e a conversão. Essa proposta evangelizadora, em pleno contexto cruzalístico, foi muito arrojada por parte dessas ordens. Lúlio além de propor a formação de missionários, se envolveu pessoalmente nesse processo, indo a campo e exercendo ele mesmo o papel de evangelizador na terra do oponente.

Em sua obra Félix, Lúlio tratou da relevância do trabalho de homens, chamados por ele de apóstolos, que dedicavam sua vida à pobreza material, saindo pelo mundo pregando a palavra e os ensinamentos da fé Cristã. “[...] nosotros venimos de lejanas tierras. A nosotros se nos llama de la ‘orden de los apóstoles’, y nuestras vestiduras y nuestra pobreza representan el comportamiento que los apóstoles tenían mientras vivían en este mundo [...]”¹⁴ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 164).

Assim, destacamos, com essas reflexões, que o contexto histórico influenciou o pensamento e a obra de Lúlio e refletem as transformações que sua sociedade vivia e o que ele considerava como necessidades para formação do homem dos séculos XIII e XIV. O estudo histórico ajuda-nos a situar Lúlio no conjunto da cristandade e de homens que se dedicaram a disseminar o conhecimento sobre Deus e sua criação. Ele buscava narrativas e exemplos fictícios para demonstrar atitudes e valores que considerava importantes para a formação humana, isto é, uma educação baseada nos princípios cristãos de comportamento. Para tanto, pretendemos inserir algumas características da literatura medieval e a produção luliana, para tratar da importância da literatura para a compreensão histórica de determinados momentos do passado.

¹⁴ “Somos chamados de ‘orden dos apóstolos’, e nossas roupas e nossa pobreza representam o comportamento que os apóstolos tiveram enquanto viviam neste mundo.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 164, tradução nossa).

2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA MEDIEVAL

Dentre as produções dos séculos XIII e XIV, encontramos obras literárias caracterizadas pela relevância aos temas religiosos, por suas intenções didáticas na busca da formação humana. A vida de santos, moral cristã, existência de Deus, passagens da Bíblia Sagrada, interpretações religiosas de aspectos cotidianos, influência da filosofia grega, principalmente por meio das obras dos filósofos Aristóteles e Platão, faziam parte dos temas tratados em alguns textos medievais.

Segundo Spina (2007), em sua obra *A cultura literária medieval: uma introdução*, a literatura medieval ainda trazia sinais da cultura clássica, principalmente no uso do latim como língua oficial, impressos nas produções que iam, desde a literatura monástica (hagiografias, poemas litúrgicos e hinos), literatura especulativa, historiografia, goliardos (canções em latim de caráter tavernário) ao teatro. O autor ainda propõe a divisão da produção literária medieval a partir do século XI, em três grupos com características fundamentais: a literatura empenhada, literatura semiempenhada e literatura de ficção.

A literatura empenhada compreendida como aquela que disseminava as ideias de uma pedagogia didática, apologética representadas pelos hinos, pelas hagiografias, pelos poemas sacros, pelos milagres, pelos bestiários e pelos textos de caráter litúrgico. Essa literatura possuía a intencionalidade de educar o ser humano de acordo com princípios cristãos de conduta. Algumas expressões dessa literatura foram os bestiários, alegorias cujos personagens eram representados por animais, geralmente com características humanas, uma literatura moral religiosa.

Na literatura semiempenhada, encontramos um objetivo mais satírico, nas poesias, nos textos alegóricos e no teatro cômico. Já as produções da poesia épica (incluindo sagas, canções de gesta), lírica trovadoresca, as baladas e as narrativas novelescas, caracterizavam as produções literárias de ficção, que exploravam a temática do amor e a poesia trovadoresca, por exemplo.

Quadro 1 - A cultura literária medieval: uma introdução

Tipos de literatura	Intencionalidade	Tipo de texto em que pode ser encontrada
Literatura empenhada	Educar o ser humano de acordo com princípios cristãos de conduta.	Hinos, pelas hagiografias, poemas sacros, milagres, bestiários e textos de caráter litúrgico.
Literatura semiempenhada	Objetivo mais satírico.	Poesias, textos alegóricos e teatro cômico.
Literatura de ficção	Produções da poesia e narrativas épicas.	Canções de gesta, lírica trovadoresca, baladas e narrativas novelescas.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Spina (2007).

Na obra, Spina (2007) ainda destaca temas relevantes para a literatura medieval como o amor e a luta para conquistá-lo, a astúcia e a inteligência, as virtudes divinas, a virgem Maria, a fortuna e a morte.

A partir do século XIII, as línguas vulgares ou nacionais, passaram também a fazer parte das produções literárias. O latim não era mais o único a monopolizar os documentos e as obras escritas. Raimundo Lúlio é um exemplo de autor cuja produção literária utilizava, além do latim, a língua vernácula, no caso o catalão.

Segundo Domínguez Reboiras (1998), Lúlio merece a qualificação de gênio, pois “[...] fue el creador del lenguaje literario en esa lengua. Fue, sin duda alguna, el primer escritor medieval que expresó contenidos filosófico-teológicos en lengua vernácula”¹⁵ (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998, n.p.).

Já a literatura épica ganhou terreno nas produções e passou a valorizar a temática militar destacando a valentia dos cavaleiros e de seus feitos. A poesia passou a enaltecer a figura do cavaleiro e da mulher, da luta pela conquista, dos galanteios. Ela também abriu espaço para que textos satíricos sobre a conduta viciosa de autoridades, como governante e eclesiástica fossem criticados, inclusive no século XIII, com textos produzidos por homens letrados que frequentavam as universidades. A poesia produzida pelos goliardos¹⁶ era um exemplo de textos que traziam forte crítica e apelo à reflexão sobre as condições sociais e culturais da época.

¹⁵ “Como escritor catalão, Lúlio merece o qualificador de gênio, porque ele foi o criador da linguagem literária nessa língua. Ele foi, sem dúvida, o primeiro escritor medieval que expressava conteúdos filosófico-teológicos na linguagem vernáculo” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1997, p. 748, tradução nossa).

¹⁶ Pessoa que, na Idade Média, possuía certa formação intelectual (geralmente clérigo ou estudante boêmio) e que vivia de esmolas, como trovador ou jogral, destacando-se pela produção de versos ou canções de teor satírico ou amoroso. Dicionário Infopédia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/goliardos>. Acesso em: 20 out. 2019.

Por volta do final do século XIV e XV, era possível observar impresso na literatura uma produção que buscava contrapor-se aos valores intrinsecamente religiosos presentes na produção medieval. Os autores demonstravam sua preocupação com a condição do homem perante o mundo e a si mesmo, representando produções que davam início ao Movimento Renascentista.

2.4 A LITERATURA EXEMPLARISTA LULIANA

A literatura medieval fundamentava suas produções na pregação apostólica, cujo principal objetivo era a defesa da fé, conhecida como apologética cristã. Em termos gerais, deriva do adjetivo latino, *Apologético*, que tem sua origem no adjetivo grego, *apologetikos*¹⁷, “pedido de desculpas” ou mesmo uma “defesa” de um ponto de vista ou de um ataque proferido, a contestação sobre um falso argumento, ou defesa de uma conduta. No caso da literatura apologética medieval, significa “apresentar uma razão” ou a “defesa” de algo, neste caso de pensamentos e de ideias sobre a religião católica.

A literatura apologética objetiva uma apresentação dos preceitos religiosos para que fossem compreendidos pela racionalidade humana, buscando, assim, afirmar a confiabilidade e razoabilidade da fé cristã, divinamente designada para preservar e tornar conhecidos os valores revelados por Cristo. Conhecimentos necessários para justificar o ato de fé como racional.

Para os apologetas, defender o cristianismo era um trabalho evangelizador designado pelo próprio Deus. Homens que buscavam a conversão pelo entendimento racional da verdadeira trindade divina. O despertar missionário que pairava entre os contemporâneos a Lúlio contribuiu para uma produção literária do que conhecemos como Literatura Polêmico – Apologética. De acordo com o trabalho publicado pela professora Elaine Ventorim (2008), intitulado *As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa*, essa literatura pode ser conceituada como:

1. A controvérsia “exegético-crítica”, disputa que tinha por objetivo comprovar a “autenticidade dos textos sagrados” com relação aos temas da Trindade e da

¹⁷ Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apologetico/>. Acesso em: 20 out. 2019.

Encarnação, além, dentre outros, dos artigos da fé católica. Esses temas seriam provados como verdadeiros em disputas orais e públicas.

2. Os tratados, com o objetivo de apresentar amplamente determinado assunto, utilizando das autoridades (nesse caso, escrituras sagradas ou textos filosóficos de relevância e aceitação), para provar a fé e usar argumentos racionais para apresentar os erros e os equívocos de outras religiões, demonstrando a verdadeira fé, a católica.
3. A disputa pelas “razões necessárias”, os debates públicos, de modo a utilizar argumentos lógicos para demonstrar racionalmente virtudes e atributos divinos, considerados válidos pelas religiões monoteístas, como a muçulmana, judaica e cristã como (sabedoria, bondade, grandeza etc.).

A literatura Polêmica tem como objetivo principal a conquista do oponente, geralmente uma disputa teológica em que uma religião tenta demonstrar sua superioridade a ponto de converter membros de outra religião a ela. Grande nome desse modo de pensar e produzir apologético foi Lúlio (VENTORIM, 2008,p.78).

No cristianismo medieval, não eram raras as disputas orais e confrontos entre pessoas de diferentes crenças religiosas, geralmente com a supervisão ou mesmo ajuda de clérigos e nobres, que contribuíram para a formação de uma sociedade cuja unidade religiosa era determinante para as ações e as organizações vigentes.

Temas que eram tratados sob argumentos baseados na razão (*ratio*), ou seja, usar os argumentos filosóficos e também teológicos de pensamento, utilizando como base uma forma lógica e racional. Além das autoridades (*autoritas*) com argumentos presentes nas Sagradas Escrituras, para validar suas ideias e seus discursos sobre a fé, recorrendo aos versículos e aos textos mais pertinentes ao assunto a ser tratado.

Um dos métodos utilizados para a interpretação das escrituras sagradas era a utilização de figuras simbólicas para representação de seus argumentos, em contraposição àqueles que preferiam realizar uma interpretação mais literal. O método de exposição de Lúlio, sua Arte, estava baseado em um conjunto de imagens que representariam as dignidades do Cristo e serviriam para educar o homem a como desenvolver as virtudes necessárias para a salvação da alma.

Segundo Falbel (1983), a relação entre as Sagradas Escrituras e seu uso como autoridade para afirmar argumentos apologéticos exigia dos intérpretes um profundo conhecimento exegético e linguístico de diferentes línguas. Eles poderiam,

assim, compreender esses textos, bem como a linguagem a ser proferida nos debates públicos.

Essas relações de disputas entre as diferentes religiões ganharam destaque nas produções de Lúlio, que polemizou contra muçulmanos e judeus. Sua produção literária é repleta de recursos retóricos e linguísticos que buscavam demonstrar exemplos de condutas a serem desenvolvidas em busca do conhecimento da virtude.

Para facilitar a assimilação de um ensinamento, Lúlio recorreu às narrativas, aos exemplos, para que o preceito moral ou doutrinário que se pretendia instaurar fosse melhor compreendido, unindo a arte de contar a de ensinar. Sua intenção não era apenas alcançar a sabedoria, mas também transmiti-la, sendo essa parte integrante de sua intenção filosófica. Nesse sentido, observamos que ele utilizava um dos gêneros de grande circulação na sociedade medieval, o exemplo, para poder ensinar por meio da arte de contar. Os professores e os pregadores medievais recorriam às narrativas como lendas, fábulas, etc., para exemplificar e decorar a sua exposição, nutrindo um discurso medieval didático, cujas narrativas serviam como demonstração.

Segundo Bravo (1999), em sua obra *Arte de ensinar, arte de contar. En torno Al exemplum medieval*, além das implicações didáticas e literárias, as narrativas também inferem em concepções ideológica, psicológica e pedagógica. **Ideológica**, pois, além de ser um instrumento didático, pode ser usada como uma maneira de tentar direcionar determinados comportamentos e concepções. **Psicológica**, porque se estabelece o exemplo, em que surge um raciocínio do tipo analógico que, levado às suas consequências finais, as possíveis e as diferentes leituras podem criar um contexto de certo e de errado nas ações e nos pensamentos. Geralmente, essas características possuem uma estreita relação com os preceitos influenciados pela cultura de cada sociedade. **Pedagógica**, uma vez que gera não só um suporte para a reprodução de valores e de conhecimentos, mas também exige do interlocutor determinada “exegese”, no sentido de compreender seu contexto e as informações contidas. Poder interpretar as informações explícitas e implícitas presentes em cada texto.

O uso dos exemplos passou a ser utilizado por pregadores como forma de fazer entender seus valores filosóficos e teológicos para formação moral da sociedade. Eles ilustravam aspectos de doutrinas religiosas consideradas

importantes para a formação humana. Essa utilização ganhou conotação entre os religiosos, entre os séculos XIII e XIV, que utilizavam as narrativas exemplaristas para disseminar as crenças e os conceitos essenciais da fé católica por meio da catequização do povo. As pregações, por meio das histórias narradas, eram enriquecidas pelo uso dos gestos, das palavras e das entonações de voz, que tinham ainda a possibilidade de um rico intercâmbio entre as culturas por meio da oralidade. Lúlio valorizava a utilização de recursos linguísticos na busca de uma formação humana, cujos princípios morais eram considerados essenciais para a educação. Concebia a retórica como uma atividade intelectual por excelência.

Segundo os estudos de Mongelli (1999), nos séculos XIII e XIV, os ensinamentos de gramática e de retórica estavam presentes, cujas *artes liberais* – *Gramática, Dialética, Retórica (Trivium)* e *Aritmética, Geometria, Música e Astronomia (Quadrivium)* – embasavam os conteúdos educacionais nas escolas e nos centros de ensino.

Durante a Idade Média a educação estava, fundamentalmente, centrada no estudo das Artes Liberais, divididas em duas bases: o *Trivium* e o *Quadrivium*. O *Trivium* constituía-se na formação voltada para a construção dos argumentos e da conversação; dele faziam parte a Gramática, a Dialética e a Retórica. São as artes sermocinales e foram assim definidas por Hugo de Saint-Victor: “A gramática é o conhecimento de como falar sem cometer erro; a dialética é a discussão perspicaz e solidamente argumentada por meio da qual o verdadeiro se separa do falso; e a retórica é a disciplina da persuasão para toda e qualquer coisa apropriada e conveniente”. O *Quadrivium*, por sua vez, era composto pelas artes reais: a Aritmética, a Geometria, a Música e a Astronomia. (MONGELLI, 1999, p. 1).

Esses conteúdos foram a base dos requisitos dos estudos sobre Teologia, mas também tomaram maiores proporções à medida que os estudos das artes liberais foram crescendo e expandindo os diferentes campos de pesquisa. Para Lúlio, o conhecimento da gramática ajudaria o homem a compreender bem as estruturas dos textos que o levasse ao conhecimento de diferentes ciências, bem como a representar com mais clareza a defesa de seus argumentos. Segundo Lúlio, em *Doutrina para crianças*, “[...] primeiramente convém que passes por esta arte da gramática, pois ela é o portal pelo qual se passa para saber as outras ciências [...]” (LÚLIO, *Doutrina para crianças*, LXXIII, 58).

Já a retórica ajudaria na arte de discursar de maneira clara e compreensível, usando os recursos discursivos essenciais para levar ao seu interlocutor a

mensagem desejada. De acordo com Lúlio (Doutrina para crianças, LXXIII, 59): “Convém que tuas palavras concordem com todas essas ditas, para que sejam agradáveis às gentes e a Deus [...]”.

Segundo Mongelli (1999), em seus estudos sobre a retórica e seu papel na sociedade Medieval, essa arte estava diretamente ligada às demais artes liberais, como no caso da Dialética e da Gramática.

Analisa também o papel da Retórica na Grécia antiga, onde se destaca sua vertente filosófica, e na Roma antiga, assume um papel mais prático, fazendo-se presente na sala de aula, da mesma forma que a Gramática. No período medieval, Retórica, inserida no contexto religioso da época, “visará a fornecer doutrinação e argumentos para a salvação dos cristãos...”. A sabedoria funde-se à religião e os sacerdotes são os novos doutores das Artes, colocando o saber profano a serviço do esclarecimento dos mistérios bíblicos. (MONGELLI, 1999, p. 497).

As narrativas ajudavam didaticamente ao trabalho com as diferentes disciplinas do *Trivium* e do *Quadrivium*, já que permitiam que desde conceitos gramaticais até os exercícios de compreensão e interpretação pudessem ser desenvolvidos. Traziam conhecimentos para que o homem pudesse desenvolver-se na arte da retórica, considerada uma “ciência do diálogo”, na medida em que, por meio dos exemplos, poderia progressivamente assimilar conceitos que os ajudassem refutar ideias, ao mesmo tempo que pudessem utilizar seus argumentos para convencimento do outro.

Lúlio também considerava importante a arte da lógica, pela qual seria possível compreender Deus por razões lógicas, reconhecendo e diferenciando racionalmente argumentos lógicos ou falsos. Consoante Lúlio (Doutrina para crianças, LXXIII, 59), “[...] por meio da lógica saberás sustentar, e concluir o que disseres, e pela lógica defender-te-ás para que não possam te enganar com palavras sofisticadas, e serás mais sutil em todas as outras ciências [...]”.

Observamos que Lúlio corroborava com o pensamento medieval sobre a Dialética ser entendida como um estudo das diferentes maneiras pela qual o homem se utiliza para organizar seu pensamento e sua argumentação. Ele pretendia demonstrar conceitos e a relação da Dialética com as demais disciplinas do *Trivium*, a fim de melhor analisar sua função na educação medieval. Nos estudos de Mongelli (1999), sobre essas artes, a autora comenta que, para o homem medieval, a Lógica era utilizada como uma forma de pensar correto, como um conjunto de regras e de

modos de operar, que permitiram fazer afirmações mais verdadeiras, principalmente as discussões sobre os temas mais relevantes e de maior interesse a sua atuação social (MONGELLI, 1999).

Para prender a atenção de seu interlocutor, os pregadores procuravam escolher as melhores narrativas, os exemplos mais adequados, tanto para o público com o qual pretendia trabalhar, quanto ao tema que desejavam abordar. Isso ajudaria a não deixar sua plateia intediada e, assim, perder a real capacidade de concentração na mensagem, capturando a atenção do seu público para sua fala e seus argumentos (BRAVO, 1999).

O uso das narrativas exemplares foi muito explorado pela estrutura educacional dos séculos XIII e XIV. Desse modo, as obras literárias de Lúlio oferecem ricos exemplos de preceitos educacionais que o autor pretendia transmitir, assunto que abordaremos na próxima seção.

3 VALORES EDUCACIONAIS DESTACADOS POR LÚLIO EM SUAS OBRAS

Nesta seção, pretendemos demonstrar como a obra literária de Lúlio refletia o que ele considerava como preceitos importantes para a formação do homem medieval e como a utilizava para disseminá-los entre povos de diferentes concepções e crenças. Ele utilizou essas obras durante sua vida com o intuito de disseminar a diferentes credos a fé, capaz de levar o homem à salvação de sua alma.

Segundo Bonner (1989), a produção literária de Lúlio é muito vasta. São cerca de 265 obras, sendo 244 latinas. São produções em catalão e latim, que ficaram dispersas. Muitas delas foram encontradas por Nicolau de Cusa, na Alemanha.

Segundo levantamento histórico sobre Lúlio, que pode ser consultado no *site* do Instituto Brasileiro Raimundo Lúlio¹⁸, com a edição da obra *Corpus Lullianum Latinum*, de Ivo Salzinger, temos a informação de que houve aumento pelo interesse pelas produções Lulianas, principalmente nos territórios de Maiorca e na Alemanha. Algumas obras foram editadas por institutos de estudos lulianos como o de Palma de Maiorca, a *Maioricensis Schola Lullistica*, além da Universidade de Friburgo, na Alemanha, com o projeto de edição das obras latinas, por meio do centro de pesquisa luliana, o *Raimundus-Lullius-Institut*, que, oficialmente, começou a funcionar em 1957.

Mateus Obrador e Salvador Galmés publicaram os textos conhecidos por *Obres de Ramon Llull* (ORL), com 83 obras de Lúlio. Destas, 48 foram publicadas por Salvador Galmés e 35 por Mateus Obrador. As obras catalãs também sofreram edições de Anthony Bonner, chamada *Nova Edició de les Obres de Ramon Llull* (NEORL), que procura seguir os modernos critérios científicos para a edição crítica (GIRARDI, 2005).

No Brasil, encontramos muitas publicações e estudos sobre Lúlio por meio do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, que possui vários estudos traduzidos para a língua portuguesa, e nos cursos e nos seminários ofertados frequentemente na sede em São Paulo.

¹⁸ A História completa e detalhada sobre a vida e obra do autor pode ser encontrada no *site* do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (RAMON LLULL), disponível em: http://www.ramonllull.net/sw_principal/l_br/home.php. Acesso em: 25 set. 2019.

Outro importante centro de estudos é o Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN), órgão ligado à Universidade São Francisco (USF), de Bragança Paulista, que desenvolve estudos sobre a produção Luliana, bem como as produções e as traduções realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com o apoio do professor Ricardo da Costa, que possui várias traduções de obras de Lúlio para o Português¹⁹. Essas obras aproximam-nos do pensamento de Lúlio, mas, para tanto, torna-se necessário conhecer como pensava sua Arte, ou o método de pregação da fé cristã proposto por ele, baseado em suas concepções sobre virtudes, o bem e o mal.

3.1 OBJETIVOS EDUCACIONAIS DE LÚLIO EM FÉLIX - O LIVRO DAS MARAVILHAS

Neste subitem, analisamos a composição de Félix - o livro das maravilhas, considerando que Lúlio escreveu os dez capítulos da obra com o intuito de educar os homens a desenvolver uma conduta virtuosa. Observamos a importância do autor em registrar, por meio de uma obra escrita, narrativas e, com elas, ensinamentos que possibilitariam ao homem refletir sobre temas que ele considerava importantes para a sociedade do século XIII e XIV, a saber: as relações culturais estabelecidas entre as diferentes disputas de território e poder político e espiritual, as virtudes que ajudariam o homem a estabelecer parâmetros de boa e má conduta e necessárias para bem agir em sociedade.

De acordo com estudos desenvolvidos pelos autores que fazem a introdução da obra Félix, como Domínguez Reboiras (2016), a obra *Félix* ou *O livro das maravilhas* foi uma importante obra medieval que possuía como tema uma discussão filosófica sobre as ações sociais do ser humano. Nela, o autor levou Félix, personagem principal, a percorrer vários territórios, relacionar-se com pessoas de diversos ofícios e estratos sociais, para demonstrar as diferentes ações humanas, bem como a necessidade de reflexão sobre os exemplos a que ele era posto em contato ou que fosse a ele evidenciado nas narrativas.

Observamos com a leitura que Lúlio utilizava as narrativas sobre as andanças de Félix e as demais contadas a ele durante os dez capítulos da obra para desenvolver uma espécie de educação pelo exemplo. Por meio das histórias, Félix

¹⁹ Algumas obras traduzidas e estudos sobre Raimundo Lúlio podem ser encontrados para *download* no site <https://www.ricardocosta.com/livros>. Acesso em: 19 dez. 2018.

poderia ter contato com experiências que o levasse a relacionar conceitos sobre ações virtuosas ou viciosas e, assim, desenvolver-se como pessoa.

Torna-se importante observar a relação entre o mestre e o aprendiz, sendo o velho ermitão, personagem que acompanha Félix, um homem sábio e conhecedor de muitas coisas, que vai, por meio de exemplos, ensinando lições importantes ao aprendiz. O diálogo entre os mais sábios e os discípulos sempre esteve presente nas obras de filósofos, como no caso de Sócrates, de Platão, entre outros. A relação do velho ermitão e Félix desvela o contexto educacional presente na obra e a intencionalidade educativa que o velho em mostrar exemplos que levassem o jovem ao aprendizado.

Segundo Duby (1982), a relação entre os mais velhos e os mais jovens sempre esteve presente no pensamento do homem medieval, o qual não estaria estritamente ligado à diferença cronológica entre ambos, mas à experiência e à sabedoria que o homem adquire no decorrer de sua vida. Em Lúlio, o exemplo tornou-se uma via favorável ao desenvolvimento do conhecimento das coisas. Os mais velhos teriam mais exemplos e sabedoria para ensinar aos jovens, os quais, por sua vez, possuíam mais disposição e vitalidade. Assim, pelas andanças de Félix, o ermitão vai lhe narrando exemplos e com eles ensinamentos que adquiriu durante sua vida. Lúlio utilizou seus conhecimentos teológicos e filosóficos para criar suas narrativas, constituídas de pessoas com comportamentos sociais diferentes, de variados locais e culturas. Com eles, por meio do ermitão, Lúlio teceu ensinamentos importantes a Félix.

No primeiro livro da obra - *Livro de Deus*, Félix pede ao ermitão que explique para ele quem é Deus. No trágico episódio da pastora, que é devorada pelos lobos, Felix percebeu que ele era incapaz de interpretar corretamente os fatos da vida e a intencionalidade do criador. Por causa da sua pouca sabedoria, Félix negou Deus. Por isso, seu desejo era que o ermitão pudesse lhe ensinar mais sobre Deus:

Señor ermitaño - dijo Félix – sabríais vos decirme qué es Dios? Y mucho lo deseo saber, pues con el conocimiento que tendría sabiendo lo que Dios es, se elevaría mi voluntad a amar a Dios con más fuerza de que lo ahora o amo; pues es evidente y natural que la voluntad iluminada por el entendimiento puede amar mejor aquello que con el entendimiento entiende.²⁰ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 9).

Félix admirou-se que, pela falta de conhecimento, duvidasse da existência de Deus e que, com o conhecimento, poderia ser mais forte em sua afirmação da divindade. Para Lúlio, o saber é um dom oferecido ao homem pelo Espírito Santo, que o leva a conhecer e amar a Deus.

A resposta do eremita demonstrou as dignidades de Deus em sua perfeição, bondade, grandeza, eternidade, poder, sabedoria, virtude. Um ser supremo e sem defeitos. As qualidades de Deus, suas dignidades são reflexões que perpassam algumas narrativas desse livro. Deus cria o homem e lhe dá o livre-arbítrio para escolher entre as ações virtuosas ou não, porém esses homens criados por Deus cultuavam deuses falsos, que os levavam a uma vida de vícios, uma vez que se distanciavam de agir virtuosamente.

É importante neste sentido observarmos a questão do livre-arbitrio .Segundo Agostinho de Hipona(354, 430) Deus existe e é dele que emanam todos os bens. Ele ofereceu ao homem a oportunidade de exercer sua livre vontade perante a vida, por meio do livre-arbítrio, como a oportunidade de viver retamente. Se não o fosse não agiria com justiça, ao castigar o homem infrator por seus pecados, ou ao premiar o benfeitor. Esta primícia repousa sobre o princípio da justiça de Deus, pois se o homem não tivesse livre-arbítrio, não seria merecedor do castigo, visto que não haveria culpa em seu pecado. Se o objetivo do livre arbitrio fosse levar o homem ao caminho do pecado, Deus não poderia castigá-lo. Assim demonstra sua ideia de que o livre-arbítrio foi dado ao homem com o objetivo de torná-lo reto, e a justiça divina recai sobre o homem segundo suas escolhas.

É verdade que o homem em si seja certo bem e que não poderia agir bem, a não ser querendo; seria preciso que gozasse de vontade livre, sem a qual não poderia proceder dessa maneira [...]. Há, pois, uma razão suficiente para ter sido dada, já que sem ela o homem não poderia viver retamente. Ora, que ela tenha sido dada para esse

²⁰ “Senhor ermitão, disse Félix, saberíeis dizer-me o que é Deus? Desejo muito sabê-lo, porque com o conhecimento que teria ao saber o que é Deus, minha vontade exaltar-se-ia para amar a Deus mais fortemente do que O amo, pois é natural que graças ao entendimento iluminado a vontade tenha mais força para amar aquilo que o entendimento conhece.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 9).

fim pode-se compreender logo, pela única consideração de que, se alguém se servir dela para pecar, recairão sobre ele os castigos da parte de Deus. Ora, seria isso uma injustiça, se a vontade livre fosse dada, não somente para se viver retamente, mas igualmente para se pecar. Na verdade, como poderia ser castigado, com justiça, aquele que se servisse de sua vontade para o fim mesmo para o qual ela lhe fora dada? (SANTO AGOSTINHO, O livre-arbítrio. II, 1, 3).

Agostinho nos revela que não devemos atribuir a Deus, mas ao homem a presença do Mal, pois este decorre exclusivamente do mau uso que o homem faz de sua livre escolha. Esta depende da vontade que, para ser realizada na ação, requer ser determinada.

Segundo Santin, 2018 sobre o livre agir do homem, Tomás de Aquino afirma que é função do intelecto levar o homem a agir conscientemente. As ações humanas implicam nas suas potencialidades que são intelecto e vontade, onde o intelecto ordena as ações humanas.

[...] deve-se dizer que a raiz da liberdade é a vontade como sujeito, mas como causa é a razão. Por isso, a vontade pode livremente tender para diversos objetos, porque a razão pode ter concepções diversas do bem. Por esse motivo os filósofos definem o livre arbítrio como: ‘O livre juízo da razão’; como se a razão fosse a causa da liberdade (TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica, I-II, q. 17, a. 1, sol. 2).

Para Aquino é o conhecimento que pode tornar o homem livre, pois o intelecto é uma potência que precisa ser, portanto, precisa ser desenvolvida para poder se transformar em ato. “[...] Por isso, a educação coloca-se como processo fundamental para fazer dos homens indivíduos aptos a agir de maneira inteligente [...]” (SANTIN, 2018, p.50).

É importante destacar que Lúlio conhecia fortemente o pensamento e obra de Tomás de Aquino e sua aproximação com o pensamento sobre a livre escolha do homem entre sua vontade e a razão. Neste sentido acreditava que pelo conhecimento o homem seria capaz de estabelecer parâmetros e conhecimentos necessários para ordenar suas escolhas utilizando suas capacidades intelectivas.

No segundo livro - *dos anjos*, Lúlio procurou mostrar a relação entre os vícios e os sentidos corporais, pois, com eles, o homem desenvolve a natureza das coisas corporais, os sentidos corporais e como usa deles conforme o modo pelo qual obtém prazeres sensuais. Por meio de sua natureza sensitiva, a faculdade de sentir, o homem está mais suscetível aos vícios. No entanto, o anjo, por não possuir corpo,

estava mais inclinado à virtude, uma vez que Deus desejou que o anjo fosse ente espiritual sem corpo, para que o corpo não lhe oferecesse nenhum obstáculo para contemplá-Lo.

No livro terceiro - *do Céu*, Lúlio relatou algumas das crenças medievais sobre a existência da esfera terrestre e a esfera supralunar, onde ficaria o céu, destinado às almas que tiveram uma reta conduta durante sua vida corporal. Nesse lugar iluminado, estariam os anjos, os santos e as criaturas virtuosas.

No livro quarto - *dos elementos*, percebemos a relação da criação com os elementos que compõem a natureza criada por Deus. Ele criou água, fogo, ar, terra e os fenômenos naturais como os raios, a chuva, os ventos, a neve, as diferentes estações e climas para que o homem possa desenvolver as provisões para suas necessidades e contemplar as obras por ele criadas.

No livro quinto - *das plantas*, Félix dirigiu-se ao bosque para contemplar as plantas, a natureza e a obra de Deus.

Señor – replico el escudero – al despedirme de el le pergunte qué habia venido a morar a este bosque y por que había abandonado a sus amigos yéndose de tan noble ciudad ...me dijo que ló hacía para poder contemplar, conocer y amar em el hacer de las plantas t árboles al creador de todo este mundo vegetal.²¹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, V, 130).

Félix retirou-se de um ambiente citadino de barulhos e de convulsões sociais e foi para um local de calma e de natureza para contemplar a criação de Deus e, assim, refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, uma forma de contemplação.

O filósofo apresentou-nos, ainda, a necessidade de que a natureza produz no homem a capacidade de transformar as plantas em alimento, que, depois de digerido, se transforma em força para o corpo. A conversão que a natureza faz das plantas em alimento renova a virtude de viver.

No livro sexto - *dos metais*, Lúlio discorreu sobre a importância dos minerais e dos metais para a manutenção da natureza criada por Deus. Ele relatou que os elementos mais essenciais à manutenção da vida eram mais abundantes na natureza. No entanto, elementos criados por Deus, como o ouro e a prata, são mais admirados e desejados pelo homem, do que o conhecimento de Deus. Pelo vício da

²¹ “Senhor, disse o escudeiro, ao separar-me de meu senhor perguntei-lhe por que vinha a este bosque e por que deixaria seus amigos e saía de uma cidade tão nobre ... me disse que vinha a este bosque para poder contemplar e conhecer Seu criador através das obras das plantas e das árvores, porque a honraria, seus amigos e as bem-aventuranças que tinha na cidade o impediam de entender o significado que as plantas dão de Seu criador.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, V, 130).

luxúria, os homens desejam o ouro e a prata e as riquezas do mundo, fazendo deles seus deuses.

O livro sétimo - *das bestas*, Lúlio utilizou narrativas cujos personagens são animais, para trabalhar com valores políticos, religiosos e filosóficos, na tentativa de demonstrar, pelas ações dos animais, atitudes humanas. Esse livro será mais detalhadamente trabalhado mais adiante.

O livro oitavo - *do homem* é o mais extenso da obra e tem como epicentro o homem e sua existência no mundo. Praticamente 60% da obra foi reservada à humanidade, pois, para nosso autor, o homem era centro da criação divina. O pensamento Luliano de natureza humana como o ponto de encontro entre a primeira causa “[...] amá-Lo, honrá-Lo, servi-Lo e conhecer a Vossa bondade e a Vossa nobreza [...]” e sua operação determina qual a definição do homem e sua relação com Deus e o mundo: em relação à criação, o homem é o centro, em relação ao criador e ao mundo (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1997, p. 288).

Percebemos, em Lúlio, o ser visto em uma escala evolutiva e ascendente: devemos nos conhecer e conhecer o mundo para buscar sempre amar e honrar a Deus. Por isso, Félix descobriu diferentes formas do entendimento humano. Lúlio conferiu, entre todos os seres da criação que já mencionou em Felix, os anjos, os corpos celestes, o mundo sensível, o mundo vegetal, o homem como o mais importante ser da criação de Deus.

Segundo Jaulent (1996), Lúlio definiu, em sua obra *O livro do homem*, o ser humano como um todo constituído por três partes. A primeira relacionada à forma, aos atributos da alma e do corpo que se unem e ajustam um ou outro. A segunda a matéria, que se formaria por meio do agrupamento dos correlativos passivos de corpo e alma. Em terceiro, o ajustamento de todos os atos entre corpo e alma formava o que Lúlio chamou de “ato comum”, pelo qual ambas, matéria e forma, se uniam resultando o homem. Desse modo, o homem seria a união entre matéria, forma e ato. Sem esse ato, não haveria nem matéria nem forma. Dessa maneira, surge o homem pelo ato de ser.

No nono livro - *do céu*, e no décimo livro: *do inferno*, os últimos dois livros da narrativa, uma concepção do que seriam a glória e as dores do outro mundo, que o homem alcançaria após a morte de seu corpo físico. Percebemos a semelhança das dignidades de Deus nas dignidades dos anjos, os demônios e seu sofrimento por terem ações tão contrárias às virtudes de Deus. Lúlio desenvolveu ainda os

conceitos de dignidades divinas, sendo a “essencialidade” das dignidades e a sua projeção nas três pessoas, a trindade em Deus.

Lúlio tratou do paraíso e do inferno, da glória e da tristeza. Os seres chegam à vida eterna (ou habitam no caso de anjos e demônios) de acordo com as dignidades criadas e desenvolvidas por eles. A glória tem como base a atividade das dignidades e da trindade de todas as criaturas. Assim, para ele, a glória no paraíso seria uma visão da essência divina, em que a alma ou os anjos estão no paraíso, a plenitude e a harmonia divina, suas essências como acontece nas três pessoas de Deus. Pela oposição, punição eterna consiste em saber a sua ausência.

É importante observar que, no século XIII, o universo era compreendido dentro de determinada hierarquia. Em primeiro lugar, encontrava-se Deus, seguido pelos arcanjos, anjos, até chegar aos seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais. Essa hierarquização do universo ajudava a justificar a ordem social estabelecida. Em primeiro lugar, homens que oram, seguidos dos homens que lutam e pelos que trabalham. Assim, segundo Duby (1982), trabalhadores e cavaleiros deveriam obediência ao poder estabelecido por Deus na terra, clérigos e reis, justificativa utilizada pelo próprio Lúlio em sua obra.

Após destacarmos brevemente os principais temas de cada livro da obra *Félix - o livro das maravilhas*, é interessante conhecermos como e onde ela foi escrita. Lúlio escreveu essa obra durante sua primeira visita a Paris, onde pôde ter contato mais próximo com a sociedade europeia, em uma fase de sua vida em que já possuía uma visão política e filosófica bem definida. Ele usou a obra para demonstrar alguns pontos sobre suas concepções acerca de política e de poder naquela sociedade. Segundo Jaulent (2001b), Lúlio participou ativamente da vida política de Maiorca e de todo o Mediterrâneo. Durante a leitura e a análise do *Livro das maravilhas* é possível observar como as questões políticas abordadas por ele estão consonantes com a situação política em que vivia.

Mata (2006) relata que, durante suas viagens, Lúlio frequentou Paris em 1288-1289, onde escreveu o *Livro das maravilhas*. Com cerca de 56 anos, já possuía uma visão bem formada sobre a monarquia e seus poderes constituídos. Em visita à universidade parisiense 1309 a 1311, expôs sua Arte a intelectuais e estudiosos, que a leram e escreveram uma carta de aprovação.

Lúlio ofereceu-nos pistas de que um dos seus objetivos durante a viagem a Paris, além de apresentar sua Arte na universidade a professores e alunos, era

buscar a ajuda do Rei Filipe (1268-1314), o Belo, para construir escolas de formação de missionários que pudessem aprender árabe e os preceitos de sua Arte para pregar entre os povos muçulmanos.

Um hombre que habia trabajado mucho tiempo para la utilidad de la Iglesia romana fue a París y dijo al rey de Francia y la Universidad de París que em París se hicieran monastérios donde se aprendieran las lenguas de los que son infieles, y que se tradujese a esas lenguas el Arte demonstrativa; y que com aquella Arte demonstrativa se fuese a los tártaros y que se les predicase y mostrase el Arte; y que hubiese hombres de esos en París y que les enseñase nuestro texto y lengua.²² (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 412).

Nessa passagem, Lúlio fez uma referência autobiográfica em sua narrativa a Félix, indicando um dos objetivos em relação à elaboração de sua Arte. Ele propôs uma reflexão sobre as ações humanas, que poderiam ser virtuosas, se os homens fossem educados nos princípios divinos e convertidos por meio do diálogo, pelo desenvolvimento da razão.

Lúlio desenvolveu em Félix a possibilidade de maravilhar-se perante a obra criada por Deus, tendo contato com os diferentes locais e seres da criação. Félix encontrou, em seu caminho, os diversos espectros sociais do século XIII, incluindo homens de vários ofícios e culturas. Ele desvelou, durante suas andanças, as formas de compreender o ser humano, o que e como pensa, por e para que existe, como e por que existe o mundo. Levou o leitor à possibilidade de reconhecer as potencialidades humanas, o uso dos seus sentidos e da razão, desenvolvendo a apreensão do real e das virtudes necessárias e os vícios que se deveria evitar para se chegar ao estado perfeito, o da temperança.

Félix teve a oportunidade de viajar e de levar o leitor a refletir sobre o porquê as coisas e os seres são assim, como as ações virtuosas ou viciosas dos homens iam constituindo a sociedade. Por meio das andanças de Félix, o leitor tem a possibilidade de conhecer o contexto histórico-social descrito por Lúlio, pela visão e pela simplicidade de um menino de concepção cristã.

À medida que caminhava e se maravilhava com a obra criada por Deus, o protagonista ia questionando os homens e o mundo enquanto o contemplava.

²² “Um homem que trabalhou muito tempo para a utilidade da Igreja Romana foi a Paris e disse ao rei da França e à Universidade de Paris que, em Paris, fossem construídos mosteiros onde se aprenderiam as línguas daqueles que são infiéis, e que elas seriam traduzidas para essas línguas. E que com essa Arte demonstrativa fossem aos Tártaros e que estavam predispostos e mostravam arte; e que havia homens destes em Paris e que ele lhes ensinasse nosso texto e linguagem.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 412, tradução nossa).

Oliveira e Pizoli (2013), ao estudarem o pensamento e o comportamento monástico do século XIII, revelam que os homens, responsáveis pelo desenvolvimento da formação nesse período histórico tinham grande preocupação com o cultivo da espiritualidade, além dos conhecimentos, como os filosóficos.

A afetividade humana é uma atividade psíquica complexa e, portanto, também a espiritualidade ou a sensibilidade do humano diante do mistério do amor divino situa-se em um campo complexo de atividades psíquicas superiores. Acreditamos que o desenvolvimento dessa capacidade psicológica entre os monges era resultado da união entre o esforço racional e a abertura para a sensibilidade afetiva. Não era uma experiência passiva, que ocorria sem um questionamento racional: a experiência mística ou contemplativa não ocorria sem o conhecimento. Nesse sentido, ao escrever sobre a contemplação ou experiência mística, os autores sintetizaram seu pensamento a respeito do processo de aquisição do conhecimento pela mente humana. Não separavam essa experiência divina do humano, mas buscavam elementos para explicar sua dimensão de unidade. A contemplação é um processo intelectual e afetivo que, em um processo educativo ascendente, visa a integralidade da pessoa. Por esse motivo, a literatura monacal tem vários escritos que descrevem itinerários espirituais com passos a serem percorridos a fim de chegar ao pleno desenvolvimento de si mesmo e encontrar a capacidade de contemplar a Deus. (OLIVEIRA; PIZOLI, 2013, p. 10).

Segundo as autoras nos séculos XII e XIV, havia muita preocupação com o desenvolvimento das capacidades cognitivas superiores, direcionando-as para o desenvolvimento da integridade da pessoa para o amor e para a caridade. Pautavam seu pensamento na evangelização, reconhecendo que Deus santificou o homem dando a ele a oportunidade de sua salvação, que seria possível por meio de uma vida virtuosa e baseada nos ensinamentos divinos. O homem então utilizaria seu livre arbítrio para realizar as escolhas entre ações virtuosas ou viciosas, passando sempre pelo crivo da reflexão, pautada nos conhecimentos do homem, entre eles os filosóficos e os teológicos.

Lúlio utilizou alguns desses conceitos sobre a contemplação, mas não se restringiu apenas ao movimento praticado nos mosteiros. Ele levou sua personagem principal a realizar essa experiência contemplativa fora de um ambiente restrito, caminhando por diferentes locais e tendo contato com as diferentes pessoas e seres da criação.

Observamos, na obra Félix a vida contemplativa não fica restrita às paredes do mosteiro ou apenas às muralhas da cidade. É exatamente nas observações e

nas relações estabelecidas com as diferentes personagens de suas andanças que Félix desenvolvia suas reflexões sobre o comportamento humano.

Félix não era um deus e sim um homem, composto de corpo e intelecto. Assim sendo, suas experiências intelectivas estavam diretamente relacionadas às corporais, necessárias ao seu processo reflexivo sobre a divindade e a natureza. É principalmente por essa característica de seu caráter compositório que Félix não conseguiu fugir das suas relações com o mundo e os seres que nele existem, utilizando-se destes para realizar sua atividade intelectual reflexiva, que o conduziu a uma aproximação sobre o divino e sua criação.

Sendo possuidor de um componente superior e divino, que é o intelecto, Félix ultrapassa a dimensão de uma vida de andanças e suas relações com as pessoas que encontra pelo caminho, e dá vazão ao ato de maravilhar-se, ou refletir sobre cada uma das ações com as quais tem contato. Dessa maneira, enquanto Félix realiza suas observações contemplativas e autorreflexivas, ele consegue mostrar ao leitor as diferentes percepções de uma determinada sociedade, à medida que possibilita a ideia de um modelo virtuoso de homem, com base em uma certa crítica sobre as características socioculturais daquele período.

Por meio das experiências de Félix, o homem poderia amar e conhecer a obra de Deus, a ponto de desenvolver-se em ações virtuosas e chegar à salvação de sua alma. Félix maravilha-se porque o mundo não adora a Deus e especialmente porque seus governantes (príncipes, clérigos e os ricos burgueses) não dão o exemplo e são os responsáveis pelo estado lamentável que o mundo se encontra (BONNER, 1989). Essa admiração do personagem Félix não é algo corriqueiro de apenas observar e se maravilhar com a obra de Deus, mas um gênero de admiração que possui algo de especial, uma vez que o comportamento que seria considerado natural para Félix torna-se estranho, como se o que fosse natural tivesse sido alterado.

Por eso, vete por el mundo y maravillare, cuestiona e asómbrate por qué lós hombres han desejado de amar e conocer a Dios, haz que toda tu vida consista em amar y em conocer a Dios e deplora La indiferencia de lós hombres que ignoram o nada les importa amar a Dios.²³ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, prólogo, 2).

²³ “Por isso, vai pelo mundo e maravilha-te, questiona e assombra-te porque os homens cessam de amar e conhecer a Deus. Que toda tua vida seja em amar e conhecer a Deus, e chora pelas faltas

Lúlio admirava-se pelos homens não possuírem virtudes, por não amarem a Deus, algo que o levou a refletir sobre o mundo e os seres da criação. Ele utilizou um conceito muito discutido por Platão e Aristóteles para refletir sobre o ato de admirar, um ato de experimentar sentimentos de admiração, destacado como *thaumázein*. O termo *thaumazein* (do grego) significa a admiração, a perplexidade e o assombro frente à determinada ação ou objeto. Aristóteles utiliza esse conceito para falar de um estado que acomete o homem quando se defronta com alguma situação que causa estranheza ou admiração. É, segundo ele, o impulso inicial ao filosofar. Aristóteles, em *Metafísica*, comenta que:

Com efeito, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar, tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como a gênese do universo (ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 40).

Aristóteles trata de um sentimento, um estado de alma (“*pathos*”), o “*thaumázein*”, que é traduzido como “admiração”, um maravilhar-se diante das coisas e da vida, o célebre “espanto filosófico”, que desenvolve no homem um impulso inicial de refletir sobre as coisas do mundo, uma iniciação ao filosofar. Segundo o filósofo, é diante das perplexidades e da admiração frente às dificuldades e às situações mais óbvias que o homem avança pouco a pouco em suas reflexões sobre os problemas maiores e mais complexos.

Lúlio utilizou o maravilhamento de Félix como uma extensão do significado da admiração aristotélica, pois o ato de maravilhar-se torna Félix um ser que pensa e reflete sobre tudo o que se apresenta à sua frente. Em português, a palavra “maravilha” possui ambos os sentidos: é um ato ou fato admirável e assombroso - a maravilha da natureza e pode ser entendida como um milagre, uma coisa prodigiosa que causa encanto e fascinação.

É nos diferentes locais que Félix vivia suas experiências sociais, encontrava-se com outros homens, instaurando vivências e observações. Suas paixões e suas inquietações giravam em torno das coisas que percebe na natureza e nos homens.

Observamos o ato de maravilhar-se pela ingenuidade e a pureza do olhar infantil, um menino que lidava com novas experiências, que iam constituindo as

dos homens que ignoram e desamam e Deus.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, prólogo, 2, tradução nossa).

variações de maravilhamento no decorrer da narrativa de Lúlio. A criança tem uma propensão maior para se impressionar com as coisas diferentes, e suas experiências vão gerando novos conhecimentos e atitudes cheias de maravilhamentos; assim, ela tem mais facilidade para o aprendizado por meio dos exemplos e tem a propensão mais original para a filosofia.

A educação da criança desde a mais tenra idade foi uma preocupação na obra de Lúlio. O ensino religioso que contemplava a formação moral e ética infantil advinha do fato de que “[...] toda a criança, ao possuir uma espécie de memória inconsciente, seria marcada por tudo o que visse ou ouvisse. Sua memória era comparada ao vidro ou à cera mole, onde tudo se imprimia de maneira indelével [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 266). Na obra de Lúlio há essa forte conotação exposta por Oliveira, visto que ele pretendia oferecer ao filho e às demais pessoas que interagissem com sua obra a possibilidade de uma educação por meio das narrativas exemplares.

Lúlio também escreveu a obra *Doutrina para Crianças*, voltada a desenvolver ensinamentos que considerava importantes para seu filho Domingos. Ele procurou mostrar-lhe a importância de uma formação com as questões referentes ao corpo e a alma, explicando a necessidade de orientar a criança para desenvolver suas habilidades e necessidades tanto do corpo quanto da alma, de acordo com a idade e maturidade. “[...] assim como o corpo deseja usar seus membros quando ainda não é chegado o tempo e nem a idade, a alma deseja usar de suas virtudes quando ainda não deve, pois, a criança é jovem em idade [...]” (LÚLIO, *Doutrina para crianças*, XCI, 79). Para ele, era necessário que o homem estivesse atento às inclinações de seus filhos, observando qual educação ele se habituava e se inclinava, pois, por meio da educação do corpo e da alma, dá-se a formação do sujeito.

Filho saibas que existem duas maneiras de educar: uma pertence ao corpo e outra à alma. Aquela que é do corpo é feita nos cinco sentidos corporais, que são: ver, ouvir, cheirar, degustar e apalpar. A educação espiritual é feita nas três propriedades da alma, isto é, na memória, no entendimento e na vontade. (LÚLIO, *Doutrina para crianças*, XCI, 79).

Assim, ele pretendia educar o filho desde a infância para que, de acordo com os exemplos e as experiências adquiridas durante sua caminhada, pudesse compreender o mundo, Deus e seus atributos. Dessa maneira, utilizando

corretamente seus conhecimentos por intermédio da razão, Lúlio pretendia que seu filho se desenvolvesse em virtudes e controlasse seus vícios.

[...] acostumar teu filho a ouvir vaidades, palavras feias, romances e canções, instrumentos e as outras coisas que dão o movimento da luxúria é veneno e peçonha na lembrança, no entendimento e na vontade de teu filho [...]. Assim, para mortificar tal veneno são necessárias palavras e livros que falem de Deus e do menosprezo deste mundo, antes que o veneno e a peçonha se multipliquem em seu hábito. (LÚLIO, Doutrina para crianças, XCI, 80).

Para ele, a família não poderia deixar de atender e estar atenta ao desenvolvimento de suas crianças oferecendo-lhes os bons exemplos. Para tanto, o melhor estímulo eram as ações virtuosas, as palavras e os ensinamentos de Deus. Cabia ao adulto acompanhar o desenvolvimento do filho.

A preocupação com a moral e com a disciplina era fato corrente para Lúlio, uma vez que compreendia que se as crianças aprendessem seu significado desde cedo estariam mais aptas a guardá-las na memória e pôr em prática na vida adulta. Lúlio possuía a preocupação com a educação física e intelectual para homens que desenvolveriam diferentes ofícios na sociedade. Para alguns homens, que teriam o ofício de lutar nas guerras e defender nobres e reis, era necessária a formação para a luta; já, para outros, nobres e reis, deveria privilegiar a formação em outras ciências, que ofereceriam os conhecimentos necessários para conhecer as necessidades do reino, de seu povo, e tomar as melhores decisões para bem governar.

Respondió el pastor diciendo que el rey tiene mayor necesidad de tener conocimientos en ciencias naturales que en ciencia de las armas; porque por las ciencias naturales puede el rey tener conocimiento de Dios y de su persona y puede conocer la manera mediante la cual sepa reinar y dominarse a si mismo y dominar a su pueblo. Y como el rey necesita también hombres preparados en artes marciales, por eso el rey mandó instruir al hijo memor en el uso de las armas, para que sea através de ellas defensor de hijo mayor, que será el rey tras la muerte de su padre.²⁴ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, IV, p. 104).

²⁴ “O pastor respondeu que o rei precisa mais de conhecimento nas ciências naturais do que na ciência das armas; porque pelas ciências naturais o rei pode ter conhecimento de Deus e de sua pessoa e pode conhecer o modo pelo qual ele sabe reinar e dominar a si mesmo e dominar seu povo. E como o rei também precisa de homens treinados em artes marciais, o rei instruiu o filho a memorizar o uso de armas, de modo que seja por elas o defensor do filho mais velho, que será o rei após a morte de seu pai.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, IV, p. 104).

Observamos em Lúlio a crença de que, para a educação do futuro rei, o primogênito, deveria ser privilegiado o estudo das ciências naturais, das disciplinas do *trivium* e do *quadrivium*, para que, ao tornar-se adulto, pudesse utilizá-las desenvolvendo atitudes virtuosas para comandar seu povo. Ao filho mais novo deveria ser ensinada a ciência das armas, já que esse conhecimento era necessário para proteger o rei. O rei como um pai sábio, deveria educar seus filhos para desempenharem papéis bem delineados na sociedade, cada qual com instruções necessárias para bem cumprir seu ofício.

Lúlio também nos mostra sua preocupação com a educação feminina. A mulher também possuía um papel bem delineado na sociedade medieval, como o de zelar pelos cuidados e pela educação dos filhos. O dever dos pais, principalmente da mãe, que dedicava maior tempo e cuidado aos filhos, era despertar neles as virtudes, que deveriam ser um hábito diariamente alimentado. Evitar os vícios como o orgulho, a luxúria ou a vaidade, sob pena de serem responsabilizados pelo fracasso na formação moral, ética e religiosa dos seus.

De acordo com Erich Fromm (1965), em *O dogma de Cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura*, a educação medieval estava basicamente organizada sobre princípios em que o pai era o centro da justiça. Na sociedade, sua maior representação seria a figura Papal, representante supremo na Terra do poder de Deus e de sua justiça. Já a figura da mãe, a misericordiosa, era a representação do amor da virgem Maria, capaz de conduzir a criança com todo amor e paciência para a formação de um homem que deveria desenvolver cada vez mais valores morais que o aproximasse de Deus.

Ele afirma na obra que, a partir do século IV, a Igreja passou a desempenhar a significação da divindade maternal, para o cristianismo católico, aquela capaz de oferecer a seus filhos, no caso aos seus fiéis, proteção e amor contra as dificuldades da vida. "[...] A Igreja é a intermediária da salvação, os fiéis são seus filhos, ela é a grande Mãe através da qual, exclusivamente, pode o homem atingir a segurança e a bem-aventurança [...]" (FROMM, 1965, p. 56).

Esses princípios seriam um indício da visão da educação no qual a criança era objeto de preocupação entre os homens. Estes se dedicaram a ideia de que, a luz do evangelho e das sagradas escrituras cuidavam das crianças e de sua educação, sob o amor com qual Jesus tratava as crianças, enaltecendo sua expectativa em educá-las para o bem e para o seu fim principal, servir a Deus.

A ideia maternal dos cuidados de Maria com seu filho Jesus desenvolveu, na educação medieval, a necessidade de não só a família oferecer educação e cuidados aos seus filhos, mas também a Igreja. Como mãe e protetora dos seus filhos, acolher e educá-los para o bem comum. Nesse sentido, para Fromm (1965, p. 57), “[...] Maria e o menino Jesus tornaram-se o símbolo da Idade Média católica [...]”.

A educação medieval trabalhava com a perspectiva de uma formação religiosa, tendo como preceitos o modelo da pessoa de Cristo e sua atuação no mundo e com os outros, espelho de caridade e bondade. “[...] Jesus Cristo, quando subió a los cielos, encomendo a San Pedro y a sus seguidores la Iglesia; y a um pastor le encomenda las ovejas, para que las lleve a los pastos – pois por si mismas no saben ir - y a la fuente – a la que no sairían ir sin en le [...]”²⁵ (LÚLIO, Félix - o Livro das Maravilhas, VIII, 354).

Lúlio salientou a responsabilidade da igreja e de seus representantes em educar o povo para o bem. Ele utilizou a metáfora bíblica para representar a igreja com os pastores; o povo com as ovelhas. Ele demonstrava, em sua obra literária, que a educação do homem estava intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de virtudes que o aproximassem do modelo de homem ideal para o cristianismo, semelhantes às dignidades de Deus. “[...] Y de esta maneira hay hombres justos y pecadores: son justos cuando sus obras semejan a las semejanzas de Dios, son pecadores cuando sus obras y sus semejanzas creadas son desemejantes [...]”²⁶ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, p. 392).

A Idade Média foi uma época de complexa transformação e importância crucial, articulada em torno dos princípios de um cristianismo vivo. A educação medieval buscava não apenas a formação intelectual do homem, mas também a valorização da sua formação moral, mostrando o caminho capaz de conduzi-lo à salvação.

²⁵ “Jesus Cristo, quando subiu ao céu, recomendou a São Pedro e seus seguidores à Igreja; e um pastor é confiado as ovelhas, para levá-las para as pastagens - pois elas mesmas não sabem como ir - e para a fonte - para a qual elas não iriam sem o pastor”. (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 354, tradução nossa).

²⁶ “E assim há homens justos e pecadores: eles são justos quando suas obras se assemelham à semelhança de Deus, são pecaminosos quando suas obras e similaridades criadas são diferentes” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, p. 392, tradução nossa).

Percebemos, nas produções de Lúlio e na sua intencionalidade em educar os homens, que a Idade Média estava longe de ser a “Idade das Trevas”²⁷ e que a vida intelectual e educativa desses séculos foi abundante e intensa. Esse termo “idade das trevas” ou “da escuridão” pode estar relacionado à metáfora que já era utilizada desde a Antiguidade, até mesmo nos textos bíblicos para definir o conceito de bem e de mal, de ignorância e de sabedoria: “Irei livrar-te deste povo e dos gentios para os quais te envio, para lhes abrir os olhos e os converteres das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados” (ATOS, 26:18)²⁸.

Encontramos a reflexão da luz como fonte de sabedoria e de Deus, e a escuridão representando a ignorância. “[...] Querido amigo - dijo Félix -, la luz significa sabiduría y sabiduría significa luz; y luz significa gloria y tiniebla significa pena y ignorancia [...]”²⁹ (LÚLIO, Félix o Livro das Maravilhas, III, 95). Ainda sobre o mesmo tema, encontramos a seguinte passagem:

Señor Dios - siguió diciendo el pastor -, vos sois luz y fuente de vida, y porque me parece que aquel lugar, donde vos as mastráis a los santos en gloria, ha de estar inundado de luz, de aquella luz que se muestra en las estrellas que están en el firmamento y en los planetas, en esa luz, Señor, están los cuerpos glorificados irradiando aquella luz del cielo empíreo y aquellos cuerpos iluminan a su vez aquel cielo que es luz.³⁰ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, III, 94).

Lúlio demonstrou o preceito de formação humana buscando sempre a iluminação do homem por meio da sua sabedoria e do entendimento racional, que o aproximaria de Deus. Neste sentido é importante conhecermos um pouco mais sobre como as representações religiosas influenciavam a educação do período.

²⁷ Segundo Franco Jr. (2001, p. 10), “[...] a ‘Idade média’ teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. Ou seja, também para o século XVII os tempos ‘medievais’ teriam sido de barbárie, ignorância e superstição. Os protestantes criticavam como época de supremacia da Igreja Católica. Os homens ligados às poderosas monarquias absolutistas lamentavam aquele período de reis fracos, de fragmentação política. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais”.

²⁸ Disponível em: <https://bibliaportugues.com/acts/26-18.htm>. Acesso em: 10 maio 2019.

²⁹ “Caro amigo, disse Felix, luz significa sabedoria e sabedoria significa luz; e luz significa glória e trevas simboliza dor e ignorância” (LÚLIO, Félix o Livro das Maravilhas, III, 95).

³⁰ “Senhor Deus - continuou o pastor -, você é luz e fonte de vida, e porque me parece que este lugar, onde você guarda os santos em glória, deve ser inundado de luz, com aquela luz que é mostrada nas estrelas que estão no firmamento e nos planetas, naquela luz, Senhor, são os corpos glorificados irradiando aquela luz do céu empírico e aqueles corpos iluminam aquele céu que é luz”. (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, III, 94, tradução nossa).

3.2 REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE MEDIEVAL

A maioria da literatura produzida no período medieval representava a visão religiosa dos homens em relação à eternidade, à redenção e à salvação. Corresponhia a maneira pela qual a religião era capaz de organizar o imaginário dos mitos em sociedade, cuja vida humana não se encerrava apenas na esfera natural (animal ou vegetal), mas ia a fronteiras infinitas e ainda desconhecidas.

Como destaca Oliveira (2012), a memória histórica apresenta-nos uma cultura do homem medieval que aponta a intrínseca relação entre religiosidade e educação.

Se, portanto, hoje a educação se realiza independente da religiosidade, no medievo o espírito de religiosidade era indispensável ao processo educativo e os homens deste tempo não eram mais ou menos educados do que os são os homens do presente. Tratava-se apenas de outros homens, eis a questão. (OLIVEIRA, 2012, p. 202-203).

Não cabe fazermos o julgamento de haver ou não uma proposta educacional correta ao estar ou não relacionada à religiosidade. Porém cabe estudarmos os fatos históricos, para a compreensão de como cada época compreendia a educação com os recursos e as necessidades para seu tempo. Não levantar preconceitos em relação à religião e à educação no medievo, mas, sim, compreender esse processo e como ele ocorreu (OLIVEIRA, 2012a).

A Igreja e seus ensinamentos poderiam contribuir para uma educação moral, ética e religiosa. Cuidar e desenvolver meios que pudessem levar os homens a um bom convívio em sociedade. Alegando *ex ratione peccati* (“por razões de pecado”), a Igreja intervinha nas ações políticas e de controle do reino, sobre pena de excomunhão daqueles que ousassem ir contra o seu poder como representante de Deus na Terra. Um poder que deveria ser considerado além da lei humana, cabendo aos demais homens comuns e servos a função de trabalhar para defender e manter a ordem hierárquica a qualquer custo, inclusive dando sua própria vida em louvor e glória ao nome de Deus e em defesa dos interesses da Igreja.

Os membros da Igreja eram, antes de tudo, membros da nobreza, descendentes de reis e de nobres. por isso, acreditava-se que Deus reservava aos escolhidos um lugar sagrado. Em várias de suas obras, Lúlio reflete sobre a figura do monarca como aquele responsável em governar em nome de Deus: “[...] y el rey

dijo que el rey se há puesto em este mundo como signicación de Dios; es decir, para mantener la justicia em la tierra y gobernar al pueblo que Dios le há encomendado [...]”³¹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 183).

Para Lúlio, o governante deveria amar seu povo e ser amado por ele, mas, para isso, devia desenvolver virtudes como: bondade, justiça, amor, temor, sabedoria, honra e poder. Utilizar sua sabedoria para educar seu povo, sendo amado, mas também temido. Contudo, ele também deveria temer tanto a Deus quanto a seu povo. Temendo a Deus, o governante não desenvolveria vícios que pudessem ofender o povo, que Deus lhe concedeu para honrar e cuidar.

Lúlio defendia que o príncipe precisava usar virtudes como a sabedoria para poder discernir entre as ações mais honrosas para buscar o bem do seu povo. Como possuidor de grande poder como governante, também precisaria ser dono das maiores virtudes. Lúlio apresentou-nos sua ideia de que a sabedoria do príncipe infunde temor em seu conselho, em seus oficiais e em seu povo, mostrando as coisas lícitas e ilícitas.

Para alguns, a natureza divina reservou o trabalho, o desenvolvimento de diferentes ofícios para produção de bens à sociedade. Para outros, por sua vez, tinham a honra de defender governantes e seu povo e lutar em grandes batalhas pela causa de Cristo. Já reis e clérigos possuíam a função de governar o povo em seus valores espirituais e materiais (DUBY, 1982).

Alguns clérigos utilizavam metáforas para representar essas diferenciações de ofícios, muito importante para a compreensão do pensamento medieval. O bispo e hagiógrafo Eadmer de Canterbury (*apud* FRANCO JR., 2001, p. 122). dizia: “A razão de ser dos carneiros é fornecer leite e lã, a dos bois trabalhar a terra, a dos cães defender os carneiros e os bois dos lobos”. Nessa metáfora, os Cães seriam os clérigos, homens e estudiosos, que dedicavam sua vida a Cristo e sua pregação. Sua função seria dar proteção e segurança aos demais integrantes do povo. Aos *bellatores*, os homens que guerreavam e combatiam em nome de Cristo, considerados mensageiros de Deus, pois matavam em seu nome, caberia a função de defender cães, carneiros e bois dos lobos.

³¹ “O rei está neste mundo como um sinal de Deus; isto é, manter a justiça na terra e governar o povo que Deus lhe confiou” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, L. 7, 183, tradução nossa).

A metáfora está impregnada de significação. Os lobos representam os não cristãos, os infiéis a Cristo e todos aqueles que colocassem a vida da população em risco. Na passagem de Félix, podemos verificar essa cultura:

Esta fé, hijo Dios la há dado a los hombres para que, como no pueden entender , crean; y esta fe Dios há dejado em vigilância del papa, cardenales, prelados, clérigos, para que la guarden y defiendan contra la incredulidade, el la qual estan judíos, sarracenos, hereges, infieles, que todos los días porfían por destruir la fe romana. Hijo, los cristianos que son laicos están obligados a guardar y mantener la fe por la fuerza de las armas ; los crérigos la deben mantener por la fuerza de las razones y de las escrituras, de las oraciones y de uma vida santa.³² (LULIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 288).

A Igreja criou, pela fé, meios de definir parâmetros para as atividades humanas, buscando a prática de ações mais virtuosas, correndo o risco de, caso não obedecessem às leis de Deus, representado na terra pela Santa Igreja, serem punidos não só nesta, mas em outra vida.

Na Idade Média, a morte era o grande momento de transição das coisas passageiras para as eternas (LE GOFF, 1984, p. 325). Para o homem medieval, ela representava a mudança de um estado inferior para um estado superior, mas para isso, o indivíduo deveria ter sua vida terrena avaliada de acordo com sua atitude. Assim, sua maior preocupação não era com a morte, mas sim com a salvação da alma.

Nesse período, o mundo era considerado um local de combate contra o diabo, um combate pela salvação da alma. As atitudes desses homens estavam diretamente ligadas às ações materiais, aspectos religiosos, que delimitavam o comportamento social. Segundo Le Goff, em sua obra *O Homem Medieval*, na cultura medieval existia uma verdadeira obsessão pelo pecado, quando se via entregue aos vícios: “[...] esses vícios têm a forma de animais simbólicos, de alegorias ameaçadoras, encarnação dos pecados capitais que, no século XX, se constituíram em septenário: o orgulho, a avareza, a gula, a luxúria, a ira, a inveja e a preguiça [...]” (LE GOFF, 1989, p. 25).

³² “Esta fé, filho Deus deu aos homens para que, como eles não podem entender, eles criam; e esta fé Deus deixou em vigência do papa, cardeais, prelados, clérigos, para guardar e defender contra a descrença, na qual estão judeus, sarracenos, hereges, infiéis, que todos os dias tentam destruir a fé romana. Filho, os cristãos que são leigos são obrigados a guardar e manter a fé pela força das armas; os clérigos devem mantê-lo pela força das razões e das escrituras, das orações e de uma vida santa” (LULIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 288, tradução nossa).

Mesmo nas religiões pagãs e depois com as religiões cristãs, a relação com o além, com a morte e forças metafísicas, sempre esteve na mente e nas ações dos homens. A temível batalha entre bem e mal, terreno e divino e o papel do homem entre elas. Seguir o bem onde “[...] o homem tem por aliados Deus, a Virgem, os santos, os anjos e a Igreja, e, sobretudo sua fé e suas virtudes; mas também tem seus inimigos: satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do pecado Original”, caso queira seguir no caminho do mal (LE GOFF, 2006, p. 22).

Havia a crença de que o inferno estava destinado aos pecadores e o paraíso aos homens que conseguissem seguir os preceitos cristãos de boa conduta. Lúlio acreditava que, por meio da educação cristã, o homem conseguiria viver de acordo com os preceitos necessários para a salvação eterna. Em sua obra, tentou transmitir ao filho valores culturais de sua época sobre a necessidade de se temer a Deus e sua punição pelos maus atos após a morte:

Filho, sabes por que a morte é temível? Porque não podes fugir dela e não sabes quando ela te levará. Assim, se temes a morte, que não pode te matar mas somente teu corpo, temerás a Deus, filho, que pode colocar teu corpo e tua alma no fogo perdurável. (LÚLIO, Doutrina para crianças, XXXVI, 31).

A Imagem do inferno como local de sofrimento foi muito difundida no medievo, na tentativa de demonstrar aos homens daquele tempo que a vida terrena era algo passageiro e que seria apenas uma preparação para a verdadeira vida plena. Esta seria alcançada no paraíso. Essa base metafísica sempre esteve presente na vida e na educação medieval. Nessa descrição do que seria o inferno, Lúlio dá-nos pistas como ele era pensado pelo homem medieval:

O Inferno está no meio de um lugar que fica dentro do coração da Terra. Tal lugar é trancado e fechado, e ali existe pena por todos os tempos. Esta pena acontece em quatro lugares: o Inferno, onde estão os danados que nunca sairão; o Inferno chamado Purgatório, onde o homem cumpre penitência pelas coisas que não cumpriu neste mundo; o terceiro Inferno, chamado *Abraão*, lugar onde entraram os profetas que viveram antes do Filho de Deus ser encarnado, e o quarto Inferno, onde entraram as crianças que não foram batizadas (LÚLIO, Doutrina para crianças, XCIX, 90).

Podemos traçar um paralelo entre a representação do inferno impregnada no imaginário e na cultura medieval, com a imagem bíblica da seguinte passagem:

E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama [...]” (Lucas 16, 19-31).³³

No medievo, a relação de fé e punição era muito utilizada para buscar uma educação para os bons preceitos em amar a Deus e fazer o bem, sob pena de punição nesta e em outra vida. Essa premissa servia para todos, mesmo clérigos ou príncipes, que deveriam buscar sua honra espiritual por meio de uma boa conduta:

Señor – dijo Félix -, los emperadores, reyes, príncipes, condes y barones como también los prelados que tanta honra reciben en este mundo,? cómo es possible que, después de su muerte, sean luego tan poco honrados en este mundo, y, en cambio, los apóstoles, que fueron hombres pobres e menospreciados mientras vivían en este mundo, fueron y son después de su muerte tan honrados, venerados y celebrados?³⁴ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 78).

Juntamente a visão de inferno como local de sofrimento, a concepção do paraíso como lugar de plenitude da alma também era uma constante para o homem medieval. Assim, após a morte, cada um receberia sua recompensa ou punição de acordo com ações que desenvolveu na terra. Para Lúlio, os apóstolos que desenvolviam na Terra uma vida virtuosa, deixando os bens materiais em busca de levar o conhecimento de Deus aos homens, receberiam em outra vida suas recompensas, enquanto muitos homens que ocupavam cargos importantes na Terra, mas que não desenvolviam ações virtuosas seriam punidos por Deus e conduzidos ao inferno.

Lúlio destaca as faculdades intelectivas da alma: no paraíso, Deus demonstra-Se (em Sua Essência, Unidade, Trindade). Isso desenvolve na criança uma educação pautada em viver uma vida digna a contemplar Deus em sua plenitude após sua morte, desejando, assim, se encontrar com Ele no céu.

De acordo com os estudos de Costa (2002), no século XIII, o pensamento sobre céu e inferno baseava-se na sétima arte liberal, a cosmologia, parte mais elevada da astronomia, em que o universo estava composto de duas esferas. O homem ocuparia uma posição crucial, sendo integrante do mundo espiritual, mas

³³ Texto extraído de <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/16/19-31>. Acesso em: 10 set. 2019.

³⁴ “Senhor - disse Felix -, os imperadores, reis, príncipes, condes e barões, bem como os prelados que são tão honrados neste mundo, como é possível que, após a sua morte, eles sejam então tão desonestos neste mundo, e, em vez disso, os apóstolos, que eram pobres e desprezavam os homens enquanto viviam neste mundo, foram e são depois de sua morte tão honrados, venerados e celebrados?” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 78, tradução nossa).

também do material, já que era composto de corpo e alma. Essas duas esferas seriam: a *supralunar* (ou celestial) e a *sublunar*. Na primeira, havia o que Lúlio chamava de *céu empíreo*, o firmamento astral onde estariam, os astros, os santos na glória eterna, os anjos e Deus. Já a *esfera sublunar* (da Lua até a Terra) continha as substâncias sujeitas à corrupção devido à contrariedade natural existente entre os quatro elementos (fogo, ar, terra e água) (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, III, 94).

Na obra *Félix*, Lúlio descreve em um capítulo específico sobre o céu empíreo, usando principalmente a luz como forma de representar o ambiente de maior elevação espiritual:

Señor- dijo el pastor -, me impresiona la gran maravilla del cielo empíreo; lo que esse cielo es y como están en aquel cielo empíreo los ángeles y las almas de los santos entre Jesucristo y nuestra Señora. Y porque me parece que aquel cielo tiene que estar muy bien ordenado para ser lugar de gloria e gran felicidad, por esto vengo a imaginar su disposición tal y se puede expresar en la siguiente oración: Señor Dios- siguió diciendo el pastor -, vos sois luz y fuente de vida, y porque me parece que aquel lugar, donde vos os mostráis a los santos en gloria, há de estar inundado de luz, de aquella luz que se muestra en las estrellas que están en el firmamento y en los planetas, en esta luz, señor, están los cuerpos glorificados irradiando aquella luz del cielo empíreo y aquellos cuerpos iluminan a su vez aquel cielo que es luz.³⁵ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, III, 94).

Lúlio apresentou o paraíso e os seres que lá habitam como aqueles com as faculdades intelectivas da alma, com habilidades como a memória, o entendimento. Deus representado sempre (em Sua Unidade, Trindade e Essência) à lembrança, ao entendimento e ao desejo da alma, enquanto sua percepção de Inferno estava basicamente ligada aos sentidos corporais.

Há uma clara associação simbólica nos dois elementos: Inferno/sentidos corporais (coisas inferiores, ligadas ao corpo) e paraíso/capacidades intelectuais (coisas superiores ligadas às faculdades da alma) (COSTA, 2009a). “Amado hijo, Dios (bendito sea) es digno de ser intensamente recordado, entendido y amado y

³⁵ “‘Senhor’, disse o pastor, ‘estou impressionado com a grande maravilha do céu empíreo; o que é o céu e como estão nesse céu os anjos e as almas dos santos entre Jesus Cristo e Nossa Senhora. E porque me parece que o céu tem que ser muito bem ordenado para ser um lugar de glória e grande felicidade, por isso eu venho imaginar a sua disposição e pode ser expresso na seguinte oração: ‘Senhor Deus’, o pastor continuou, ‘você é luz e fonte de vida, e porque me parece que aquele lugar, onde se mostra aos santos em glória, deve ser inundado de luz, com aquela luz que se mostram as estrelas que estão no firmamento e nos planetas, Nessa luz, senhor, estão os corpos glorificados irradiando aquela luz do céu empíreo e esses corpos iluminam aquele céu que é luz’”. (LÚLIO, Félix o Livro das Maravilhas, II, 86, tradução nossa).

por eso há creado a ángel, estructurándolo en tres naturalezas o componentes, a saber, a memoria, entendimento y voluntad [...]”³⁶ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, II, 86).

Assim as reflexões sobre o mundo metafísico estavam para o homem medieval como uma forma pedagógica de pensar as ações dos homens objetivando educá-los para uma vida mais virtuosa na terra em busca de uma benesse na vida eterna. Aqueles que agiam apenas pelo uso das paixões corporais, regidos pelos sentidos, estavam destinados ao desenvolvimento de vícios, condenados, desse modo, ao inferno. No entanto, àqueles que, pelo uso das faculdades intelectivas, usavam a razão para controlar e domar seus instintos e sentidos corporais na busca da moderação, temperança e atitudes mais virtuosas estavam destinados ao Paraíso.

Refletir sobre o mundo dos mortos era para o homem medieval procurar formas para melhorar o mundo dos vivos, de torná-lo mais semelhante aos desejos de Deus ao criar a humanidade e tudo o que há no universo. Acreditavam que “[...] defender os mais fracos, a Igreja Católica e a fé cristã os aproximaria de Deus, minimizaria suas faltas terrenas fazendo com que alcançassem um lugar no paraíso depois de sua morte [...]” (FRANCO JR., 2001, p. 193).

Nesse sentido, Lúlio apresentou a necessidade de desenvolver no homem atitudes virtuosas para salvação de sua alma. Para compreendermos a proposta filosófica de Lúlio e o que ele pretendia como formação educacional, a necessidade de instruir o homem desde a mais tenra idade para o bem e para hábitos virtuosos, torna-se necessário compreendermos o que o autor acreditava serem as virtudes.

3.3 AS REPRESENTAÇÕES DE VIRTUDE PARA LÚLIO

Para entendermos um pouco mais sobre como Lúlio compreendia a virtude, é importante conhecermos como pensavam outros filósofos do século XIII, pois acreditamos que seu pensamento se desenvolveu com base nos conhecimentos filosóficos anteriores a ele. Filósofos que passaram por transformações sociais que apontam semelhanças de conceitos entre o que esses homens consideravam como virtudes importantes ao convívio em sociedade.

³⁶ “Amado filho, Deus (abençoado seja) é digno de ser intensamente lembrado, compreendido e amado e é por isso que Ele criou o anjo, estruturando-o em três naturezas ou componentes, saber, memória, entendimento e vontade” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, II, 86, tradução nossa).

Acreditamos que um filósofo que influenciou o pensamento de Lúlio foi Tomás de Aquino (1225-1274), que viveu no mesmo século que Lúlio e participou das mesmas tensões sociais e culturais dos séculos XIII. Com suas próprias características de vida e de pensamento, ambos expressam real preocupação quanto a importância da virtude para o convívio social.

O conceito de virtude sempre foi uma constante entre os filósofos. Tomás de Aquino defendeu o conceito de *virtude aristotélica* como uma consequência dos hábitos humanos, sobretudo como perfeição da potência voltada para seu ato³⁷:

A virtude designa certa perfeição da potência. Mas a perfeição de uma coisa é considerada, principalmente, em ordem do seu fim. Ora, o fim da potência é o ato. Portanto, a potência será perfeita na medida em que é determinada por seu ato. As potências racionais próprias do homem não são determinadas a uma coisa só, antes se prestam, indeterminadamente, a muitas coisas. Ora, é pelos hábitos que elas se determinam aos atos. Por isso as virtudes humanas são hábitos. (AQUINO, Suma Teológica, 1ª seção, IIª parte, q. 55 a.1).

Aquino apresentava que as ações humanas que buscavam a disciplina dos desejos poderiam ser nominadas como virtudes morais ou, ainda, virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) (AQUINO, Suma Teológica, 1ª seção, IIª parte, q. 52). Lúlio corroborou com Aquino, fundamentados em bases filosóficas Aristotélicas, para desenvolver seu pensamento de virtude moral como desenvolvimento dos hábitos.

Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, no início do Livro II, faz uma reflexão sobre a virtude moral, afirmando que são derivadas da ação moral, que seria agir de acordo com a reta razão. Esta não nasce com o ser humano, mas, sim, se desenvolve nele pelo hábito, pela sua experiência (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, II, II, 1103 a20, 67). A natureza apenas nos dá a potencialidade para sermos virtuosos, ou não. Logo, se a virtude moral, que se desenvolve por meio da ação moral, é desenvolvida pelo hábito. A filosofia Aristotélica, na qual se baseia o

³⁷ A existência em ato é considerada determinada por Aristóteles e a existência em potência é tida como indeterminada, posto que a passagem de potência a ato pode ou não ocorrer. De potência, a coisa vai em direção ao ato, pois este é o fim visado pela coisa que está em potência. O ato é concebido como princípio ativo determinante, e a potência é concebida como capacidade de realização: “Chamo, por exemplo, construtor quem tem a capacidade construir, vidente quem tem a capacidade de ver, e visível o que pode ser visto”. “De modo que a noção de ato, necessariamente precede o conceito de potência e o conhecimento do ato precede o conhecimento da potência” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, IX(8), 1049 b 20). Para o filósofo, o movimento, a alteração das coisas dão-se de modo teleológico, a saber, visando um fim. O ato é considerado o fim a ser atingido pela potência. Esta, por sua vez, existe visando seu fim, o ato, sendo a finalidade e o ser que visa alcançá-la opostos e diferentes.

pensamento Luliano, revela que, com a prudência, também ocorre o mesmo, uma vez que o ser humano não nasce prudente, mas com a capacidade de o ser. Este somente se torna prudente pelas experiências e pela sua ação prática habitual de atos virtuosos.

Deste modo, o que orientaria o homem para o bem agir desenvolvendo virtudes e evitando os vícios são seus hábitos. Estes, por sua vez, precisariam ser bem orientados pelo uso da razão. Esse livre agir do homem desenvolveria nele hábitos levando-o ao bem ou ao mal, ou seja, pela vontade que o homem desenvolveria livremente seus hábitos.

Para Lúlio, Deus e suas “dignidades” ou predicativos era a representação das virtudes a serem seguidas. Essas virtudes foram destacadas por Aquino como virtudes teológicas, que, excedendo a natureza humana, orientam o homem a agir bem de acordo com suas possibilidades.

É necessário, pois, que lhes sejam acrescentados por Deus certos princípios pelos quais ele se ordene a bem-aventurança sobrenatural, tal como está ordenado ao fim que lhe é conatural por princípios naturais que, porém, não excluem o auxílio divino. Ora, esses princípios se chamam virtudes teológicas, primeiro por terem Deus como objeto, no sentido que nos orientam retamente para ele; depois por serem infundidos só por Deus; e, finalmente, porque essas virtudes são transmitidas unicamente pela revelação divina, na sagrada escritura. (AQUINO, Suma Teológica. 1ª IIªe, v.IV, Q. 62, a. 1.).

Essas virtudes estariam presentes no próprio Deus, criador de todas as coisas, do qual não existiria nada anterior ou posterior a Ele. Estas eram, segundo Lúlio, transmitidas pela revelação divina. Por isso, em seu pensamento, utilizava as virtudes divinas na busca de auxiliar o homem a definir parâmetros de conduta, diferenciando o bem e o mal, os vícios e as virtudes.

Querido Hijo- dijo el ermitaño -, el hombre es bueno em la medida en que Dios há puesto algo de su semejanza; y es bueno cuando quiere usar esa semejanza que Dios le há dado. Y es malo cuando actúa contra Dios y contra la semejanza de Dios; es malo cuando no quiere usar de su bondad ni de su semejanza y usa la maldad y ló que su semejanza es contratio.³⁸ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 278).

³⁸ “Querido filho , disse o eremita, o homem é bom na medida em que Deus pôs nele algo de sua semelhança; e é bom quando ele quer usar essa semelhança que Deus lhe deu. E é ruim quando age contra Deus e contra a semelhança de Deus; É ruim quando ele não quer usar sua bondade nem sua semelhança e usa o mal e o que sua semelhança é contrária.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 278, tradução nossa).

Lúlio utilizou, na maioria de suas obras, esses princípios das dignidades, os atributos e as virtudes Divinas, pelas quais cada ser, conhecendo-as pelo desenvolvimento da razão, compreenderia Deus. Ele utilizou em sua Arte virtudes como: bondade, amor, infinidade, eternidade, sabedoria, poder, simplicidade, misericórdia, humildade para designar o criador (BONNER, 1989).

O uso da razão propiciaria ao homem julgar o ato que realizou baseado nos princípios virtuosos. Se o homem possui a consciência de que Deus era bom, caridoso e prudente, a imprudência e a falta de caridade, por exemplo, poderiam levar a atitudes não virtuosas ou más. Pela lógica, podemos entender qual a função da consciência pelo seguinte exemplo: temos como premissa maior a concepção de que Deus é o criador, fonte de caridade; a premissa menor confere que, ao tirar algo que pertença a outro, o homem está cometendo um pecado contra os mandamentos de Deus. Entende-se, por silogismo, que roubar é pecado. Desse modo, a consciência humana seria a responsável por essa analogia e entendimento.

Lúlio defendia que o uso da razão não poderia ser desprovido da fé. Pelo contrário, seria um processo cíclico que se iniciaria na fé, passaria pela análise racional e voltaria para a fé, porém agora mais fortalecida e verdadeira por ter passado pelo processo da razão.

A Arte Luliana e seu pensamento refletem ainda o dualismo radical entre corpo e alma, entre o sensual e o inteligível, entre o temporal e o eterno, que é uma das características de seu pensamento.

Por medio de la razón el hombre tiene alma racional y esta se crea de nuevo cuando se junta al cuerpo; pero la vegetativa, sensitiva e imaginativa son engendradas por el padre e el madre del hombre. Esta razón se compone de tres cosas, esto es, memoria, entendimiento y voluntad, y todas juntas componen una alma, que es racional. Por la memoria tiene el hombre recuerdo de las cosas pasadas; y por el entendimiento tiene el hombre inclinación a amar e desamar las cosas. Por el movimiento que hay en el hombre entiende el hombre a potencia motiva, esto es el movimiento conjunto de vegetación, sensibilidad, amaginación, racionalidade; pues la razón del hombre es mucho mejor y más noble forma que todas las otras y es la que domina el movimiento de las otras.³⁹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 227).

³⁹ “Por meio da razão, o homem tem uma alma racional, e isso é criado novamente quando se junta ao corpo, mas o vegetativo, sensível e imaginativo é gerado pelo pai e pela mãe do homem. Essa razão é composta de três coisas, isto é, memória, compreensão e vontade, e todas juntas formam uma alma, que é racional. Pela memória, o homem recorda das coisas passadas; e pelo

Percebemos ainda nessa passagem que, para Lúlio, o homem é animal racional, composto de corpo e de alma, que possui cinco capacidades: vegetativa, sensorial, imaginativa, motora e racional. Sendo somente o homem possuidor de todas essas características, em que a capacidade sensível está sujeita à imaginativa; a racional funciona após a imaginação para julgar as coisas imaginadas, a razão rege todas as outras faculdades.

É bem pertinente observarmos, inserida na sua literatura, uma visão de educação que busque trabalhar não somente os sentidos corporais, já que, por meio deles, o homem poderia escolher uma vida material, de vícios e de pecados, mas também a educação espiritual, pela qual ele poderia controlar suas inclinações materiais e buscar o uso do corpo de maneira a evitar os vícios. Por isso, em vários trechos e passagens de suas obras, Lúlio destacou que a alma, por meio da atuação do entendimento e da memória, guardaria e compreenderia os princípios de conduta ensinados pelo Cristo. Somente assim seria possível educar bem o homem.

A educação corporal, no sentido de moderar os comportamentos, era uma preocupação na educação pensada por Lúlio. “A alma ordena o corpo por todos os seus membros. Sabes por quê? Para que o corpo, com seus membros, seja auxiliado em suas fraquezas [...]” (LÚLIO, Doutrina para crianças, LXXX, 67). O homem deveria aprender a utilizá-los de maneira ponderada, pois não seria possível viver sem ao menos alguns desses sentidos, mas para viver uma reta conduta precisaria educá-los.

Percebemos grande ligação entre o pensamento de Lúlio e Aristóteles, no que diz respeito a felicidade humana como uma atividade da alma. Ele acreditava possuir duas representações, uma racional e outra irracional (a natureza vital dos seres vivos, responsáveis pela nutrição e crescimento), destacada no pensamento de Lúlio como “alma vegetável”. Com essa base de pensamento, Aristóteles classificava as virtudes em morais, adquiridas pelo homem como resultado de suas ações, de seus hábitos, e que, por isso, não nascem com ele, pois não poderiam ser mudadas por costumes. As virtudes intelectuais ligadas ao desenvolvimento da aprendizagem dependem das experiências pelas quais cada ser humano passa e

entendimento tem a inclinação de amar e desamar as coisas. Pelo movimento que há no homem, ele entende a potência motora, isto é, o movimento conjunto de vegetação, sensibilidade, afetação, racionalidade; porque a razão do homem é muito melhor e mais nobre do que todas as outras formas, e é isso que domina o movimento das outras.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 227, tradução nossa).

quais as aprendizagens que com elas adquire. Segundo Aristóteles, o objetivo do homem era alcançar a felicidade e para alcançá-la seria necessário viver racionalmente, e viver racionalmente significaria viver virtuosamente.

Aristóteles destaca a racionalidade, aquilo que torna o homem diferente dos demais seres da criação. A partir dela, a função do ser humano seria o exercício ativo das faculdades da alma, e conclui que “[...] o bem humano é o exercício ativo das faculdades da alma em conformidade com a virtude, ou se houver diversas virtudes, em conformidade com a melhor e mais perfeita delas [...]” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, II, II, 1103, 50).

É possível verificarmos a relação que Lúlio faz do corpo com o pecado, pois pelo corpo o ser humano estava mais suscetível a se corromper pelos prazeres e vícios. Em Félix, Lúlio ensina ao filho a importância de compreender essa relação:

Hijo - dijo el ermitanõ -, dos toques tienem lugar en el hombre: uno es corporal, el otro espiritual. El corporal tiene lugar con la vista y los otros sentidos corporales; el espiritual tiene lugar con la memoria, el entendimiento y la voluntad. Y cuando ocurre que por ver u oír o imaginar o tocar corporalmente, se es tentado de lujuria, entonces tiene lugar un toque al alma para consentir o para combatir la lujuria, tocando la memoria al entendimiento y a la voluntad, y el entendimiento tocando la memoria y la voluntad; y lo mismo con la voluntad, que toca a toda la memoria, y ele entendimiento consiente o combate.⁴⁰ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 326).

Lúlio tinha a preocupação de ensinar seu filho a valorizar o uso de sua razão e os atributos divinos: a memória, o entendimento e a vontade, para uma existência digna e coerente com os ensinamentos de Deus em busca de uma reta conduta. “Hijo - la justicia de Dios ha cuando voluntad libres en el hombre y por eso no debe ni puede ni quiere contañir la voluntad libre en el hombre [...]”⁴¹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 301). Segundo seu exemplo ao filho, o homem dedicava sua vida a amar e honrar mais as coisas do mundo do que servir a Deus. No entanto, é exatamente essa liberdade de escolha oferecida ao homem que exige o uso de sua consciência e racionalidade, para que o guie em sua vida na Terra. Usar o livre

⁴⁰ “Filho, disse o eremita, dois toques têm lugar no homem: um é corporal, o outro espiritual. O corporal acontece com a visão e os outros sentidos corporais; o espiritual acontece com memória, compreensão e vontade. E quando acontece que vendo ou ouvindo ou imaginando ou tocando fisicamente, a pessoa é tentada pela luxúria, então um toque acontece à alma para consentir ou combater a luxúria, tocando a memória para o entendimento e a vontade, e o entendimento tocando a memória e a vontade; e o mesmo com a vontade, que toca toda a memória, e consentimento consiente o combate.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VIII, 326, tradução nossa).

⁴¹ “Filho - a justiça de Deus tem livre arbítrio no homem e, portanto, não deve ou não pode e não conterà o livre arbítrio no homem.” (LÚLIO, Félix o Livro das Maravilhas, VIII, 301).

arbítrio dado por Deus e preparar-se para o momento da passagem para a morte. Quando age ordenado pelos sentidos corporais, está mais propenso aos vícios, enquanto a alma é a responsável por agir racionalmente, tomando decisões ponderadas em relação aos prazeres.

Filho, não penses que quando o corpo do homem morre, morre a alma racional. Pelo contrário, ela vai para o Paraíso, para o Purgatório ou para o Inferno, conforme seu merecimento. Contudo, a alma vegetal, a sensitiva e a imaginativa morrem com a morte do corpo. Sabes por quê? Porque são da natureza do corpo, que é de natureza corruptível. (LÚLIO, Doutrina para crianças, LXXXV,73).

Lúlio procurou demonstrar ao filho que a alma vegetal, natural do ser humano, responsável pela sua nutrição e seu desenvolvimento, aquela que considerava como corruptível, morre. No entanto, a alma racional, responsável pelas atitudes inteligíveis do homem, continuaria em outra vida e seria dirigida ao Paraíso ou ao Inferno, de acordo com o merecimento e o desenvolvimento de virtudes durante sua vida.

Em Félix, Lúlio dedicou vários capítulos para trabalhar os diferentes vícios ou pecados, sempre apresentando cada um deles e o modo de como combatê-los. Um dos capítulos, “O Livro do Homem”, faz a uma reflexão sobre a superioridade do homem como filho de Deus em relação aos demais seres da criação. Félix se maravilhava com suas diferentes formas de entendimento. Iniciando com a reflexão sobre as potências da alma, os sentidos corporais e como eles influenciam nas tomadas de decisões pelos caminhos do bem ou do mal. No desenvolvimento das virtudes necessárias para chegar ao estado perfeito de amizade com Deus e onde suas ações poderiam levá-lo depois da morte, Lúlio apresentou-o ao Paraíso ou ao Inferno. Ele dedicou vários trechos com a reflexão de como os prazeres ligados aos sentidos corporais estão para homem como a forma de desenvolver seus vícios ou suas virtudes.

Assim, em cada capítulo do livro, ele apresentou ao filho os antônimos de cada ação: virtudes e vícios, e como o homem deveria proceder para se aproximar da divindade, replicando as dignidades divinas nas suas ações, o que deveria ocorrer com o uso da razão. Alguns dos pecados ensinados ao filho, Lúlio escreveu o maior livro que compõe a obra *Félix*, com temas como: moderação e gula; generosidade e avareza; castidade e luxúria; humildade e orgulho; paciência e ira etc.

Corroboramos com Marroni, 2015, autora que nos influenciou inclusive com os temas a serem abordados neste estudo, que Lúlio considerava as virtudes cardeais pensadas por Aquino: prudência, justiça, fortaleza e temperança, como aquelas a partir das quais se agrupam outras virtudes. Para Aquino, a prudência era a mais importante de todas elas, pois o homem prudente sabe distinguir o que deve ou não ser realizado no momento certo. Assim, saberia distinguir o certo do errado e controlar suas atitudes. Pela justiça, a possibilidade de agir com equidade nas ações que contemplem a si mesmo e aos outros de maneira honesta, na busca de um bem comum.

A virtude da fortaleza, também pensada como coragem, possibilitaria ao homem combater fisicamente os obstáculos encontrados; a fortaleza da alma possibilitaria controlar as fraquezas do corpo contra as aflições ou descontrole. Já a virtude da temperança, quando relacionada aos diferentes sentidos corporais, levaria o homem a amar mais as coisas materiais do que as espirituais e, assim, cometer pecados. Sua educação precisaria ensiná-lo a controlar os prazeres por meio do uso da razão.

A obra literária produzida por Lúlio oferece-nos ricas fontes para compreendemos como ele pretendia educar o homem para ações virtuosas. Um exemplo dessa educação é em relação às ações dos cavaleiros medievais, que tratam da Cavalaria, como o ofício de “manter e defender a santa fé católica”, explicado. No *Livro de Ordem de Cavalaria*, escrito entre 1279-1283, bem como em *Félix - o livro das maravilhas*, Lúlio apresentou críticas a alguns cavaleiros que representavam violência, pois estes faziam a justiça com as próprias mãos. Destacou, ainda, a necessidade de cristianizá-los, desenvolvendo nesses homens as virtudes necessárias para conduzir batalhas santas em nome da fé.

Segundo Marroni, 2015, influenciado pela educação cavaleiresca que recebeu em sua juventude, Lúlio propunha que os homens da guerra protegessem o restante da sociedade, buscando uma proteção mais pacífica entre os povos de uma mesma convivência. Eles deveriam, sobretudo, venerar a Deus e a sua representação na Terra, a Igreja e os clérigos, defender o pobre da injustiça, pacificar as gentes, derramar o sangue e, se necessário, dar sua vida em honra e glória a Deus e pelos irmãos. A Igreja católica pretendia tornar o cavaleiro um *miliciano de Deus*, para que protegesse os fracos. Por isso, sacralizou a cavalaria e tentou criar uma *ética cristã* (LE GOFF, 1989, p. 59).

Lúlio preocupava-se em transmitir valores essenciais à educação e atuação do cavaleiro perante a sociedade e a sua obediência ao poder da Igreja. “[...] convêm ao cavaleiro, pois nobreza de coragem não poderia subir na alta honra de cavalaria sem eleição de virtudes e de bons costumes [...]” (LÚLIO, O Livro da Ordem da Cavalaria, VI, 1). Nessa obra, o autor expressa o que considerava importante na formação do bom cavaleiro, as virtudes teologais (fé, esperança e caridade), virtudes cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança) e os vícios, ou sete pecados capitais (gluttonia, luxúria, avareza, preguiça, soberba, inveja e ira).

Todo cavaleiro deve conhecer as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e as quatro cardeais. As teologais são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza, temperança. (LÚLIO, O Livro da Ordem da Cavalaria, V, 2, 89).

Percebemos a defesa de que o cavaleiro poderia desenvolver as virtudes teologais por meio da fé e com esta a caridade e a esperança. Possuindo as virtudes teologais, o cavaleiro poderia desenvolver suas virtudes cardeais, uma vez que a justiça seria necessária para conhecimento do bem e do mal e o ajudaria a evitar as injúrias. Pela prudência, virtude necessária na guerra, ele poderia prever a intenção do inimigo e preservar-se dos ataques. Pela temperança, o cavaleiro poderia ser mais comedido, evitando os excessos e as faltas, buscando uma atitude mais calma e racional diante dos desafios de seu ofício. Na fortaleza, ele teria a firmeza para combater os vícios, principalmente os ligados aos sentidos corporais, que poderiam levá-lo ao inferno, “[...] carreiras pelas quais vai se aos infernais tormentos que não têm fim [...]” (LÚLIO, O Livro da Ordem da Cavalaria, VI, 95). Lúlio acreditava que essas virtudes os ajudariam a realizar sua missão: a peregrinação à Terra Santa e a luta na Cruzada.

A relação entre a educação cavaleiresca que Lúlio recebeu e que acreditava ser fundamental para a formação do cavaleiro que lutaria em nome da fé cristã sempre teve reflexo direto em sua literatura e vida. Assim, acreditamos ser importante conhecer como essas relações ocorriam em seu ambiente cultural.

Em alguns territórios, como a França, o poder imperial já não era mais capaz de manter os cavaleiros e cidadãos em harmonia e paz, pois suas ações já não eram suficientes para manter a justiça e a ordem social. Com a necessidade de

defender terras já conquistadas pela igreja e defender os mais fracos das desordens e violência, surgem as ordens monástico-militares, com diferentes denominações nos estudos historiográficos, que estavam baseadas nos valores morais elaboradas nas “ligas de paz” e do desejo dos reformadores eclesiásticos de subordinação da cavalaria aos seus programas (LE GOFF, 1989). Uma dessas era a ordem dos Templários, fundada no século XII, na Terra Santa e na Península Ibérica. Ela atraía muitos membros da aristocracia, não só por sua fama de austeridade, mas também pelas doações em territórios e dinheiro que recebiam. Além disso, eram admitidos, a essa ordem, cavaleiros casados.

Bernardo de Caraval foi um dos grandes defensores dessa *militia Christi*, que, para ele, estava do lado oposto da *militia saeculi*, fadada a entrega aos prazeres mundanos, à violência gratuita, ações condenadas pela Igreja. Cavaleiros eram fadados ao inferno e à condenação da alma por lutarem e matarem em nome de interesses puramente materiais. Estavam preocupados com a aparência e os prazeres carnis; do lado oposto estavam os cavaleiros de Deus, os soldados de Cristo lutavam por uma causa maior, a defesa da fé cristã.

O Templário é um monge e, no entanto, mata, o que é bem triste, como admite (um tanto embaraçado?) o abade de Claraval, muito longe, naturalmente, de negar aos infiéis o direito à vida; mas, prossegue ele, a aniquilação dos pagãos por meio das armas e necessária para defender os cristãos e para impedir a injustiça. Mais do que aniquilar o inimigo enquanto ser humano, o Templário deve destruir o mal, sob todas as suas formas, e o pagão é, sem dúvida, portador do mal: por isso, a sua morte e mais um “malicídio” do que um homicídio. (LE GOFF, 1989, p. 65).

Considerada uma ordem Militar, os Hospitalários dedicavam-se a trabalhar em hospitais e locais que serviam de hospedaria, que recebiam doentes e peregrinos viajantes, principalmente em peregrinação à Terra Santa. Existiam ainda, na Espanha, com o objetivo de hospedar e defender os peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela. Na obra *Félix*, Lúlio faz referência a essa ordem na seguinte passagem:

Aquel mozo tuvo la determinación de vender todo cuanto tenía y hacer un hospital y un puente. Propuso el hospital para que se albergasen los peregrinos que pasaban por aquella ciudad cuando volvían de Ultramar⁴²; el puente lo quiso hacer para que los peregrinos pasasen por él y no se ahogasen en el agua, pues había

⁴² Ultramar, palavra que na Idade Média se referia à Palestina, mais especificamente à cidade sagrada de Jerusalém.

una corriente a la entrada de la ciudad y allí se habían ahogado muchos peregrinos que iban a Jerusalém.⁴³ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, III, 197).

O próprio ritual de ordenação de um cavaleiro passa a ser uma cerimônia de consagração, cujos clérigos procuraram assim transformar a entrega das armas em um sacramento (BLOCH, 1987). O tema dos cavaleiros e sua atuação foi uma constante nas reflexões medievais. É possível encontrar relatos sobre eles na historiografia, em pinturas, na literatura, entre os séculos XII e XIII, relatando o esplendor das cerimônias do revestir da armadura; das suas ações de defesa ou violência contra a alta cúpula do poder, aos povos não cristãos ou mesmo aos mais frágeis.

Observamos, nesses homens, uma inclinação pelo martírio, a admiração pelos guerreiros honrados, fossem eles inimigos ou não. Foram características “[...] do sentir cruzado-cavaleiresco típico da cavalaria “secular” e sobre o qual, aliás, a espiritualidade específica das ordens militares religiosas, que nasceram depois da experiência da Cruzada [...]” (LE GOFF, 1989, p. 68).

Conforme os estudos de Marroni 2015, Lúlio sempre demonstrou preocupação com o tema dos cavaleiros e seus valores morais e espirituais. Ele objetivava destacar as virtudes que deveriam possuir, bem como os vícios que deveriam evitar em sua vida, para assim poder lutar dignamente pelas causas consideradas justas para o autor. No caso, batalhas que, mesmo utilizando o uso da força das armas, tornasse possível a pregação e a disseminação da virtude cristã.

Se a nobreza de coragem elegeu o cavaleiro sobre os homens que lhe estão embaixo em servidão, nobreza de costumes e de bons ensinamentos convém ao cavaleiro, pois, nobreza de coragem não poderia subir na alta honra de cavalaria sem eleição de virtudes e de bons costumes. (LÚLIO, Livro da Ordem de Cavalaria, VI, 1).

Nesse trecho, retirado da obra *Livro da Ordem de Cavalaria*, fica claro a preocupação de Lúlio com as virtudes e os vícios dos cavaleiros. No entanto, este não era apenas mérito dele, mas também uma grande preocupação de outros homens que viviam na Idade Média: a questão das *virtudes* e dos *vícios*, um dos temas mais frequentes na literatura e na filosofia medieval e presente em quase

⁴³ “Aquele jovem estava determinado a vender tudo o que tinha e construir um hospital e uma ponte. Ele propôs o hospital para abrigar os peregrinos que passaram por aquela cidade quando retornaram de Ultramar; a ponte que ele queria fazer para que os peregrinos passassem por ela e não se afogassem na água, porque havia uma corrente na entrada da cidade e ali haviam se afogado muitos peregrinos indo a Jerusalém” (LÚLIO, Félix o Livro das Maravilhas, III, 197, tradução nossa).

todas as obras de Lúlio, especialmente as virtudes consideradas necessárias para um bom Cristão.

O valente que não é prudente é um louco e o prudente que não sabe ser valente é um covarde. Na realidade, porém, é raro que o cavaleiro possua, de uma forma harmônica, as duas virtudes fundamentais: essa harmonia nasce sobretudo da irmandade de armas entre cavaleiros cujos temperamentos se completem, da camaradagem existente entre um que seja predominantemente forte e outro que seja predominantemente prudente. Em suma, o perfeito cavaleiro — e nesse aspecto insistira também a tratadística, desde o reformador gregoriano Bonizon de Sutri até Raimundo Lullo, teórico do fim místico da cavalaria —, mais do que um indivíduo, é o resultado daquilo que tanto Cícero como S. Bernardo e Aelredo de Rielvaux definem como *amor socialis* e que coincide com a *notitia contubernii*, o espírito de grupo e de corpo. (LE GOFF, 1989, p. 61).

Se a Literatura está sempre repleta de representações das questões que levavam os homens a pensar e a escrever em sua época, podemos inferir, por meio das diferentes leituras realizadas, que a questão dos vícios e a necessidade de desenvolver virtudes que afastassem os homens deles perturbavam os homens do medievo.

A Santa expedição ofereceu a Lúlio uma oportunidade para que os povos conquistados pudessem ouvir a sua pregação. As lutas armadas representavam a oportunidade de pregação da palavra de Deus e fazê-la ser ouvida. A luta armada direcionada pelo Papa, a luta material, seria a força motriz empregada para a proteção do direito da Igreja de exercer livremente o seu ministério de ensino.

Como um dos objetivos de levar o homem a conhecer as virtudes divinas e cardeais, que era desenvolver atitudes e hábitos virtuosos, Lúlio desenvolveu um método de explicação de seu pensamento, o que ele mesmo denominou de sua Arte.

3.4 A ARTE LULIANA

Para os homens da Idade Média, o termo “arte” estava diretamente relacionado a uma atividade técnica do fazer humano. Le Goff (2006) comenta que seria um fazer especializado como a arte do ferreiro, do carpinteiro ou do professor. Seu conceito estava ligado à capacidade de criar, desenvolver meios pelos quais pudessem ser produzidos objetos ou conhecimentos.

A Arte pensada por Lúlio era um método de exposição do seu pensamento. Por meio dela, ele poderia utilizar conhecimentos filosóficos e teológicos para levar o homem a desenvolver sua vida nas virtudes, mostrando os caminhos pelos quais os homens deveriam percorrer e se desenvolver, evitando os vícios.

Lúlio estudou profundamente outras religiões e percebeu que também muçulmanos e judeus acreditavam em suas religiões como verdades absolutas, sendo fortes e firmes em sua profissão de fé. Para ele, um método capaz de converter esses crentes deveria ser por meio da capacidade de utilizar a razão como critério de verdade, maior ainda do que a fé, pois acreditar seria enfrentar o conhecimento analisado por meio da razão. A fé não poderia ser o único e exclusivo critério de verdade, porém deveria estar antes, disposta ao uso da razão.

Para o homem, sua crença pode ser verdadeira ou falsa, é por isso que a fé não faz distinção entre ambos. Porém a razão que distingue entre verdadeiro e falso é conveniente que tudo que seja razoável seja verdadeiro. O fundamento desse argumento é o fato de que a fé acredita sem hesitação, e a razão examina entre o verdadeiro e o falso (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998). Com essa consideração, Lúlio revelou que a fé por si só não era a garantia da verdade, representando sua convicção de que o cristianismo era verdadeiro pelo discurso racional.

Lúlio acreditava no Deus uno e trino. Ao tornar-se um filósofo, ele não parou de acreditar, mas, sim, passou a compreender coisas que não sabia antes. Nesse sentido buscava compreender racionalmente sua fé. Neste sentido, defendia que a razão estava comprometida com a fé e seu serviço.

Por volta dos 40 anos de idade, Lúlio teve a grande experiência em sua vida. Recolhido ao monte Randa em oração teve uma visão de Jesus crucificado e, por isso, resolveu dedicar a sua vida a disseminar e tornar os predicativos de Deus conhecidas. Após esse evento, ele iniciou uma grande peregrinação por diferentes lugares para pôr em prática sua missão de converter infiéis. Ele esperava que seu método o ajudasse a realizar o que considerava sua missão: levar as diferentes religiões o convencimento sobre a fé cristã. Definia algumas ações necessárias de como aplicar efetivamente essa Arte em sua missão:

1. Conhecer e amar a Deus, um preceito cristão. Levar a verdade de Deus aos povos para que Ele fosse conhecido e amado.
2. Buscar o amor às virtudes e o ódio aos vícios, oferecendo o conhecimento necessário para que o homem soubesse como desenvolver as virtudes e se

distanciar dos vícios. A virtude da temperança seria um bom caminho pelo qual o homem poderia percorrer para evitar as paixões.

3. Confrontar as opiniões errôneas dos infiéis por meio das “razões convincentes” ou “necessárias”, o desenvolvimento de disputas argumentativas e lógicas, para provar sua fé, formulando e resolvendo as questões necessárias para esta persuasão. (COSTA, 2009b, p. 58).

Uma das principais características da obra Luliana era tentar demonstrar a existência de Deus pela sua criação. Até então, as discussões sobre as diferentes religiões estavam pautadas nos documentos sagrados para cada uma delas, as chamadas “Autoridades”. Para Lúlio, estas não eram suficientes para convencer aos não cristãos acerca dos preceitos sobre o cristianismo.

Segundo Lúlio, um missionário poderia referir-se a todas as autoridades e a todos os milagres dos santos para convencer uma pessoa simples. Contudo, diante de uma pessoa mais letrada ou possuidora de outra religião, esse método não seria tão eficiente (LÚLIO, Livro da Contemplação, 10-11).

Sua concepção do relacionamento razão e fé era concreta e circular: a razão busca seu objetivo pelos ditames da fé e a fé depende da razão, para ser verdadeira. Esse pensamento dialético em Lúlio não tentou abolir a fé e substituí-la pela razão, mas buscar inteligência de fé ou, como ele formulou de maneira ousada, para conseguir que pela luz da razão a fé pode se tornar compreendida (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998).

Ele procurava em sua obra a base não só em textos sagrados, mas em fatos que comprovassem a existência de Deus. Para isso, utilizava a fundamentação da natureza criada pela divindade, como exemplo, o uso dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar; a natureza, o universo. “Los cuerpos celestiales, los animales, los pájaros, peces y toda la obra natural y espiritual del mundo significan al hombre la virtude de Dios [...]”⁴⁴ (LÚLIO, Félix - o Livro das Maravilhas, VIII, 364). Ele partiu das obras de Deus, das suas consequências, pois não há nada anterior ou posterior a Ele que pudesse ser usado para exemplificar sua existência.

En una fiesta religiosa predicaba un santo varón y decía: La primeira intención por la que todas las cosas existen, casi se ha mudado em su contrario: y esto se debe a que las gentes por el pecado se

⁴⁴ “Os corpos celestes, animais, pássaros, peixes e toda a obra natural e espiritual do mundo significam ao homem a virtude de Deus.” (LÚLIO, Félix - o Livro das Maravilhas, VIII, 364, tradução nossa).

desvían mayormente de la intención para la que son creados, que es conocer y amor a Dios. Pero, a pesar de que los hombres pecadores se desvían del fin para que el están aqui, Dios non desvia su obra de aquel primer fin para el que há creado a los hombres, pues a unos hombres le perdona y les da gloria , y a otros les da penas, porque los desconocen y non le aman. Así, tratando a unos con misericórdia y a otros com justicia, se cumple el fin por el que Dios há creado el hombre, fin que consiste em conocer y amar a Dios y sus obras.⁴⁵ (LÚLIO, Félix - o Livro das Maravilhas, I, 37).

Segundo Lúlio, as coisas criadas por Deus possuíam o objetivo de fazer com que seus predicativos fossem conhecidos pelos homens. No entanto, os homens utilizavam suas obras para finalidades pessoais, esquecendo o objetivo maior, que seria o conhecimento de Deus. A criação divina poderia convencer qualquer ser humano sobre a grandiosidade de Deus. Dessa forma, Lúlio utilizava uma Arte baseada em uma crença que poderia ser trabalhada e aceita por todas as religiões, já que, independentemente dos documentos e dos dogmas que os embasassem, católicos, muçulmanos e judeus, acreditavam na criação e nos predicados de Deus e, portanto, esses argumentos seriam relevantes.

Seu objetivo era transmitir a verdade que seria um caminho trilhado pelo uso da razão e da fé. Para isso, procurava mostrar as virtudes de Deus por sua criação, não somente com os olhos corporais, mas com o que ele caracterizava como olhos espirituais. “Esta existência... non la puede ver el hombre com los ojos corporales, pero la puede ver com ojos espirituales [...]”⁴⁶ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 34).

No início de seu trabalho Lúlio pretendia ir a outros territórios, como Paris, para desenvolver sua arte. No entanto, ele decidiu que seria muito mais proveitoso estudar na Península, onde a presença de diferentes religiões em um mesmo território oferecia um terreno fértil para o desenvolvimento de seu trabalho.

Aprender a língua árabe com um escravo lhe serviu de base para desenvolver o idioma, conhecer os textos sagrados bem como as obras filosóficas, a ponto de se

⁴⁵ “Em uma festa religiosa, pregava um homem santo e disse: A primeira intenção pela qual todas as coisas existem, quase se inverteu: e isto é porque o povo pelo pecado se desvia em grande parte da intenção pela qual eles são criados, que é conhecer e amar a Deus. Mas, apesar do fato de que homens pecaminosos se desviam do fim para que eles estejam aqui, Deus não desviou sua obra daquele primeiro objetivo para o qual ele criou os homens, uma vez que ele perdoa os homens e lhes dá glória, e outros dá-lhes dores, porque não conhecem e não amam a Deus. Assim, tratando alguns com misericórdia e outros com justiça, o fim para o qual Deus criou o homem é realizado, um fim que consiste em conhecer e amar a Deus e suas obras.” (LÚLIO, Félix - o Livro das Maravilhas, I, 37, tradução nossa).

⁴⁶ “Essa existência... não pode ser vista pelo homem com olhos corporais, mas ele pode vê-la com olhos espirituais.” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, I, 34, tradução nossa).

sentir confortável em disputar abertamente com sábios muçulmanos. Observamos, na escrita de Lúlio que ele pensava o diálogo não apenas como a expressão de opiniões, mas também o que definia semelhanças e diferenças, um confronto epistemológico por meio do qual se poderia avançar e ir além de uma simples disputa entre diferentes visões.

De acordo com o texto de Esteve Jaulent (2001a), na introdução de *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, Lúlio não usava em sua pregação somente a autoridade de textos clássicos e da Sagrada Escritura. Ele empregava também o que caracterizava como razões necessárias, ou seja, argumentos puramente racionais, que não poderiam ser rebatidos por nenhuma escritura. Seu trabalho era baseado na tensão entre o ser humano e sua relação com o mundo real, no contato permanente entre o homem e a realidade.

Toda su obra se subordina a ese único fin. El objetivo fundamental de Lulio era escribir un libro que hiciese inteligible los dogmas cristianos a los musulmanes y judíos. A este libro le dará El título de *Ars inveniendi veritatem* y, considerándola una labor impuesta por Dios, trabajará incansablemente en la composición de este Arte (método) durante más de treinta años.⁴⁷ (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998).

É por meio dessa Arte que Lúlio demonstra que os princípios de seu pensamento se apóiam e tornam possível o objetivo principal. Esses princípios são verdadeiros para o autor na medida em que refletem com precisão os princípios ontológicos universais. Segundo Batllori (2016), em seu comentário inicial da edição da obra Félix, utilizada por nós como fonte primária, Lúlio desenvolveu sua Arte, um método combinatório, que lhe conferiu uma ferramenta de persuasão racional. De acordo com o amadurecimento, foi aperfeiçoando e reelaborando sua Arte. Primeiro escreveu a *Arte demonstrativa*, depois a *Ars inventiva veritatis*. Depois de uma reelaboração produziu a *Ars generalis et última* sua versão final (BATLLORI, 2016).

Lúlio escreveu sua *Ars brevis*, forma mais resumida da *Ars generalis última*, reunindo de maneira clara e concisa todos os elementos necessários para bem compreender seu pensamento. Para tanto, suas ideias foram representadas por meio de letras e figuras, em que cada uma possuía um significado. Para melhor

⁴⁷ “Todo o seu trabalho está subordinado a esse único objetivo. O objetivo fundamental de Lúlio era escrever um livro que tornasse inteligível dogmas cristãos para muçulmanos e judeus. Esse livro será entregue com o título de *Ars inveniendi veritatem* e, considerando-o um trabalho imposto por Deus, trabalhará incansavelmente na composição desta arte (método) por mais de trinta anos.” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998, n.p., tradução nossa).

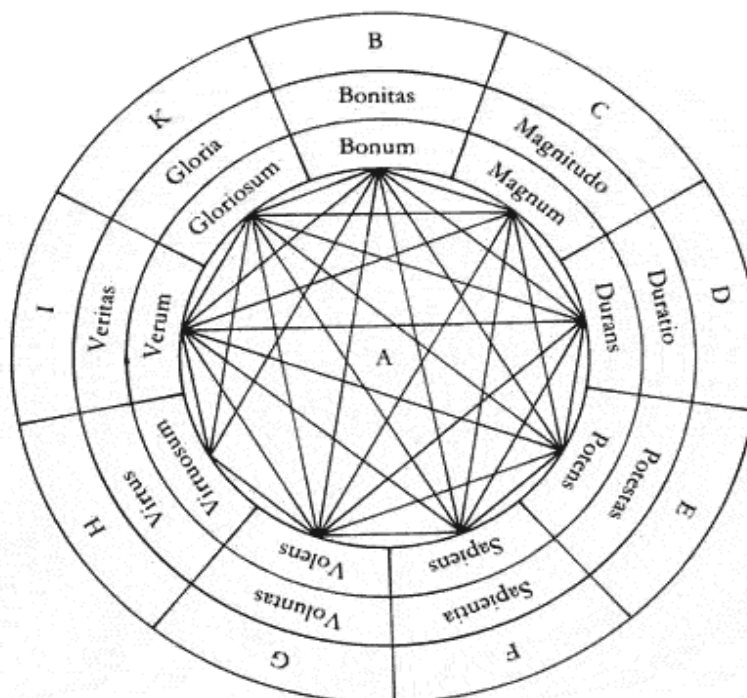
compreender a Arte, é necessário partir da concepção de princípios absolutos ou as propriedades de um ser. Esses princípios fazem referência a um ser e sua obra, como se referir à bondade que se define como algo bom e cuja ação é boa (GAYÀ, 2002).

Isso leva a uma reflexão sobre os princípios absolutos, ou dignidades que correspondiam aos atributos de Deus e não podiam ser provados, como a condição da possibilidade do ser, ou seja, abstratos. Essas características do ser supremo eram reconhecidas tanto por judeus quanto por islâmicos, pois o judaísmo conhece as *principia* sob o nome *sefirot*, enquanto que o islamismo as chama de *hadras*, usadas por Lúlio como pressupostos para o trabalho apologético com as três religiões monoteístas, missão que desenvolveu durante toda a sua vida.

Para o autor, as dignidades são idênticas em Deus, mas fora Dele se distinguem pelas propriedades pessoais de cada ser. Esses princípios ou qualidades são, para Lúlio, perfeitos em Deus. Porém, na sua criação, o homem poderiam mudar de acordo com a relação entre os demais princípios que vão se estabelecendo nos princípios relacionais, as “propriedades pessoais”. As virtudes e os vícios seriam as demais ferramentas que influenciariam essa relação da criação e suas ações no mundo.

Na Figura que segue, uma das letras utilizadas por Lúlio para expressar sua Arte e pensamento é a letra “A”, que representa Deus. Possui círculos superpostos, cujo exterior é a demonstração dos princípios absolutos. No círculo maior, observamos os substantivos como: *sapientia, bonitas* etc. No círculo menor, estão os predicativos de Deus, como: *sapiens, bonum* etc. As linhas no interior perpassam pelos diferentes predicados e sujeitos, mostrando que todos os princípios absolutos se convertem em Deus para demonstrar a Trindade Divina.

Figura 4 - Da Arte breve de Ramon Llull



Fonte: Lúlio (1999).

Esse método de explicação tornou-se conhecido como *demonstratio per aequiparantiam* de Lúlio (1999), o qual, segundo o autor, demonstraria a criação, na medida em que nela estão implícitos os princípios absolutos.

Para o filósofo catalão, Deus era o começo de todas as coisas existentes. No entanto, era por vezes incompreensível devido às limitações da natureza humana. Reconhecer o valor cognitivo dos predicados que expressavam as qualidades positivas da criação de Deus como um reflexo das qualidades divinas ajudaria a conhecê-lo por seus atributos.

Com sua Arte, Lúlio propôs as “razões necessárias” para o entendimento do ser pela sua criação. Entendendo a criação, o homem poderia atingir um conhecimento mais elevado e mais racional até chegar ao conhecimento do “ser supremo”, em quem todas as dignidades divinas coincidem ou se juntam. Por meio das combinações entre as diferentes dignidades, expressas pelas figuras da Arte, o autor permite que o intelecto reconheça a dinamicidade das dignidades na criação somente pode ser compreendida em uma estrutura *trina* e *uma*; desse modo, a verdade da criação é a verdade do Criador.

Assim, a Arte oferecia a possibilidade de encontrar novas combinações e novos argumentos a serem aplicados em outros contextos, respondendo a uma

sequência de questões que poderiam ser formuladas e respondidas por suas combinações.

Uma forma de argumentar sem apelar à autoridade é instigar o raciocínio lógico. A necessidade de o homem desenvolver sua vivência pautada no raciocínio intelectual e reflexivo sempre esteve na proposta Luliana. Segundo Jaulent (2009):

Se o homem, em todas as suas ações, atua perseguindo o fim que a sua razão lhe indica, caminhará para a felicidade, alcançará a sua plenitude racional. Paulatinamente, verá reforçar-se a concordância entre seus movimentos mais íntimos, e seu entendimento se tornará mais agudo e penetrante. O amadurecimento humano, portanto, acarretará sempre um progresso da lucidez mental. Contrariamente, quando as ações humanas se desviam do seu fim, trazem consigo uma perda da lucidez natural. (JAULENT, 2009, p. 3).

Para Lúlio, a ação do homem no mundo estava relacionada à capacidade racional, uma vez que, por sua reflexão sobre sua relação com o mundo e com o criador, consegue chegar a desenvolver experiências reflexivas que o levam a um estado de conhecimento racional, à felicidade.

De acordo com Jaulent (2009), a intencionalidade de Lúlio seria que o homem pudesse alcançar sua plenitude racional e com ela a felicidade. Por meio de suas experiências, o ser humano vai adquirindo uma maturidade intelectual e maior lucidez ao pensar. Segundo Jaulent (2009),

[...] o Homem reconquistará a sua lucidez mediante hábitos bons, obras racionais, fruto da liberdade humana [...]. Neste sentido, Lúlio apresenta que são os hábitos virtuosos e bons que permitem a utilização da racionalidade sobre os sentimentos e a sensibilidade humana (JAULENT, 2009, p. 4).

Por meio das diferentes combinações entre a letra “A” e as demais letras de seu alfabeto, Lúlio pretendia mostrar como Deus era infinitamente ativo e frutífero, assim seus predicativos não poderiam ser ociosos e estéreis. Usando os princípios dessa Arte, produziu várias obras literárias com o intuito de educar o homem para o conhecimento de Deus e da sua criação, na busca de se desenvolver em atributos que o aproximasse das dignidades divinas, utilizando sua racionalidade e sensibilidade.

Pensando sobre como Lúlio utilizou sua literatura para colaborar com a formação do homem do século XIII, propomos a seguir um estudo sobre a importância da literatura para a formação humana, independentemente do período

histórico. Pensamos a literatura como um aporte atemporal para a formação humana.

4 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

Estudar Lúlio e algumas de suas obras nos propiciou uma visão mais detalhada sobre a importância do uso da literatura para o ensino, haja vista que, ao estudarmos um autor do século XIII, pudemos entender que a literatura perpassa os séculos e permanece no presente.

Por meio da literatura é possível ensinar ou compreender as relações sociais, políticas, educacionais, religiosas, dentre outras questões que permearam o período em que a obra foi escrita.

Nesse sentido, relacionamos algumas preocupações apresentadas por Lúlio, na sua época, analisando como a literatura pode contribuir para a formação humana, com o objetivo de mostrar ao leitor que a literatura, independentemente, da época em que foi escrita, tem o sentido de reflexão para a formação do homem. Apresentaremos nesta seção uma proposta de atividades lúdicas, com a obra *Félix - o livro das maravilhas*, mais especificamente com algumas fábulas encontradas no *Livro dos animais*.

A educação está atrelada ao processo de leitura e sua capacidade formativa e informativa dos sujeitos. A nosso ver, ela é capaz de contribuir no desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação com diferentes informações presentes em um texto que propiciem a atualização e a construção de conhecimentos essenciais para uma formação mais crítica e cidadã. Além de oferecer subsídios para a formação do sujeito, pois possibilita interação com o autor, produção de sentidos, vivenciar experiências diversas, compreender os diferentes indicativos e características da realidade. Nesse sentido, acreditamos que quanto melhor e maior for a familiaridade do sujeito com as práticas de leitura, seja ela desenvolvida no ambiente escolar ou não, mais apto estará para interagir com os diferentes tipos de textos e meios de publicação.

Por isso, a leitura deve ser um objeto de estudo e de preocupação por parte dos profissionais da educação, pois sua valorização e seu desenvolvimento estão intrinsecamente ligados à inclusão do sujeito em uma cultura mais letrada. A literatura ajuda na formação de indivíduos que possam ir além do caráter de decodificação, para a capacidade de compreender os diferentes sentidos presentes no texto, sejam eles implícitos ou não, de dialogarem com as intencionalidades de seu autor e com o momento histórico no qual foi produzido.

Essa prática cria a possibilidade de alargamento do seu horizonte de conhecimentos, cujas barreiras físicas não podem os limitar utilizando da literatura, pois “[...] a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não podemos viver realmente [...]” (MARIA, 2002, p. 25).

Acreditamos que a leitura pode levar o ser humano a se reconhecer e desenvolver seu intelecto. Contudo, isso implica a prática da leitura não ser banalizada e nem tratada como algo simples e que possa ser automaticamente desenvolvida. Antes de tudo, ela exige uma postura crítica e reflexiva, como afirma Martins (2003):

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, [...] possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade. [...] apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica [...]. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 2003, p. 22-23.)

O trabalho com a literatura como decodificação é uma barreira que pode ser vencida com o convívio com a leitura como a constituição de diferentes sentidos linguísticos, em que uma mesma palavra possa ter condições de assumir variados significados relacionados ao contexto no qual está posto, ou seja, dependendo de sua contextualização no todo, ela pode assumir significados plurais. Por meio da interação com o texto é que o leitor poderá lhe atribuir o significado mais apropriado, levando em consideração um conjunto de ideias mais abrangentes.

Segundo Todorov (2009), a literatura pode transformar o indivíduo e seu mundo uma vez que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação

do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76).

Para o autor, a literatura assume um papel de produtor de sentidos diversos, ajuda o ser humano a se identificar e se relacionar com o mundo, com as ações que o rodeiam e consigo mesmo. Permite compreender alguns aspectos econômicos, sociais, ideológicos e educacionais. Ela oportuniza caminhos para uma compreensão mais ampla sobre as diferentes esferas e atividades sociais.

De acordo com sua maturidade intelectual e biológica, o leitor pode extrair do texto diferentes leituras. Segundo Guimarães e Batista (2012, p. 18), “[...] toda atividade de leitura implica, para o leitor, a percepção e a compreensão de duas instâncias textuais, que projeta o leitor num universo linguístico, no mundo da língua e seu sistema [...]”, em que a prática contextualizada com a leitura pode ainda possibilitar a compreensão dos sentidos textuais, e a formação de um leitor que vá além da simples decodificação de signos linguísticos.

Ler torna-se um pouco mais complexo que apenas usar o texto falado, pois possui maior complexidade e entendimento linguístico do sujeito.

O texto literário é uma obra de natureza complexa, resultante de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem. (GUIMARÃES; BATISTA, 2012, p. 21).

É válido destacarmos que a literatura está sempre situada em uma complexa estrutura histórico-social, que vai sendo construída, seja pelo autor em suas descrições, seja pelo leitor nas diferentes inferências e recriações durante a sua leitura. É nesse espaço que se concretiza o diálogo da obra “[...] em nome da fruição da leitura, do ‘prazer do texto’ e de seu comprometimento histórico, social e ideológico [...]” (GUIMARÃES; BATISTA, 2012, p. 22). Para Koch e Elias (2008, p. 21): “A leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sócio cognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores e vivências) [...]”.

O aluno deve ser considerado como um sujeito dotado de conhecimentos que já adquiriu e acumulou durante toda sua vivência social. Dentro de uma mesma sala

de aula, encontramos sujeitos de níveis de consciência e de intelectualização diversas, os quais possuem conhecimentos concebidos de forma individualizada, o que traz para um mesmo texto lido, em um mesmo contexto histórico social, leituras e interações polissêmicas. Assim sendo, a reconstrução das dimensões históricas de um texto pode ser organizada pelo leitor de diferentes formas, mas estará sempre carregada de suas experiências com o ambiente e a cultura. Assim, pela prática de leitura, o aluno pode desenvolver várias atividades intelectuais como: a reflexão, o vocabulário e sua fruição, maior percepção da realidade em seus diferentes níveis, além de desenvolver o prazer de viajar por diferentes lugares e tempos.

Antonio Candido (2004), estudioso do universo literário, afirma a importância da literatura para tornar o ser humano mais compreensivo com o outro e consigo mesmo, desenvolvendo sua maior compreensão da natureza e do homem, o verdadeiro poder formador dos textos que trazem livremente em si o que chamamos de bem e o que chamamos de mal (CANDIDO, 2004). Para o autor:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o alinhamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180).

O desenvolvimento do leitor deixa de ser apenas um ato prazeroso, mas alia a ele o fato de poder desenvolver uma maior humanização e sensibilidade. Por isso, torna-se ímpar o fato de o professor levar as diferenças em consideração de maneira a deixar fluir aquelas interpretações que possuam mais coerência e relevância ao que realmente está sendo exposto pelo autor, já que o professor é a figura com mais formação para mediar essa relação, pois os sentidos do texto ocorrerão na interação autor-texto-leitor. Por isso, é de fundamental importância que o leitor considere para produção de sentidos “sinalizações” presentes em cada obra.

Segundo Koch e Elias (2008), o leitor utiliza alguns sistemas de conhecimento para fazer suas inferências em relação à leitura: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. No linguístico, estão implícitas características lexicais e gramaticais que aferem os sentidos do texto, sua construção coesiva, os significados implícitos e explícitos impressos em cada signo e sua construção no texto. O enciclopédico refere-se ao conhecimento que ele carrega consigo, fruto de

suas experiências como ser social, seu conhecimento de mundo que o ajuda a refletir e atribuir os conceitos. Já o interacional é sua capacidade de interagir com a intencionalidade do autor.

Ainda pensando a análise do texto literário e sua relação com a interpretação por parte do leitor, Candido (2005) aponta:

O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário. Este apresenta dois aspectos básicos: a) acessório; b) essencial. O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc.), mais a sua história (por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo. O segundo é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano. É, de certo modo, a sua alma. (CANDIDO, 2005, p. 13).

Levar o aluno a desenvolver estratégias que possibilitem reconhecer a finalidade e a temática de um texto não é uma tarefa fácil. Porém, é essencialmente necessária para a formação crítica e reflexiva do cidadão, que não pode ser banalizada ou substituída por metodologias mais facilitadas, tanto para docentes como para discentes. Muitas vezes é exatamente no ambiente escolar que o aluno possui a única oportunidade de manter contato e conhecer textos mais eruditos.

Alguns equívocos e até mesmo um crime contra a formação de leitores é a concepção que muitas obras ofereçam um vocabulário de difícil compreensão e acabam por escolhas de textos mais simples e menos complexos. No entanto, é necessário que o aluno conheça uma leitura mais elaborada e que gradativamente possa ser colocado frente a novas dificuldades, para que possa superá-las.

Saviani (2010) enfatiza que, além de trabalhar com a cultura popular, a escola é capaz de possibilitar ao aluno o acesso à cultura erudita. O pesquisador destaca que o acesso a esse conteúdo mais elaborado pode oferecer ao indivíduo a oportunidade de se apropriar de novos conhecimentos e experiências, que possam expressar os conhecimentos populares e torná-los compreensíveis. Para Saviani (2010, p. 22), “[...] o acesso à cultura erudita possibilita a apropriação de novas formas por meio das quais se podem expressar os próprios conteúdos do saber popular”. Não seria, assim, uma questão de abandonar os textos de cultura popular e seus saberes, mas, sim, possibilitar ainda a interação com os clássicos.

Para o autor, o conceito e entendimento de “clássico” orienta a definição dos currículos escolares, oferecendo “[...] um critério para se distinguir, na educação, o

que é principal do que é secundário; o essencial do acessório; o que é duradouro do que é efêmero; o que indica tendências estruturais daquilo que se reduz à esfera conjuntural [...]” (SAVIANI, 2010 p. 27-28). É esse conhecimento que influenciará a seleção dos conteúdos e dos conhecimentos literários, filosóficos, dentre outros, que serão trabalhados pelos alunos.

Nesse sentido, é de suma importância que os professores possam se apropriar de conceitos importantes sobre o que são e quais os objetivos de um clássico. Podem ainda compreender quais as metodologias mais adequadas para o trabalho de leitura, propiciando aos alunos os conhecimentos que circundam a relação entre o homem e sua cultura. Desse modo, os clássicos literários podem ser um rico referencial para que o leitor possa adquirir conhecimentos produzidos e ações vivenciadas ao longo de suas interações sociais.

Uma das questões que permeia o trabalho com a leitura está ligada a algumas metodologias tradicionalmente desenvolvidas, que privilegiam apenas atividades avaliativas, resumos ou mesmo a leitura de adaptações. Por vezes, a prática de leitura pode ser utilizada apenas como um pretexto para estudo de aspectos da linguagem, gramática e semântica. Observamos em nossas experiências, junto aos professores de língua Portuguesa, por exemplo, que o uso do texto como pretexto para explicar fenômenos da língua ainda é uma prática comum e contribui para dificultar o trabalho com a leitura. Assim:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

É na escola que o indivíduo possui a oportunidade de aproximação com práticas pedagógicas significativas e valorosas, que propiciem o seu desenvolvimento leitor e suas habilidades para utilizar a literatura no seu desenvolvimento intelectual, bem como de valores socioculturais, que o auxiliará em sua vida em atividades particulares e coletivas.

O sujeito não nasce sabendo ler e interagir com o texto literário, por isso é necessário que ele seja apresentado a práticas que o leve a caminhos pelos quais

precisa percorrer para chegar à leitura significativa e se tornar um bom leitor, capaz de interagir com diferentes textos e sentidos da vida e do mundo. Para ajudar o aluno no desenvolvimento do prazer pela leitura, o professor é figura fundamental, pois quanto mais riqueza de possibilidade de o aluno expor e confrontar suas ideias sobre os diferentes sentidos do texto, mais instigado ele ficará.

4.1 A FÁBULA E SEU CARÁTER EDUCADOR

Considerando o uso da literatura como aporte de desenvolvimento para a formação humana, destacamos a importância do trabalho com as fábulas como recurso didático para a formação de leitores, oferecendo a oportunidade de formar nele valores humanos.

Fundamentados na teoria dos gêneros discursivos proposta por Bakhtin (2003) e observando a linguagem discursiva de interação entre o texto e seu leitor, acreditamos que a escolha do gênero fábula é muito pertinente para o trabalho de leitura em sala de aula, principalmente no que se refere aos alunos da Educação Infantil e do Ensino fundamental. É na interação entre leitor e texto que o aluno tem a oportunidade de desenvolver uma reflexão de valores e circunstâncias da vida do homem e suas relações sociais. Esse desenvolvimento da prática leitora e formadora, pelo trabalho com as fábulas, pode estar consoante com a visão dialógica de Bakhtin (1992), que nos afirma que é na interação verbal, estabelecida pela língua com o sujeito falante, que o texto ganha sentido conforme o contexto que está inserido.

O aluno torna-se, assim, parte essencial do processo de leitura, cuja troca de sentidos com a obra, seu autor e o momento histórico em que ambos estão localizados criam os diferentes sentidos e conceitos que são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens e seu contexto social. É a leitura pensada além de uma simples operacionalização de um currículo, que privilegie a importância da prática leitora significativa. Desse modo, o aluno tem no direito de adquirir sua competência leitora o exercício de sua cidadania, possibilitando a ele expressar e entender seus diferentes anseios e necessidades.

Por isso a importância de a escola oferecer ao aluno a oportunidade de participar ativamente do processo de formação intelectual, com as práticas de leitura. É por meio das práticas de interação entre escritor, leitor e obra, que o

professor pode desenvolver práticas pedagógicas que privilegiem o trabalho com os textos literários, respeitando sua importância e riqueza.

A leitura das fábulas oferece a oportunidade de desenvolver a formação de conhecimentos, atitudes e valores pelo processo de ensino e de aprendizagem prazeroso e que tenha significado para os alunos.

De acordo com Jesualdo Sosa (1978), em sua obra *A Literatura Infantil*, a criança possui grande interesse por obras literárias que possibilitem o uso de sua imaginação, pelo mistério e fantasia; assim, “[...] é importante para a criança como tradução de seus movimentos interiores e quanto o pequeno leitor, nele se sente viver [...]” (SOSA, 1978, p. 39). O autor apresenta-nos que invenção e drama são os dois pilares essenciais de toda a literatura que serve aos interesses da criança, seja qual for sua idade.

A história aguça a capacidade do leitor de envolver-se com o universo das personagens, cujo drama de ambos se mistura fazendo o despertar de diferentes emoções e visões de mundo. Em contato com seu mundo interior, ele confronta seus sentimentos e desejos mais latentes, construindo um equilíbrio emocional que o ajuda em seu crescimento intelectual e psíquico. “[...] O espírito da criança precisa do movimento das personagens, da soma das experiências populares e tudo isso dito por meio das mais elevadas formas de expressão e com inegável elevação de pensamento [...]” (SOSA, 1978, p.19). É por meio do imaginário que a criança reconhece suas próprias dificuldades e aprende a lidar com suas emoções, podendo, assim, reconhecer-se melhor como parte integrante do mundo que a cerca.

Fábula vem do Latim *fari*, que significa falar, e do grego *phaó*, que é o mesmo que contar ou dizer alguma coisa. De acordo com Nelly Coelho (2000, p. 165), fábula “[...] é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade [...]”. A fábula é um dos gêneros literários mais antigos, foi disseminado ao longo dos tempos pela oralidade, geralmente ligada à sabedoria ou aos contos populares, e, posteriormente, pela escrita. No prefácio de sua obra *Fábulas*, La Fontaine (1997) destaca o que considera algumas características do gênero:

Estas fábulas não são apenas morais, proporcionam ainda outros conhecimentos. Expressam as propriedades dos animais e os seus diversos caracteres e, por conseguinte, também os nossos, uma vez

que somos um apanhado do que há de bom e de mau nas criaturas irracionais. Quando Prometeu quis formar o homem, pegou na qualidade dominante de cada animal: destas peças tão diferentes, compôs a nossa espécie; fez a obra a que chamamos o vulgo. Assim, estas fábulas são um quadro em que cada um de nós se encontra descrito. (LA FONTAINE, 1997, p. 27).

Lendo e ouvindo histórias, o aluno vai se familiarizando com valores de uma determinada sociedade, virtudes e vícios do homem, em alguns casos, personificadas por animais que assumem características dos seres humanos. Geralmente, essas virtudes estão relacionadas a valores intrínsecos ao convívio do homem em sociedade, como o trabalho, a persistência, a coragem, a solidariedade, a liberdade, a capacidade de adaptação, a generosidade, a inteligência, a perspicácia, a astúcia, entre outros. Entre os valores mais reprováveis estão alguns vícios como: a vaidade, a traição, a inveja, a cobiça, a covardia etc.

A Fábula é um gênero literário que teve início mesmo antes da escrita, transmitida e disseminada oralmente, utilizando como recurso a memória, com o objetivo de aconselhar o homem, mostrar as virtudes que deveriam ser seguidas e os vícios que deveriam ser evitados, para conviver de acordo com a conduta considerada moralmente aceita de acordo com a cultura de determinado povo. Assim sendo, durante o trabalho com as fábulas, o professor pode ajudar os alunos a desenvolverem o seu senso crítico, pela ativação da memória, da sensibilidade, da imaginação e da análise do contexto social onde vivem, com a intenção de fazê-los refletir sobre as mensagens transmitidas.

Segundo Candido (2007), em *A Personagem de Ficção*, uma obra literária só atinge seu objetivo quando comunica aos leitores “a impressão da mais legítima verdade existencial”, por meio “de um ser fictício”. Ela implica que as ações descritas pelas personagens da obra podem representar relações e ações reais ou verdadeiras, estabelecendo, assim, o mundo real, as personagens da obra como uma representação de pessoas reais e/ou suas atitudes.

No caso das fábulas, mesmo as personagens sendo animais, são-lhes atribuídas características físicas e psicológicas de seres humanos. Aproximam-se do mundo real em seus dilemas e conflitos, tornando-se o elemento mais atuante e comunicativo, adquirindo significado quando reflete o contexto social que os leitores estão inseridos. É ainda possível compreender a relação da obra com o mundo, já que as personagens estão envolvidas em uma teia de valores morais, políticos e culturais, que influenciam sobremaneira suas tomadas de decisões.

Em contato com essas histórias, os alunos podem definir parâmetros para avaliar sua própria existência no tempo. Trata-se de uma obra fictícia, mas que reflete a realidade, mesmo por meio de obras que foram produzidas há muito tempo, percebemos ensinamentos relevantes.

Ainda segundo Candido (2002), a literatura possui duas funções: a função psicológica e a formadora. A psicológica está ligada a uma característica do ser humano e sua interação entre a ficção e a fantasia. Em contato com essas características, o leitor pode sofrer influências, podendo desenvolver diferentes olhares sobre o tema. Já sua função formadora está diretamente ligada à capacidade de desenvolver posturas frente ao texto, seja esta de defender interesses considerados desfavorecidos ou não, concordar ou discordar, fazer novas inferências ou não. Pode desenvolver no leitor a oportunidade de ter uma nova postura, ou pensar sobre questões ainda não discutidas.

Sosa (1978) ainda nos relata a importância de desenvolver no aluno a capacidade de perceber as ações das personagens e com elas trabalhar seus próprios sentimentos e conceitos, já que não é especificamente a moral da história que fica registrada como experiência de conhecimento, mas são os acontecimentos, as ações das personagens, que ficam impregnadas na memória do leitor. É na relação entre as ações das personagens das fábulas e o mundo íntimo do leitor, seus sentimentos e seus pensamentos, que o indivíduo desenvolve seus conceitos sobre cultura, educação, moralidade, ética, entre outros.

Ao trabalhar as fábulas, o professor pode oferecer mecanismos para que o aluno possa interagir com o texto, suas personagens, suas tensões e compreender quais ações são dignas de repúdio ou não. Neste sentido acreditamos que o trabalho com as fábulas lulianas são um rico referencial para o desenvolvimento intelectual e moral nas aulas de literatura, pois desenvolve valores importantes para a formação humana.

4.2 A FÁBULA MEDIEVAL: O LIVRO DAS BESTAS

A produção literária luliana estava baseada na formação moral, voltada a ensinar a criança desde cedo a amar, honrar e servir a Deus. Em *Félix - o livro das maravilhas*, Lúlio dedica o sétimo livro da obra ao uso desse gênero literário, pois sentia a necessidade de utilizar os recursos que possuía para denunciar e apontar o

que considerava como comportamentos inadequados. Uma sociedade que se corrompia pelos vícios, inclusive aqueles que deveriam ser exemplos: como o monarca e os clérigos, que representavam o poder supremo na terra, como a representação do poder de Deus.

Encontramos no capítulo 7, *O Livro das Bestas* (dos animais), escrito em 1286, e posteriormente anexado à obra *Felix - o livro das maravilhas*, características que propiciam o entendimento de que Lúlio teve contato com uma das obras mais lidas durante o século XIII: a obra *Roman de Renart*, Conto da Raposa (BONNER, 1989, p. 13), cujo protagonista era Renart – a raposa, ou que tenha conhecido alguma das versões da obra *Kalila e Dimna*⁴⁸, que foi traduzida para o castelhano e para o latim. Esta possuía várias passagens utilizando o bestiário medieval e animais como o leão e a lebre, entre outros.

Lúlio aproveita-se desses conhecimentos e utiliza os exemplos, as ações e as intenções dos animais para refletir as atitudes humanas e, assim, ensinar sobre a moral no ambiente político de seu tempo, servindo de instrução aos reis, aos clérigos e ao povo. Lúlio tirou alguns deles do fabulário oriental, principalmente do Livro de Kalila e Dimna (*Kalila wa Demna*)⁴⁹, mais conhecido sob o nome de Fábulas de Pilpai (ou Bidpai). Outros são frutos exclusivos da fértil criatividade do próprio autor (JAULENT, 2009).

Segundo Jaulent (2009), a obra *Kalila e Dimna* foi originalmente escrita em sânscrito, também chamada de *Panchatantra*, ou “cinco casos de sabedoria”. Foi desenvolvida a pedido de um rei que se preocupava com a educação e formação moral dos três jovens príncipes. A obra *Panchatantra*, que ocultava grande sabedoria com lições baseadas nas fábulas de animais, ajudaria a formação de príncipes no caminho da sabedoria para governar justamente seu povo.

No livro dos animais, Lúlio fez uso dos crimes, da maldade, da astúcia e da agilidade de pensamento da raposa para representar os instintos e os pensamentos mais intrínsecos do ser humano, quando perde os princípios virtuosos e utiliza as vicissitudes para conseguir os objetivos almejados. Os animais, nessa obra, são uma projeção dos instintos e dos pensamentos do homem. O animal um ser

⁴⁸ Obra que conta várias fábulas utilizando o bestiário medieval e animais como o leão e a lebre, entre outros, com o intuito de levar um conteúdo educacional que trabalha lições de conteúdo moral. Disponível em:

<https://archive.org/details/fablespilpay00mitfgoog/page/n118>. Acesso em: 1 nov. 2018.

⁴⁹ Sobre a obra ver http://www.wikiwand.com/pt/lbne_Almocafa#/citenotelrwin20063. Acesso em: 1 nov. 2018.

irracional, porém, na obra, os animais agiam com a racionalidade humana e nos levam a refletir sobre os aspectos sociais, políticos e culturais da época. Segundo o comentário de Jaulent (2009), no prólogo da tradução da obra para o português:

Como em todas as obras do mestre de Maiorca, a inteligência do leitor é continuamente posta à prova, dado que terá de realizar sozinho o trabalho de extrair de cada exemplo a lição universal que encerra e que, ao fim das contas, é o que construirá o fio medular da narrativa. (JAULENT, 2009, p. 4).

Lúlio utilizou os animais e sua estrutura social como pano de fundo para tratar de assuntos e de valores muito importantes em sua sociedade e educação do homem, buscando desenvolvê-lo no caminho reto que conduz ao bem, à verdade e a Deus. Valores que ele pensava estarem se perdendo entre os homens.

Segundo Jaulent (2009), analisar as atitudes dos animais era uma forma de analisar as atitudes dos homens de seu tempo. A obra utilizou o mundo animal, as virtudes e os vícios presentes na corte do rei leão e seus membros para representar as relações existentes na corte do Rei Felipe, “o belo”, e suas relações com o povo e seus conselheiros.

Servindo-se do simbolismo das bestas, Lúlio fará desfilar diante do leitor a intriga, a ideologia, o adultério, a mentira, enfim todas as mazelas que amargam a sociedade dos homens quando estes, incoerentes com a sua condição racional, deixam se subjugar pela sensibilidade cega. (JAULENT, 2009, p. 3).

Essa Fábula seria a representação do mundo social, cujo narrador denuncia a ordem estabelecida como reflexo da sociedade, pois a fábula refere-se a algumas estruturas sociais e psicológicas presentes no espaço e no tempo do qual deseja falar. Ela nos remete a uma sociedade animal tão hierarquizada quanto à sociedade humana. Sua simbologia zoomórfica são metáforas das paixões humanas (BATLLORI, 1957).

A natureza é um reflexo das relações humanas, o mundo dos animais mostrando as relações do mundo dos homens. A representação da natureza presente na obra *Félix* mostra a visão do homem medieval de que ela não está posta por Deus para servir somente ao homem, seus desejos e suas necessidades, mas possui uma função mais complexa e bem superior, a de que o homem conheça a verdade de Deus por Sua criação, presente em tudo o que existe no universo: “[...] Señores - dijo la Zora - , cuando Dios creó el mundo, no lo creó con la intención de

que el hombre fuese conocido y amado, sino que lo hizo para que el fuese amado y conocido por el hombre [...]”⁵⁰ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 165).

Alguns animais na obra eram mais domesticados e civilizados, e não condiziam com o uso exacerbado do seu eu mais selvagem, seriam uma representação dos homens que agem de maneira mais racional e menos instintiva perante a sociedade. Já os animais mais selvagens ainda preservavam características mais primitivas e menos civilizadas, como o homem que agia mais voltado aos seus instintos do que à razão. Outros fracos fisicamente; no entanto, possuidores de grande inteligência e astúcia que os possibilitavam atingir várias conquistas, sem a necessidade do uso da força. Uma forma de Lúlio demonstrar sua posição em relação ao uso da racionalidade pelo ser humano, que deve sempre superar as reações e ações mais instintivas, pois é exatamente a racionalidade a característica fundamental que diferencia o homem dos demais animais.

Usando o episódio da eleição do rei dos animais, uma análise do porquê haver interesse da raposa em eleger o leão como rei: “Y ellos no debían creer a la Zorra en cuanto a la elección del rey; ya que la Zorra prefiere que sea rey el León porque ella vive de los restos que deja el León cuando ha devorado su presa y que no convienen a su nobleza [...]”⁵¹ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 166).

Como no reino dos animais, no mundo dos homens também existem interesses em decisões de determinação de poder e de cargos. Na obra, foi citado o exemplo da escolha do rei, deixando ao leitor uma reflexão de como interesses pessoais podem ser utilizados na escolha de dirigentes, sejam eles políticos ou religiosos, em detrimento de uma verdadeira análise das condições que o candidato possui em relação ao cargo e às ações inerentes a ele. Assim como na escolha do rei, em que a raposa não se importava se o leão seria o mais virtuoso a comandar ações para o bem-estar do reino dos animais, também na escolha do clérigo, aquele que conduziria as ovelhas ao melhor caminho para se chegar à verdade de Deus, poderia ser um homem de poucas virtudes e cheio de vícios.

En una catedral habia elecciones y en aquel capítulo habia disensión
acerca de la elección de abispo, puesto que unos canónigos querían

⁵⁰ “Senhores, disse a Raposa, quando Deus criou o mundo, não o fez para que o homem fosse conhecido e amado, e sim para que Ele fosse amado e conhecido pelo homem” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 165, tradução nossa).

⁵¹ “E eles não devem acreditar na raposa em termos da eleição do rei; já que a raposa quer que o leão seja rei porque ela vive dos restos deixados pelo Leão quando ele devorou sua presa e isso não combina com sua nobreza” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 166, tradução nossa).

que fuese abispo el sacristán de aquella iglesia, que era un letrado muy versado en letras y abundada en virtudes. El arcediano creía que iba a ser elegido obispo y el chantre, otro tanto, y se oponían a la elección des sacristán y estaban de acuerdo en que fuese obispo un sencillo canónigo, que tenia buena presencia y no tenía grandes conocimientos. Aquel canónigo, era fraco de espíritu y muy lujurioso.⁵² (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 166).

Além disso, a obra leva-nos a pensar sobre a organização do poder temporal, neste caso representado pelo monarca, com a metáfora do reino das bestas. O rei não governava sozinho; para tanto, possuía conselheiros que o auxiliavam nas tomadas de decisões, já que várias visões sobre um diferente tema trariam para o rei a possibilidade de analisar uma determinada ação sobre diferentes aspectos.

Na Idade Média, os homens entendiam que, se o rei não fosse um homem realmente honrado e virtuoso, Deus enviaria a ele e a seu povo doenças, guerras ou catástrofes naturais que o impediriam de bem governar. Essa ideia fica clara na seguinte passagem:

Senhores, es vuestra voluntad que yo sea rey. Sabed todos que el oficio de rey es myu peligroso y exige gran esfuerzo: es peligroso puesto que por los pecados del rey ocurre muchas veces que Dios envía a la tierra hambre enfermedades, gerras y muerte: y hace lo mismo cuando peca el pueblo. Y por ello es arriesgado para el rey gobernar y su reinado es algo peligroso para todo su pueblo. Y como es una gran carga para el rey gobernarse a si mismo y a su pueblo, por eso os ruego que me deis consejeros que me ayuden y que me aconsejen de tal modo que suponga la salvación mía y de mi pueblo. Los consejeros que me deis os ruego que sean hombres sabios y leales, tales que sean dignos de ser consejeros y estén al nivel real.⁵³ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 169).

Assim o rei contaria com a ajuda de conselheiros em decisões mais corretas para administrar a vida do seu povo. Para Lúlio, era essencial que os conselheiros reais fossem homens virtuosos, desprovidos de orgulho e ganância e que pudessem

⁵² “Em uma catedral, havia eleições e naquele capítulo havia discordância sobre a eleição do bispo, uma vez que alguns cônegos queriam que o bispo daquela igreja fosse um bispo, que era um homem bem versado em letras e cheio de virtudes. O arcediogo acreditava que ele seria eleito bispo e o mestre do coro da catedral, eles se opuseram à eleição do sacristão e concordaram que um simples cônego deveria ser um bispo, que ele tinha uma boa presença e não tinha grande conhecimento. Aquele cônego era fraco de espírito e muito luxurioso” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 166, tradução nossa).

⁵³ “– Senhores, é vossa vontade que eu seja rei. Todos sabem que o ofício de rei é muito perigoso e exige grande trabalho: é perigoso porque pelos pecados do rei muitas vezes Deus envia fome e doenças, morte e guerras à terra: o mesmo faz quando o povo peca. E, portanto, é arriscado para o rei governar e seu reinado é perigoso para todo o seu povo. E como é um grande fardo para o rei governar a si mesmo e ao seu povo, peço-lhes que me deem conselheiros que me ajudem e me aconselhem de tal maneira que isso suponha a minha salvação e a do meu povo. Os conselheiros que você me dá, Peço-lhe que seja um homem sábio e leal, digno de ser conselheiro e que esteja no nível real” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 169, tradução nossa).

inferir em decisões que ajudassem o povo a ter uma vida digna e honrada. Para isso, o autor compara a necessidade de esses conselheiros serem tão virtuosos e necessários ao rei como os apóstolos foram ao trabalho de Cristo, em levar a verdade da fé e a caridade, bondade aos homens.

Apesar disso, como na fábula dos animais, os reinados possuíam em seus conselhos tanto homens de bem como aqueles que, como a raposa, queriam algum cargo como forma de conseguir mais poder e desfrutar das glórias e das benesses da corte do rei, pensando mais em benefício próprio do que no do povo.

Según está escrito en el Evangelio, Jesus Cristo, que es rey de cielos y tierra, quiso tener en este mundo amistad y compañía de hombres sencillos y humildes. Por eso eligió a los apóstoles, que eran hombres sencillos y pobres , para significar que los ensalzaría a través de su virtude y que ellos fueran má humildes. En oposición a todos vosotros, señores , digo que a mí me parecería mejor que el rey tuviera en so consejo animales sencillos e humildes, a fin de que no se enorgulleciesen por poder ni por linaje y no quisieran equipararse con el rey; y que los animales sencillos, que comen hierba , fuesen ejemplo de esperanza y humildade.⁵⁴ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 169).

Nesta fábula, Lúlio apresentou a figura da raposa como um ser capaz de se utilizar arditamente de grandes maquinções para suplantar o rei leão e a ordem de poder estabelecida. Para isso, ela não se eximiu de utilizar a sua influência para por medo aos demais animais e assim obter muitas conquistas.

No entanto, seu maior desejo era de acabar de vez com a vida do rei. Para tanto, procurou o convencimento de outros conselheiros. Contudo, os animais, como o elefante e o javali, manifestaram seu espírito de justiça e de fidelidade para manter o seu rei e protegê-lo contra um plano maldoso. A traidora e infiel raposa sucumbiu pelas mãos do próprio rei leão, que, no fim da história, dá um urro, uma metáfora da libertação da má influência que a raposa exercia sobre ele. A raposa usou de todos os artifícios possíveis e da crueldade extrema para ter o poder. Ela se tornou vítima de sua própria ambição excessiva, mas, antes disso, cometeu grandes atrocidades.

⁵⁴ “Como está escrito no Evangelho, Jesus Cristo, que é o rei do céu e da terra, queria ter neste mundo amizade e companhia de homens simples e humildes. É por isso escolheu os apóstolos, que eram homens simples e pobres, para significar que eu os exaltaria por meio de suas virtudes e que eles seriam mais humildes. Em oposição a todos vocês, senhores, eu digo que seria melhor para mim se o rei tivesse em seu conselho animais simples e humildes, de modo que eles não se orgulhassem de poder ou linhagem e não queiram ser equiparados ao rei; e que os animais simples, que comem grama, fossem um exemplo de esperança e humildade” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 169, tradução nossa).

Com o enredo, Lúlio mostra como a sociedade medieval se estabelecia apoiada pelas pessoas comuns, cuja oposição mais aparente ocorria entre os animais carnívoros (os dominantes) e herbívoros (oprimidos, trabalhadores e humildes).

Quando el Oso, la Pantera e el Leopardo hubieron oído el ejemplo que la Zorra había dicho, tuvieron mucho miedo del León y accedieron a su elección y consintieron en que el León fuese rey. Por la fuerza del Oso y de los otros animales carnívoros, a pesar de los que comen hierba, fue elegido como rey el León, que dio licencia a todas las bestias que vivian de carne para que comiesen y viviesen de las bestias que comen hierba.⁵⁵ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 167).

Nesse trecho, é possível observar a relação de força e de poder na sociedade dos animais e espelhá-las nas relações humanas. O leão um rei, que, na simbologia do arquétipo medieval, representava a soberania. Já os animais herbívoros estariam como a representação dos homens comuns, camponeses e subalternos, e serviam como alimento para os carnívoros.

Aqueles que buscavam a salvação do sacrifício no homem tinham nele sua proteção, mas como nada na sociedade ocorria gratuitamente, eram, por ele, explorados covardemente. Para o boi, por exemplo, o homem era o pior predador, “[...] é no mundo a criatura que abriga o maior mal”. Essa sociedade representa a relativização e a instabilidade das relações sociais mediante interesses.

O gato e o cachorro, diretamente ligados ao rei, sendo seus servos pessoais e que deveriam ter uma posição de mais prestígio, foram entregues a homens de interesses. O cachorro entregue a um caçador para servi-lo, e o gato, a um trapeiro, que, na Idade Média, significava ser esfolado para vender sua pele. O leão usou seu poder de monarca e com um grande rugido ordenou furiosamente ao coelho e ao pavão que lhe revelassem a verdade. Sabendo de todo o plano, o rei, pessoalmente, matou a raposa traidora.

Durante toda a obra, Lúlio trata de assuntos que considerava relevantes para a sociedade em que vivia. Pelos exemplos, ofereceu aos homens a oportunidade de refletir sobre sua ação moral e espiritual. Temas como: a eleição de clérigos e reis,

⁵⁵ “Quando O urso, a pantera e o Leopardo compreenderam o exemplo que a raposa havia dito tiveram muito medo do leão concordaram com sua escolha e quiseram que o Leão se tornasse rei. Pela força do Urso e das demais feras carnívoras, e a despeito dos animais herbívoros, elegeu-se rei ao Leão, que logo permitiu a todos os animais carnívoros que comessem e vivessem dos animais herbívoros” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 167, tradução nossa).

as más atitudes e vícios de reis (que representavam o poder temporal na terra) e clérigos (que representavam o poder de Deus entre os homens), exemplos morais da corrupção dos costumes sociais.

A moral dessa obra estava em alertar os reis contra os maus conselheiros e procurar ouvir os bons e fiéis conselhos. Esse objetivo fica bem claro ao fim do capítulo em que Lúlio afirma:

Acabado queda el Libro de los Animales, el cual llevó Félix a un rey para que viese la maneira según la cual - através de lo que hacen los animales - está representado cómo debe reinar el rey y se debe guardar de consejo malvado y de hombres falsos.⁵⁶ (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 215).

É possível perceber, nas entrelinhas, que essa obra foi dedicada a um rei, pela época e pelo contexto em que vivia Lúlio, referia-se ao rei Filipe IV da França (JAULENT, 2009). O monarca Iuliano está sujeito a maus conselheiros, fruto da corrupção humana e que pode ser deixado levar por eles ou usar sua própria consciência para proceder no bem.

Assim, Lúlio utilizou sua obra literária para educar moralmente seu ambiente social e político no desenvolvimento de valores importantes para o bom governo de uma sociedade. O monarca, como um homem inteligente e moralmente desenvolvido, com a função de gerir seu governo com a intencionalidade de prover uma boa qualidade de vida a seu povo. Para tanto, havia a necessidade de ser honrado e capaz de lidar com sabedoria com os conselhos que recebesse, agindo racionalmente em busca do bem comum. Os clérigos deveriam agir com a responsabilidade dada por Deus, em educar moralmente os homens e disseminar o conhecimento sobre a fé católica. Aos homens comuns, a educação e os exemplos necessários para se desenvolverem em virtudes, educando seus sentidos corporais para evitar os vícios e percorrerem uma reta conduta durante a vida terrena, buscando a salvação da alma em uma vida eterna.

⁵⁶ “Está terminado o *Livro dos animais*, no qual Félix deu a um rei para que visse a maneira segundo a qual fazem as bestas, e entenda o significado de como o rei deve reinar e deixar-se guardar de malvado conselho e de falsos homens” (LÚLIO, Félix - o livro das maravilhas, VII, 215, tradução nossa, grifo nosso).

4.3 UM REFERENCIAL PARA TRABALHAR AS FÁBULAS ENCONTRADAS NO LIVRO DOS ANIMAIS

Apresentamos aqui uma proposta de trabalho com as fábulas a partir de atividades que possibilitem o desenvolvimento dos alunos como leitores e produtores de conhecimento. Como leitor, as atividades podem auxiliar a desenvolver nele habilidades para que possa interagir com as informações implícitas e explícitas de cada texto, bem como reconhecer o gênero textual Fábula e seus respectivos objetivos. Torna-se importante destacarmos ao nosso leitor que essas atividades utilizando as releituras de fábulas são apenas uma sugestão para futuros professores e leitores deste trabalho. Elas não foram objeto de pesquisa com professores e alunos.

Para desenvolver atividades utilizando as fábulas em sala de aula, pensamos que, inicialmente, os alunos devam ser apresentados a algumas fábulas contadas oralmente pelo professor. Assim, buscamos a exposição dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero, questionando, inclusive, como essas histórias chegaram até eles, se por meio da família ou de outros locais além da escola. Dessa maneira, o aluno tem a possibilidade de compreender o gênero fábula como uma construção social e cultural. Sugerimos, então, apresentar a leitura da Figura 4 a seguir e assistir, com os alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais, à simulação da Fábula *A Tartaruga e a Lebre*, encontrada no portal educacional Dia a Dia Educação.

Figura 5 - Fábula A Tartaruga e a Lebre



Fonte: Portal Dia a Dia Educação (2010).⁵⁷

Após, instigar os alunos na busca dos conhecimentos prévios que eles tenham em relação ao gênero textual por meio de algumas perguntas como:

- Alguém conhece os animais que aparecem nesta imagem?
- Falem uma característica de cada animal da história.
- Eles fazem vocês se lembrarem de alguma história conhecida? Qual?
- Qual parte da história vocês mais gostam?
- Essa história é uma Fábula. O que você sabe sobre fábulas?
- Quem se identifica com a lebre? E com a tartaruga? Como? Quais as características semelhantes?

Depois dessa abordagem inicial, os alunos poderão conhecer mais sobre as características principais do gênero, como surgiu e como ele pode ser contado. Feito isso, ler a Fábula O Leão e a Lebre (Figura 5) para leitura.

⁵⁷ Imagem disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/objetos_de_aprendizagem/PORTUGUES/atargarugaalebre.swf. Acesso em: 10 nov. 2018.

Figura 6 – Fábula O Leão e a Lebre



Fonte: *Kalila wa-Dimna, Syrian manuscript*. Biblioteca Nacional da França.⁵⁸

O Leão e a Lebre

Deu-se num país que todos os animais concordaram em oferecer diariamente um animal ao leão para que não se desse ao trabalho de caçar. Com isso ele os deixava em paz.

A cada dia os animais tiravam a sorte e o sorteado entregava-se ao leão, que o devorava.

Um dia a sorte recaiu sobre uma lebre que, temerosa de morrer, retardou até o meio dia a hora de ir ao leão. Tomado de fome excessiva, irritou-se muito o leão com o enorme atraso da lebre e lhe perguntou por que demorara tanto. Desculpando-se, disse a lebre que havia perto dali um leão que se dizia rei daquele país e que tentara apanhá-la.

Furioso, e cuidando fosse verdade o que ouvia, pediu que ela lhe mostrasse o leão. Saindo à frente do leão que a seguia, a lebre chegou a uma grande reserva de água que formava uma bacia rodeada de altos muros por todos os lados. Aproximando-se da água, as sombras da lebre e do leão surgiram na superfície. Disse ela então:

_ Senhor, eis na água o leão que deseja comer uma lebre!

Julgando o leão que sua sombra fosse outro leão, pulou dentro d'água e atracou-se em combate com ele: acabou morrendo na água, graças à astúcia da lebre.

Raimundo Lúlio - "O Livro das Bestas".⁵⁹

⁵⁸ Imagem disponível em: http://expositions.bnf.fr/livrarab/gros_plan/illustres.htm. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁵⁹ Texto disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByTKqriFG9TeZ1VvdWI6SE5TSnM/view>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Pode-se, então, realizar os seguintes questionamentos com os alunos:

- Pelo que estudamos sobre fábulas, vocês acreditam que esse texto é uma fábula? Onde podemos encontrar textos como esse?
- É possível perceber alguma diferença entre as personagens desse texto e os personagens (animais) que vemos nos noticiários de jornal? Quais?
- O que esses animais têm de diferente dos animais que encontramos na natureza ou em nossas casas?
- O que você entendeu sobre a história lida?

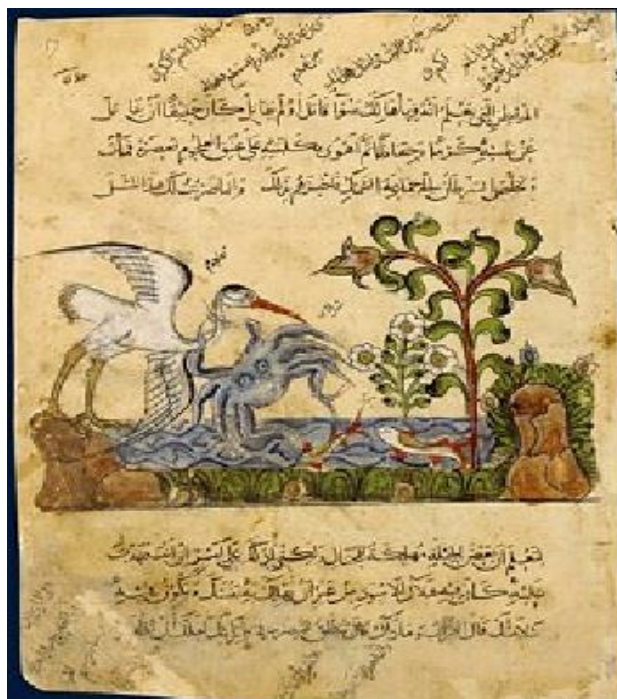
Torna-se importante para o professor em seus questionamentos ter ciência que a clareza metodológica ao propor atividades de leitura utilizando as fábulas está diretamente vinculada ao sucesso da formação do leitor. Isso influenciará no desenvolvimento da capacidade do leitor em se relacionar com o enredo, as personagens e as mensagens nele explícitas ou implícitas.

Pelas práticas de leitura utilizando as fábulas, o professor pode usar diferentes metodologias; pode. Por exemplo, agir dando à leitura o papel de disciplinador dos alunos, mostrando claramente o que está certo e errado nas ações das personagens. Por um lado, essa ação pode estar impregnada de conceitos e de ideologias próprias da cultura ou do mundo individual desse profissional. Essa forma de leitura possibilita a dogmatização de comportamentos ou a reprodução de ideologias já postas. Por outro lado, o aluno pode ainda ser exposto a atividades leitoras que despertem diferentes emoções e visões de mundo, relacionando as ações das personagens e o enredo da história com seu próprio mundo e sentimentos. Isso pode possibilitar a capacidade de desenvolver a formação de parâmetros individuais de análise do que se encaixa nos padrões de correto e de errado. Bases para avaliar sua própria conduta pessoal e dos outros, de acordo com os valores culturais de cada sociedade.

Como afirma Cosson (2007, p. 27): “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço [...]”. Assim, o aluno terá a oportunidade de, por meio de práticas de leitura significativas, desenvolver sua formação como sujeito intelectual, cultural, moral e eticamente mais humanizado. Nesse sentido, propomos algumas atividades de trabalho com as fábulas, na busca de desenvolver nos alunos não apenas sua formação leitora, mas também humana.

Em continuidade pode-se oferecer também, a Fábula “O Leão e a Lebre” para leitura.

Figura 7 – Fábula A Garça e o Caranguejo



Fonte: *Kalila wa-Dimna, Syrian manuscript*. Biblioteca Nacional da França.⁶⁰

A Garça e o Caranguejo

Vivia num lago uma garça há muito acostumada a pescar. A garça começou a envelhecer e devido à velhice a caça muitas vezes lhe escapava. Procurou ela então recorrer à esperteza e à astúcia, mas com isso acabou encontrando a própria morte.

Prosseguiu a Serpente:

__ Essa garça, senhor rei, passou um dia até o anoitecer na beira do lago, triste, sem decidir se a pescar. Espantado com a garça que não pescava como era seu costume, um caranguejo perguntou lhe por que estava tão pensativa. Chorando, respondeu lhe ela que tinha grande pena dos peixes daquele lago, dos quais há tanto tempo vivia e lamentava lhe profundamente a infelicidade e morte, pois dois pescadores pescavam noutro lago e decidiram que, tão logo terminassem, viriam para aquele.

__ Esses pescadores, dizia ela, são mestres na arte de pescar e nenhum peixe escapa deles: apanharão todos os peixes deste lago.

Ouvindo tais palavras, assustou-se o caranguejo e foi prevenir os peixes do lago que, reunindo-se vieram à garça pedir lhe conselho:

__ Só existe uma solução: que eu vos leve a todos, um por um, para um lago distante uma légua daqui. Nele há muito caniço e abundância de lodo, o que impedirá os pescadores de fazer lhes mal.

Tiveram os peixes por boa a solução e assim, todos os dias, a garça apanhava quantos peixes desejava e, fingindo levá-los ao lago, pousava numa colina, comia-os, voltando depois para pegar outros.

Nisso ela se ocupou durante longo tempo, vivendo sem ter o trabalho de pescar. Um dia, pediu o caranguejo que ela o transportasse para o outro lago. A garça estendeu o pescoço e o caranguejo agarrou-se a ele com suas duas mãos. Enquanto a garça voava, tendo preso ao pescoço o

⁶⁰ Imagem disponível em: http://expositions.bnf.fr/livrarab/gros_plan/illustres.htm. Acesso em: 10 nov. 2018.

caranguejo, este se espantava de não ver o lago para onde supunha que a garça o levava. Ao se aproximarem do lugar onde ela costumava comer os peixes, o caranguejo viu as espinhas dos peixes comidos por ela e deu se conta do logro.

Então pensou consigo mesmo: “É bom que escapes desta traidora que te vai comer, enquanto tens tempo”. Então apertou fortemente o pescoço da garça, partindo a e fazendo a tombar morta em terra. Ao voltar para seus companheiros, o caranguejo contou a traição praticada pela garça e que acabara levando- a à morte.

Raimundo Lúlio - “O Livro das Bestas”⁶¹.

Feita a leitura, o professor pode esclarecer aos alunos que os animais são escolhidos nas fábulas por suas características. Assim sendo, pode-se perguntar: Nessa história, os animais citados a seguir representam que tipo de comportamento humano?

- A garça
- O Caranguejo
- O Leão
- A Lebre
- Os Peixes

Perguntar aos alunos também: Quando a garça se propõe a ajudar a salvar os peixes, o caranguejo fica meio desconfiado de sua prestatividade. Na natureza, qual é a relação entre:

- A garça e os peixes.
- O homem e os peixes.
- O leão e a lebre

Nas fábulas, os animais são escolhidos pelas características que lhe são atribuídas pelos homens. Essas características estão relacionadas ao jeito de viver de cada animal na natureza, por exemplo: o leão é temido pela sua ferocidade e força; a tartaruga pela sua lentidão etc. Em outros momentos, elas servem para comparar o comportamento dos animais com o dos seres humanos. Nesse sentido, o professor pode pedir aos alunos que observem as características a seguir e relacione-as às de cada animal já apontada pelos alunos na atividade anterior.

- Força e coragem.
- Rapidez.
- Malvadez.

⁶¹ Texto disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByTKqrIFG9TeZ1VvdWI6SE5TSnM/view>. Acesso em: 10 nov. 2018.

- Tolice e acredita em tudo.
- Esperteza.
- Perspicácia.

O docente pode, ainda, questionar os alunos:

- Em nossa sociedade, existem pessoas de bom coração e que, por isso, são fáceis de enganar, como os peixinhos do texto? Justifique sua resposta.
- Podemos dizer que existem pessoas em nossa sociedade com comportamento e atitudes semelhantes aos da garça? Justifique sua resposta.
- Na história do leão e da lebre, o destino da lebre já estava praticamente certo: seria devorada pelo leão. Como ela foi capaz de mudar seu destino?

Uma proposta de trabalho complementar com as fábulas pode ser a teatralização. Nesse caso, mais especificamente, uma animação, em que o aluno pode entrar em contato com as tensões das personagens, seus sentimentos e, assim, formar conceitos importantes de comportamentos e atitudes. Nessa proposta, os alunos podem utilizar o *software* educacional *Scratch*⁶² para criar personagens, bem como suas respectivas falas e tensões por meio de uma linguagem de programação, pois encontramos nesse *software* a oportunidade de criar animações das fábulas das narrativas lulianas. Com essa atividade, os alunos podem entrar em contato com as emoções das personagens, suas ações, podem desenvolver as características psicológicas e até mesmo físicas de cada um e relacioná-las com sua própria vida. Assim, por meio do uso do *software* educacional *Scratch*, além de desenvolver a habilidade de programação em *logo*, o aluno pode fazer uma releitura e reprodução das fábulas narradas no Livro dos animais.⁶³

Por fim, antes de tecermos as conclusões desta pesquisa, é importante enfatizarmos que acreditamos que a literatura possibilita o desenvolvimento de

⁶² Esse *software* educacional gratuito foi desenvolvido pelo grupo *Lifelong Kindergarten* no *Media Lab* do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Ele é baseado na linguagem *logo*, com uma interface de fácil compreensão e manipulação. Ele permite que pessoas de diferentes idades, inclusive crianças, criem e compartilhem histórias interativas, jogos e animações. Os alunos que usam o *Scratch* aprendem a encaixar blocos como um quebra-cabeça de maneira lógica, permitindo trabalhar desde a construção de jogos interativos até textos diversificados. Esse aprendizado perpassa diversas áreas do conhecimento de maneira lúdica e interativa. *Software* disponível em: <https://scratch.mit.edu/studios/61987/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁶³ Um exemplo da animação da fábula encontra-se disponível em: <https://scratch.mit.edu/projects/314147996/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

emoções e conteúdo que auxiliem o aluno em sua formação. As obras Lulianas, neste caso mais específico as fábulas, podem desenvolver nos alunos emoções e atitudes que os tornem mais envolvidos com a realidade social em que vivem, de modo que eles possam desenvolver conceitos importantes para sua atuação como sujeitos sociais críticos e ativos em busca da melhora da sociedade em que vivem.

5 CONCLUSÃO

Desenvolvemos este trabalho com o intuito de analisar a obra *Félix - o livro das maravilhas*, escrita por Raimundo Lúlio como uma proposta educacional para a formação moral e social do homem medieval. Nosso intuito foi analisá-la como uma proposta de educação que formasse no homem fundamentos de moral baseadas na concepção luliana de virtudes e de vícios, em uma educação pautada no uso da razão.

Nossa pesquisa norteou-se pelo caminho da História Social, uma vez que utilizamos a obra literária produzida por Lúlio como uma fonte de pesquisa sobre o contexto histórico dos séculos XIII e XIV, bem como o pensamento do filósofo catalão. O contexto social da Ilha de Maiorca, situada onde atualmente encontram-se as ilhas Belares e que foi explorada na primeira seção deste trabalho.

Buscamos uma aproximação entre as tensões que se passavam naquele contexto que acirraram disputas territoriais e religiosas entre cristãos e muçulmanos. Essas características foram de grande influência para a vida e obra de Lúlio.

Foi possível compreender um pouco mais sobre a proposta educativa de Lúlio, abordando seu conceito de virtudes e de vícios bem como a proposta de trabalho que propunha com sua Arte. Em *Félix*, Lúlio apresentou-nos sua preocupação e crítica à proposta missionária de seu tempo, como uma generalizada carência de uma proposta cristã e missionária autêntica, pois muitos doutores de teologia e dirigentes da igreja estavam, segundo ele, mais preocupados com banquetes e festas do que realmente em dedicarem-se a uma obra missionária. Seu incômodo com a questão do padrão moral e espiritual de seus contemporâneos levou-o a uma formação humana mais virtuosa. Para tal fim, ele buscou nos preceitos de sua Arte mecanismos para formar homens capazes de ajudar no desenvolvimento das virtudes entre a sociedade.

Com a análise da obra *Félix - o livro das maravilhas*, vimos que, por meio dos fatos narrados nas andanças da personagem Félix, Lúlio demonstrou ao leitor os princípios de sua Arte, estabelecendo certa relação natural e ontológica, baseando-se nas concepções filosóficas e aceitáveis como a dependência lógica que se estabelece entre a causa e seus efeitos, entre o mundo material e espiritual por meio dos atributos ou dignidades divinas. Essas dignidades descrevem essencialmente Deus como ser perfeito em todos os seus predicativos. Essas qualidades

superlativas e absolutas representam o ser supremo, valores que refletem sua perfeição e que funcionam perfeitamente como conceitos e ideais.

Por todas as narrativas do livro, temos presente a filosofia Luliana que parte de Deus e toda a realidade material e espiritual, que é explicada de acordo com o seu relacionamento com a divindade; além do envolvimento entre criador e suas criaturas, sendo a estas necessário seguir e conhecer as qualidades do criador para se desenvolver em virtudes.

Para Lúlio, por sua semelhança com o Criador, as criaturas também possuem as qualidades ou predicativos, porém encontra-se em cada criatura na proporção da escala de hierarquia na criação. Segundo ele, o homem é o mais importante ser da criação divina, seguido de animais e de plantas, além do corpo material, possui alma e inteligência, que os ajuda a agir racionalmente ante outras criaturas. Assim, dotado dessa capacidade racional, o homem tem o livre arbítrio para, por meio de seus atos, chegar o mais próximo possível dos atributos divinos. Dessa forma, observamos que, em Lúlio, o mal e as vicissitudes não estão na falta de predicativos do criador, mas, sim, em sua criação com a deficiência ou fraqueza dessas dignidades.

Desse modo, o mal não existe em Deus, mas, sim, nas suas criaturas que possuem a escolha e fracassam em alcançar a semelhança com o criador. O bem está no homem que age de acordo com o princípio das dignidades impressas por Deus. Aqueles que agem no bem assim conseguem o eterno prêmio na vida eterna, alcançar o paraíso. Usando esses preceitos, Lúlio deu a sua obra *Félix* uma característica educativa, na medida em que faz o personagem percorrer vários lugares e ter contato com diferentes seres da criação divina, relatando como as atitudes virtuosas e viciosas nos seres os levam a uma maior aproximação com o criador.

Concluimos que a leitura da obra *Félix* é uma oportunidade de usufruirmos da característica exemplarista das narrativas de Lúlio para a formação humana. Lúlio pensava nessa obra como a possibilidade de edificar uma sociedade e sugeriu um retorno das criaturas para seguir os exemplos das qualidades do criador. Para tanto, ele fez uma crítica social aos poderes espirituais e temporais, exercidos por clérigos e governantes, que deveriam ser exemplo de conduta moral à população. Como o homem é um ser social, pertencente a um grupo que vive em comunidade, Lúlio pensou em um projeto de educação e de transformação da sociedade.

Assim, por meio de suas ações, sejam elas desenvolvidas ou desprovidas de moral, alteraram esse espaço de convivência social. Essas ações foram, ainda, uma forma de exemplo para que outras ações virtuosas ocorressem. Sua intenção foi apresentar exemplos virtuosos e viciosos que ajudassem não somente a Félix, mas aos seus leitores e interlocutores, no desenvolvimento de posturas virtuosas, para que pudessem melhorar sua sociedade. Desse modo, o uso das virtudes poderia incentivar os homens a se relacionarem bem no seio da sociedade.

Com isso, buscamos na literatura luliana, a oportunidade de conhecimentos atemporais para a formação humana. A literatura permite a compreensão dos diferentes sentidos presentes no texto, de diálogo com as intencionalidades de seu autor e com o momento histórico no qual foi produzido, ajudando o leitor se identificar e se relacionar com o mundo, com as ações que o rodeiam e consigo mesmo, desenvolver uma maior humanização e sensibilidade.

Permite compreender alguns aspectos econômicos, sociais, ideológicos e educacionais, oportunizando meios de compreensão mais ampla sobre a sociedade, despertando diferentes emoções e visões de mundo. Em contato com seu mundo interior, o leitor confronta seus sentimentos e desejos mais latentes, construindo um equilíbrio emocional que o ajuda em seu crescimento intelectual e psíquico.

Acreditamos que a leitura possibilita o desenvolvimento de habilidades de interação com diferentes informações presentes em um texto, que propiciem a atualização e a construção de conhecimentos essenciais para uma formação mais crítica e cidadã.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

AGOSTINHO, Santo. O livre-arbítrio. Trad., introd. e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1997. I, 16, 35.

ALCORÃO SAGRADO. São Paulo: Tangará, 1975.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica. IIª Seção da IIª Parte**. Introdução e notas das virtudes teológicas por Antonin-Marcel Henri e da prudência por Albert Raulin. São Paulo: Loyola, 2004.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2009.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livro I. Tradução Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LÚLIO, Raimundo. **Obres Essencials I**. Barcelona: Editorial Selecta, 1957. p. 355-358.

LÚLIO, Raimundo. **Llibre de Contemplació**. Antologia (a cura de Josep Enric Rubio Albarracín). Barcelona: Editorial Barcino, 2009. p. 136-140.

LÚLIO, Raimundo. Vita coetanea. In: BUTIÑÁ, Júli; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. (eds). **Obres selectes de Raimundo Lúlio (1232-1316)**. Mallorca: Moll, 1989. v. I, III.

LÚLIO, Raimundo. Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon Llull, el fantàstic. In: BADIA, Lola **Teoria i pràctica de la literatura em Ramon Llull**. Barcelona: Edicions dels Quaderns Crema, 1991. p. 12.

LÚLIO, Raimundo. **Ars brevis**. Tradução A. Fidora. Hamburg: [s.e.], 1999.

LÚLIO, Raimundo. Apresentação. In: RAMON LLULL. **O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283)**. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2000.

LÚLIO, Raimundo. **Lúlio i l'Íslam: L'inici del diàleg**. Barcelona: La Magrama, 2008.

LÚLIO, Raimundo. **Doutrina para Crianças (1274 – 1276)**. Tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais UFES III. Vitória: Marfil, 2010.

LÚLIO, Raimundo. Libre de Home. In: BONNER, A. **Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)**. Palma, 1989.

LÚLIO, Raimundo. **Félix - o livro de maravillas**. Edição preparada por Júli Butiñá e Fernando Dominguez Reboiras. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, Universidade Nacional de Educación a Distância, 2016.

LÚLIO, Raimundo. O Livro da contemplação . In: LLULL, Ramon. **Obres Essencials** (OE). Barcelona, vol, II, 1960, p. 97-1258.

Estudos

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 277-326.

BATLLORI, Miquel. Introducció. In: LLULL, Ramon. **Obres Essencials**. Barcelona: Editorial Selecta, 1957-1960. v. I.

BATLLORI, Miquel. Introdução. In: BUTIÑÁ, Júli; DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. (eds). **Félix - o livro de maravillas**. Biblioteca de autores cristianos. Madrid: Universidade Nacional de Educación a distância, 2016. p.17-25.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONNER, Antoni. **Obres Selectes de Raimundo Lúlio (1232-1316)**. Mallorca: Editorial Moll, 1989. v. II.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental –Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAVO, Frederico. **Arte de ensinar, arte de contar**. En torno al exemplum medieval. Université de Bordeaux III, 1999. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/bravo/exemplum.htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. (org.). **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Noções de análise histórico – literária**. São Paulo: Humanitas, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Ricardo da. **A guerra na Idade média – um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica**. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

COSTA, Ricardo da. **Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo**. Vitória: EDUFES, 2002.

COSTA, Ricardo da. **A morte e as representações do além na doutrina para crianças** (c.1275) de Raimundo Lúlio. 2009a. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/morte-e-representacoes-do-alem-na-doutrina-para-criancas-c1275-de-ramon-LULIO>. Acesso em: 28 set. 2019.

COSTA, Ricardo da. **Ensaio de História Medieval**. Rio de Janeiro: Sétimo Solo, 2009b.

COSTA, Ricardo da. O papel do amor cortês e dos jograis na Educação da Idade Média Guilherme da Aquitânia (1071-1127) e Ramon Llull (1232-1316). In: CASTRO, Roberto C. G. (org.). **O Intérprete do Logos**. Textos em homenagem a Jean Lauand. São Paulo: Factash Editora ESDC, 2009c. p. 231-244.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. **El discurso luliano sobre María**. Gli Studi di Mariologia Medievale Bilancio Storiografico. Atti del I Convegno Mariologico della Fondazione Ezio Franceschini con la collaborazione della Biblioteca Palatina e del Dipartimento di storia dell'Università di Parma (a cura di Clelia Maria Piastra). Parma: Sismel, Edizioni Del Galluzzo, 7-8 novembre 1997.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. **Raimundo Lulio: la Fe Consciente**. 1998. Disponível em: http://www.hottopos.com/mirand6/raimundo_lulio_la_fe_consciente.htm. Acesso em: 20 nov. 2019.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DUBY, Georges. VI. A era do Feudalismo. In: DUBY, Georges. (org.). **Guerreiros e Camponeses – os primórdios do crescimento econômico europeu**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p. 179-180.

FALBEL, Nachman. A literatura polêmica judaico-cristã na Idade Média. **Revista de História**, São Paulo, n. 114, p. 95-105, 1983.

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

GAYÀ, Jordi. Els principis de L' Art luliana i lês seves definicions. **Taula**, n. 37, p. 53-71, 2002.

GIRARDI, Denny Robson. **Da Imaginativa**. Raimundo Lúlio, vida e obra, tentativa de análise e leitura. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2005.

FROMM, Erich. **O dogma de Cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (orgs.). **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HILLGARTH, Jocelyn Nigel. **Raimundo Lúlio i el naiximent del lulisme.** Barcelona: Abadia de Montserrat, 1998.

HUGO de São Vitor. **Opúculo sobre o mode de meditar.** Disponível em: http://www.documentacatholica.eu/d_Sociedade%20para%20o%20Ensino%20do%20Cristianismo%20-%20A%20Pedagogia%20Vitorina%20-%20PT.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

JAULENT, Esteve. O esse na ética de Raimundo Lúlio (Ramon Llull). **Veritas**, Porto Alegre, v. 40, n. 159, p. 599-621, 1996.

JAULENT, Esteve. Introdução. In: LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios.** Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 248.

JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: a cruzada e a luta contra o averroísmo. In: RAIMUNDO, Lúlio. **Escritos Antiaveroístas (1309-1311).** Do nascimento do menino Jesus. Livro da lamentação da Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 248.

JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: a cruzada e a luta contra o averroísmo. **Instituto Raimundo Lúlio: Estudos Lulianos**, 2001b. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data,_Instituto_Raimundo_Lulio,_Biblioteca_de_Estudos_Lulianos._Sabio_Catalao_Do_Seculo_XIV,_PT.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

JAULENT, Esteve. Prólogo. In: LÚLIO, Raimundo. O livro das Bestas. **Sociedade das Ciências Antigas**, 2009. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByTKqrIFG9TeZ1VvdWI6SE5TSnM/view>. Acesso em: 9 ago. 2018.

KOCH, Ingedore ; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.

LA FONTAINE . **Fábulas.** Lisboa: Temas e Debates, 1997.

LE GOFF, Jacques. **La Baja Edad Media.** Madrid: Siglo XXI, 1979.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval.** Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1984.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval.** Bauru: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade média.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa.** Petrópolis: Vozes, 2007.

- LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Fontes, 2008.
- LIBERA, Alain. **A filosofia medieval**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LOYN, Henry L. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita**. Livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARRONI, Paula Carolina Teixeira. **O Livro da ordem da cavalaria, de Raimundo lúlio: uma proposta de educação social pautada no modelo de conduta virtuosa**. Maringá, 2015. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2015%20-%20Paula%20Marroni.pdf>
- MATA, Santiago. **El hombre que demostró el cristianismo**. Madrid: RIALP, 2006.
- MCEVEDY, Colin. **Atlas de história medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MISCH, Georg. **Geschichte der Autobiographie, vierter Band, erste Hälfte, dritter Teil: Das Hochmittelalter in der Vollendung**. Frankfurt am Main. 1967.
- MONGELLI, Lênia Márcia. (coord.). **Trivium e Quadrivium: as Artes Liberais na Idade Média**. Cotia: Ibis, 1999.
- NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues. A criança. In: MATTOSO, José; SOUZA, Bernardo Vasconcelos. (orgs.). **História da vida privada em Portugal: a Idade Média**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. p. 260-299.
- OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: lócus de conflitos e de novos saberes. In: OLIVEIRA, Terezinha. (Org.). **Antiguidade e medieval: olhares histórico-filosóficos da Educação**. Maringá: EDUEM, 2008. p. 227-249.
- OLIVEIRA Terezinha. **A importância da leitura de escritos tomasianos para a formação docente**. Notandum, 2009.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Ensino e Debate na Universidade Parisiense do Século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio**. Maringá: Eduem, 2012.
- OLIVEIRA, Terezinha; PIZOLI, Rita de Cássia. O conceito de contemplação na educação monástica medieval: reflexões sobre Bernardo de Claraval. **Mirabilia** [online], v. 16, n. 1 p. 65-78, 2013.
- SANTIN, Rafael. **A proposta Tomasiana para a formação do educador no ocidente Medieval do Século XIII: o intelecto como o princípio essencial da**

sabedoria magistral. 2018. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval: uma introdução**. 3. ed. Cotia: Ateliê, 2007.

SAVIANI, Demerval. Importância do conceito de “clássico” para a pedagogia. In: TEIXEIRA JÚNIOR, Aguinaldo. (Org.). **Marx está vivo!** Maceió: [s. ed.], 2010. p. 15-28.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VENTORIM, Elaine. **As idéias políticas e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa**. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.